

*Esta edição é dedicada à valentia e perseverança,
instrumentos de nobreza do amor à vida.*

ISSN 2237-9762 n° 41

iátrico

Superação

Histórias inspiradoras





36

BEATLE GUERREIRO

Ringo e sua luta



08

HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO

Coragem para vencer



56

HOMEM ELEFANTE

Direito de viver e morrer

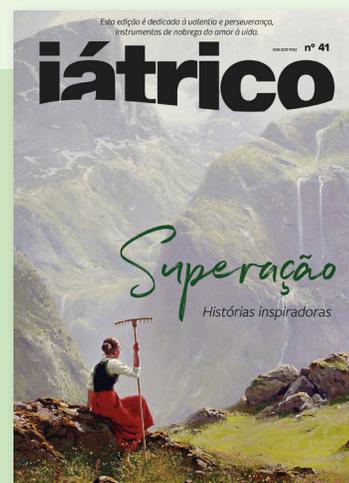


74

AMOR À MEDICINA

Nos passos de Lucas

A CAPA | A paisagem imponente e encantadora do norueguês Hans Dahl (1849-1937), com a sua tela *High In The Mountains*. A camponesa com sua ferramenta, na pausa do trabalho, contempla a imensidão de uma natureza tão generosa quanto misteriosa e desafiadora. Visível, ali, o ciclo das águas, que em sua forma líquida vai percorrer diferentes caminhos até alimentar o fiorde oculto ou o solo promissor. Tudo se completa, como nos vários ciclos da vida, rompendo obstáculos, adversidades. Ou criando atalhos. Como a personagem ali destacada, enxergamos ao limite do cenário esculpido. Ao além, surpresas e descobertas àqueles que não desistem da caminhada. O rastelo empunhado pode representar o trato com a terra e a retirada das impurezas que a cercam. A fé e a vontade de vencer. **i**



Superação! Saúde!

DR. ROBERTO ISSAMU YOSIDA

“**T**okiniwa kizutsuki, tokiniwa yorokobi”. Tradução livre: Há tempos de dificuldades e há tempos de alegria.

O tempo nos traz as respostas para tudo. Esse é o conceito de superação.

A lapidação de nossa caminhada depende das nossas imperfeições e das nossas marcas de superação.

Desfrutem da coletânea de histórias que permitem a reflexão e a esperança.

Celebrems a superação! 

IÁTRICO

Publicação do Conselho Regional de Medicina do Paraná

Edição nº 41 – segundo semestre de 2022.

Editor-fundador: Dr. João Manuel Cardoso Martins (*in memoriam* – 1947-2014)

Coordenador do Conselho Editorial: Dr. Roberto Issamu Yosida

Jornalista-editor: Hernani Vieira (Sindijor 816)

Jornalistas assistentes: Bruna Bertoli Diegoli e Nivea Miyakawa

Assistente de comunicação: Flavio S. Kuzuoka

Projeto gráfico e diagramação: Victória Romano

Revisão: Rômulo Cunha

Ilustrações especiais: obras do artista norueguês Hans Dahl (1849-1937)

COLABORE COM O IÁTRICO

Envie comentários, sugestões ou críticas para que possamos melhorar o conteúdo da revista. Artigos, crônicas, poesias, charges e cartuns serão bem-vindos para submissão à Comissão Editorial para publicação.

Nossa revista agora tem edição exclusivamente digital, atendendo a questões ambientais, praticidade e economicidade.

iatrico@crmpr.org.br

www.crmpr.org.br (publicações)

(41) 3240-4026 / 3240-4066

CONSELHO EDITORIAL

Roberto Issamu Yosida (CRM-PR 10.063)

Presidente do CRM-PR e Coordenador do Conselho Editorial da Revista. Especialista em Ginecologia e Obstetrícia.

Wilmar Mendonça Guimarães (CRM-PR 3.711)

Vice-presidente do CRM-PR. Pediatra, já presidiu o CRM-PR e Sociedade Paranaense de Pediatria.

Cecília Neves de Vasconcelos (CRM-PR 19.517)

Conselheira, coordenadora da Câmara Técnica de Cuidados Paliativos e gestora do Programa de Educação Médica Continuada do CRM-PR. Especialista em Clínica Médica e Hematologia e Hemoterapia.

Laura Moeller (CRM-PR 17.264)

Conselheira do CRM-PR e 1ª gestora do Departamento de Inscrição e Qualificação Profissional (DEIQP). Especialista em Clínica Médica e Reumatologia. Mestre em Medicina Interna.

José Clemente Linhares (CRM-PR 10.099)

Conselheiro do CRM-PR e coordenador das Câmaras Técnicas de Mastologia e de Cancerologia. Especialista em Oncologia e Mastologia, mestre em Cirurgia.

Paulo Roberto Cruz Marquetti (CRM-PR 5.171)

Especialista em Cardiologia e Medicina Intensiva e Mestre em Cardiologia. Médico intensivista do Hospital de Clínicas/UFPR, professor do Departamento de Clínica Médica e chefe da especialidade de Cardiologia.

José Eduardo de Siqueira (CRM-PR 2.732)

Especialista em Cardiologia. Professor do Curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Paraná/Campus Londrina. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Bioética e conselheiro do CRM-PR. É membro titular da Academia Paranaense de Medicina.

Carlos Augusto Sperandio Junior (CRM-PR 19.295)

Especialista em Clínica Médica, Geriatria e Medicina da Família e Comunidade. Integra a Câmara Técnica de Cuidados Paliativos do CRM-PR.

Valderílio Feijó Azevedo (CRM-PR 12.199)

Especialista em Clínica Médica e Reumatologia. Mestre em Medicina Interna e Doutorado em Ciências da Saúde. Professor adjunto da Universidade Federal do Paraná e chefe do Serviço de Reumatologia do HC. Foi diretor da Associação Brasileira de Medicina e Arte (ABMA).

Isaias Dichi (CRM-PR 7.529)

Especialista em Clínica Médica. Mestre e doutor em Fisiopatologia e Clínica Médica, é professor da Universidade Estadual de Londrina e revisor ou membro editorial de várias publicações científicas internacionais.

Renato Mikio Moriya (CRM-PR 8.254)

Especialista em Pediatria e Medicina do Adolescente. Mestre e doutorando em Ciências da Saúde da UEL. Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero (Unesp/Assis).

Hernani Vieira

Jornalista integrante do Departamento de Comunicação do CRM-PR. Editor da revista Iátrico.

COLABORADORES

Eduardo Zanchet (CRM-PR 15.040)

Especialista em Urologia. De Curitiba.

Fernanda Nicz

Escritora. Estudou cinema e jornalismo e atualmente reside em Portugal.

José Knopfholz (CRM 19.193)

Especialista em Clínica Médica e Cardiologia, mestre em Ciências da Saúde e Doutor em Medicina Interna. Professor de Cardiologia e Urgências da PUCPR, onde é coordenador do Curso de Medicina. É 2ºcorregedor do CRM-PR.

José Manuel Beltrán Torrez (CRM-PR 3.792)

Especialista em Cirurgia Geral e residente em Cirurgia Oncológica.

Kátia Sheylla Malta Purim (CRM-PR 10.363)

Médica dermatologista, mestre e doutora, professora da Universidade Positivo (UP) e conselheira do CRM-PR.

Marco Antonio Pedroni (CRM-PR 13.744)

Especialista em Ortopedia e Traumatologia, Professor assistente da Escola de Medicina da PU-CPR e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia - Regional Paraná.

Maria Ofélia Camorim Fatuch (CRM-PR 10.589)

Especialista em Pediatria e Alergia e Imunologia, Mestre em Pediatria/Doenças Respiratórias pela UFPR e integrante da Sobrames-PR.

Maurício de Carvalho (CRM-PR 9.469)

Especialista em Clínica Médica e Nefrologia. Mestre e Doutor em Medicina Interna, professor da UFPR e PUCPR e ex-chefe do Departamento de Clínica Médica da Federal do Paraná.

Orlei Kantor Junior (CRM-PR 7.576)

Especialista em Pediatria e com área de atuação em Pneumologia Pediátrica. Mestrado pelo Departamento de Pediatria da UFPR. É diretor da Clínica de Doenças Respiratórias da Infância e Adolescência (CDRIA).

Rodrigo Castello Branco Manhães Boechat (CRM-PR 20.072)

Especialista em Ortopedia e Traumatologia e atua em Curitiba.

Úrsula Bueno do Prado Guirro (CRM-PR 25.634)

Especialista em anesthesiologia, com área de atuação em cuidados paliativos. Mestre, doutora e pós-doutora em Bioética. É professora adjunta do curso de Medicina da UFPR. É conselheira do CRM-PR.

Varlei Antonio Serratto (CRM-PR 16.900)

Especialista em Clínica Médica e Reumatologia.

Vera Lúcia de Oliveira e Silva (CRM-PR 6.529)

Especialista em Clínica Médica e com atuação na Universidade Federal do Paraná.

Victória Ampessan Damas (CRM-PR 44.384)

Formada pelas Faculdades Pequeno Príncipe (2020).

A TRAVESSIA, AS ADVERSIDADES E OS ENSINAMENTOS

“Quem reflete a respeito de sua prática médica, sem medo de encarar inconveniências, tem melhores condições de avaliar o equilíbrio de seus direitos e deveres, verdadeiro apanágio da cidadania.”

JOÃO MANUEL CARDOSO MARTINS (1947-2014)

O mundo está repleto de exemplos de superação e, tal qual os enxergamos num horizonte sem fronteiras, eles estão presentes em cada um de nós, em todos os dias, em todos os momentos. Não há como estabelecer parâmetros ou balizas, eis que o passo dado, a atitude adotada, apresenta resultados individualizados frente a significações como vitória, triunfo, liberdade ou resiliência, compreendendo-se a necessidade de não perder a energia e nunca baixar a guarda diante de adversidades que podem ser intermitentes. Conquistas de sobrevivência para uns, coragem para continuar desafiando o misterioso universo da vida para outros.

Nesta edição da revista resolvemos explorar um pouco mais o alcance da palavra “superação”, fazendo para isso uma incursão no tempo e com personagens diversificados, alguns com suas trajetórias de força e perseverança já consagradas, outros compartilhando um pouco de sua luta, de enfrentamentos reais ante limitações físicas, emocionais ou comportamentais que se traduzem também na discriminação, no isolamento, na indiferença. Histórias auspiciosas e plurais que se oferecem à reflexão e podem dar sentido a essa batalha de vencedores, que assim o são mesmo quando, como legítimos guerreiros e não vítimas, ficaram por uma caminhada que se supunha mais longa.

Em se tratando de uma publicação originária do meio médico, há uma abordagem natural e espontânea no olhar científico de muitos desses casos examinados. Contudo, de forma paralela, não se ignora a fé, a energia e a esperança que movem a conduta desses “heróis”. Algo além da religiosidade que possa permeá-los. O físico britânico Stephen Hawking, retratado na edição, confessou-se ateu e guardião da ciência, mas mesmo com sua mente brilhante não conseguiu oferecer uma teoria sobre como subsistiu por mais de meio século a uma doença degenerativa diagnosticada quando ele tinha 21 anos e pronunciava morte iminente. Em 1985, ele estava em condições tão precárias de saúde que médicos teriam sugerido que fossem desligados os aparelhos que o mantinham vivo. A esposa acreditou em “milagre”. Hawking faleceu em 2018, aos 76 anos.

Assim como na história do cientista britânico, há sempre protagonistas ou coadjuvantes caminhando com os lutadores da hora, oferecendo apoio, incentivo, solidariedade, cumplicidade, renúncias, amor... A luz própria nem sempre permite mostrar a direção a seguir. A pandemia da covid-19 foi um exemplo disso. De um momento para outro a vida de todos nós ficou confusa, angustiante, incerta. A biruta sem vento perdeu o norte, acompanhando assim a

NAS PALAVRAS DE VIKTOR FRANKL, “QUANDO NÃO CONSEGUIMOS MUDAR UMA SITUAÇÃO, TEMOS O DESAFIO DE MUDAR A NÓS MESMOS”.

birutice na bússola; e o oxímetro resolveu ficar econômico, para nosso desespero. Do espólio da tragédia, o respeito às famílias e à memória de tantos guerreiros. E a homenagem aos médicos e demais profissionais de saúde tão engajados nesta guerra, muitos deles, infelizmente, fazendo parte da triste estatística.

É dessa conjuntura que temos de auferir os ensinamentos do processo de superação. Uma habilidade de prevenção e resiliência da qual podemos nos vestir, como em outros momentos de incertezas da humanidade. Muitos deixarão de contar com ela, seja pela ignorância, esquecimento ou comodidade. A maioria, porém, tende a fazer a sua escolha seguindo a travessia, sujeitando-se a sacrifícios, a doses de dor, renúncias, pressões. Afinal, esperar o acaso para se alinhar à sorte é expectativa de tropeço já no primeiro obstáculo. Na cartilha dos vencedores, má sorte é sinônimo de desesperança.

O neuropsiquiatra austríaco Viktor Frankl ensinou que “quando não conseguimos mudar uma situação, temos o desafio de mudar a nós mesmos”. No seu *best seller Em busca de sentido*, ele relata suas experiências nos campos de concentração nazistas e como usou seu método terapêutico, a logoterapia, para sobreviver. Viktor, que percorreu boa parte do mundo como conferencista e morreu em 1997, aos 92 anos, defendia que o sentido é aquilo que a vida demanda que façamos em cada circunstância concreta, no aqui e agora, em uma ação na qual não podemos ser substituídos. Enfim, que o sentido não pode ser atribuído aleatória e arbitrariamente por parte do indivíduo, mas deve ser garimpado das situações em que ele se encontra; e que não precisam ser nas extremadas.

Em linhas gerais, quis dizer que cada ser precisa dar sentido a sua vida, estabelecendo projetos ou perspectivas onde os pequenos percalços e experiências negativas se tornarão fontes impulsionadoras para seguir adiante com mais energia e motivações. Elaine Luzia dos Santos, podemos dizer, encabeça a parte da pirâmide reservada àquelas pessoas ousadas, diferenciadas e iluminadas pelo desejo de superação. Há pouco ela se formou em Medicina, pela Unioeste, apesar da tetraplegia e do uso dos olhos para se comunicar. Isso foi possível por processo que agrega uma pessoa disposta a vencer suas limitações a uma sociedade mais inclusiva, a um sistema formador mais humano e solidário.

A trajetória de Elaine, que já era formada em Farmácia e recebeu no segundo semestre de 2022 a sua carteira de médica, está presente nesta edição da revista *Iátrico*, assim como a de Moêma Espínola Araújo, de saudosa memória e cuja graduação em Medicina tem um intervalo de quatro décadas à de Elaine. E um abismo cultural e comportamental neste período. Moêma ficou cega durante o curso na Federal do Paraná, juntou energia para retomar e concluir o curso, mas o diploma e a possibilidade de exercer a atividade não vieram. Hoje, no Brasil, muitos médicos com deficiência, inclusive visual, têm legitimado o seu direito ao trabalho.

O processo de acessibilidade e inclusão do profissional de Medicina começou a ganhar corpo em 2016, em meio a uma campanha do CFM visando ao cadastramento de profissionais com algum tipo de deficiência. Já no começo 2017, nada menos do que 217 médicos tinham indicado alguma restrição física, sendo 12 no Paraná.

Do Caderno Verde

“A hereditariedade, como regra, não é uma condenação ao destino, mas uma ameaça”.

Parte de nosso destino vem inscrito nos genes; parte, interação com o meio. A doença pode alterar o destino. Não se muda ninguém. Quando muito, corrigem-se rumos. O destino está nos genes e no meio.

Novo levantamento do CFM, dois anos depois, mostrava que eram 512 os médicos com deficiência, 33 no Paraná. Prosperava, assim, a tão esperada conscientização que encontra raízes na Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, de 2008, e sua incorporação no Brasil por meio do Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei n.º 13.146/2015), dando assim ênfase ao Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência, instituído pela Lei n.º 11.133/2005 e consagrado em 21 de setembro.

O Código de Ética Médica vigente (2019) realça como direito do médico “exercer a medicina sem ser discriminado por questões de religião, etnia, cor, sexo, orientação sexual, nacionalidade, idade, condição social, opinião política, deficiência ou de qualquer outra natureza”. No mesmo capítulo, item XI, reforça que “é um direito do médico com deficiência ou doença, nos limites de suas capacidades e da segurança dos pacientes, exercer a profissão sem ser discriminado”. Essa nova percepção tem permitido o aumento substancial de profissionais que indicam alguma deficiência ou doença em seus cadastros, o que deve ser explicitado na próxima Demografia Médica, a ser em breve lançada.

Se na Medicina há um incansável esculpir enquanto Arte e Ciência, animados pela linguagem em suas muitas formas e provocando superações de seus atores, o mesmo fenômeno está presente nos demais campos artísticos, culturais e também esportivos. Na música, a conferir trajetórias como a do maestro João Carlos Martins, do *beatle* Ringo Starr ou ainda de Beethoven. Que tal a leitura com o fundo musical da coletânea do Guia de Bordo, do Prof. Marquetti?

Nas plásticas, temos o perseverante Arnulf Erich Stegmann, mentor da associação dos artistas que pintam a boca e o pé e que surgiu há 65 anos; o pós-impressionista Vincent van Gogh (homenageado na música *Starry, Starry Night*, de Don McLean, lançada em 1971 no álbum

American Pie); Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho; o norueguês Hans Dahl, com obras que ilustram esta edição; e ainda Johan Christian Dahl, fundador da era de ouro da pintura norueguesa e, para alguns, um dos maiores artistas europeus de todos os tempos. J. C. Dahl, filho de pescador e que não era parente de Hans, tem sua história marcada por superações, com perdas de familiares e um acidente que o inibiu de pintar por anos.

No cinema, a se juntar na coletânea do *Escurinho do Cinema*, do cinéfilo Isaías Dichi, a edição traz duas análises de filmes que não perdem a atualidade e seu sentido reflexivo: *Lixo Extraordinário* e *O Homem Elefante*. Este, retratando a história de Joseph Carey Merrick, que teve início há 160 anos e nos proporciona uma das mais emocionantes lições de humildade e dignidade. De lutar pela vida e pela morte. Poesia, fotografia, literatura e gastronomia também fazem parte da temática da edição, que reserva em seus capítulos também menção ao Prêmio Nobel da Paz, celeiro de personalidades que romperam barreiras e estigmas para construção de um mundo melhor, como Jane Addams, laureada em 1931 por liderar a Liga Internacional de Mulheres pela Paz e Liberdade.

Nesta conjugação de estima pela paz e pela superação, recapitulamos a história de Phan Thi Kim Phúc, a “Garota Napalm”, de foto icônica de Nick Ut, premiado com o *Pulitzer*. São 50 anos desde que Kim, então com nove anos, sofreu lesões físicas avassaladoras durante a Guerra do Vietnã. Em 2022 ela, que é embaixadora da Unesco, comemorou a realização da última das cirurgias. Neste mesmo 2022, a Dra. Milasinovic Matevski Branka festeja o Jubileu de Ouro na Medicina com dezenas de outros colegas que são exemplos éticos e recebem do CRM-PR o Diploma de Mérito. Formada em Belgrado (antiga Iugoslávia, hoje capital da Sérvia), ela foi acolhida no Brasil há três décadas, fugindo dos horrores da guerra para continuar sua missão hipocrática e propagar a paz e a liberdade. **❶**

Palavras de Mestre

“Falamos com os órgãos vocais, mas conversamos com o corpo inteiro”.

D. ALBERCOMBRIE

Somos visuais e verbais. Destarte, memorizamos mais o que vemos do que aquilo que ouvimos. É inerente à índole de nossas percepções. Por isso., nossas aulas não podem ter só voz, lou palavras ou imagens. Têm que ter de tudo; simples e organizado. E, sobretudo, um corpo que fala.



ELA TEM VOZ

Aos 33 anos de idade e recém-formada em Medicina, a Dra. Elaine Luzia dos Santos compartilha muitos dos desejos e aspirações de seus colegas em início de profissão. Sua mente, ávida por conhecimento e realizações, trabalha incessantemente em busca de formas de concretizar os objetivos tornados mais difíceis após sofrer um AVE, que lhe acarretou um quadro de tetraparesia e anartria

A pesar de (ainda) não poder vocalizar seu pensamento, a médica Elaine Luzia dos Santos (CRM-PR 50.345) se faz ouvir por onde passa, levando uma mensagem de determinação, resiliência e esperança. Tem sido assim desde novembro de 2014, quando um evento raro para uma jovem com então 25 anos de idade sem histórico de doenças ou complicações semelhantes em sua família a colocou diante de uma situação inesperada. Como no enredo do livro

O Escafandro e a Borboleta, do francês Jean-Dominique Bauby, a Dra. Elaine sofreu um acidente vascular encefálico isquêmico por uma trombose. O coágulo obstruiu a artéria basilar, fato que resultou em uma isquemia quase total da ponte. A sequência de eventos resultou na síndrome do encarceramento, diagnóstico que a jovem recebeu ao superar mais de 12 horas aguardando socorro após o AVE e 30 dias na Unidade de Terapia Intensiva.

A despeito da gravidade do quadro em relação aos movimentos de seu corpo, as funções cognitivas da jovem foram totalmente preservadas. Sua mente estava intacta, assim como sua vontade de retomar as rédeas da vida. Mas o maior obstáculo que a futura médica teria de enfrentar dali em diante de pronto se fez presente: como se comunicar com o mundo exterior. A fraqueza anormal de todo o corpo abaixo do pescoço, denominada tetraparesia, e a impossibilidade de articular palavras, a anartria, foram as consequências do devastador evento ocorrido. A Dra. Elaine tinha muito o que dizer. Mas não sabia como conseguiria voltar a fazê-lo.

A resposta não demorou a chegar. Ainda no hospital, a visita de um colega do curso de Medicina da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), em Cascavel, a colocou em contato com uma simples, porém poderosa ferramenta: uma prancheta com as letras do alfabeto distribuídas de forma a organizar a comunicação apenas com



o movimento dos olhos. Ao ouvir o soletrar das letras, a jovem poderia sinalizar para o intérprete com um piscar aquela que pretendia usar. Dessa forma, letra por letra, ela reconquistou sua capacidade de comunicação com o mundo.

“Meus olhos são as principais portas de acesso ao mundo. Com eles e minha capacidade intelectual e cognitiva posso estar em muitos lugares e realizar muitas coisas. As conclusões que tomo a partir de um olhar otimista é

que fazem com que eu evolua todos os dias. Minha opção é sempre soletrar ações que preciso executar em vez de soletrar reclamações, isso me leva a fazer muito em meus dias, acreditando que a minha realidade eu é quem construo diariamente”, explica a jovem médica à reportagem por contato via WhatsApp, em uma demonstração de como a tecnologia derrubou barreiras para a comunicação de pessoas em situações como a sua.

A atitude de buscar soluções em vez de prender-se às limitações impostas pelo acidente vascular a fez alcançar objetivos que poucos acreditavam ser possíveis a alguém com o seu diagnóstico. “Desde que a Elaine começou a estudar para passar no vestibular de Medicina, eu percebia o quanto ela conseguia ser focada no objetivo dela. Ela se dedicou tantas horas ao estudo e isso já me chamava a atenção naquela época. Depois que ela teve o AVE, parece que isso se ampliou. O olhar dela parece estar sempre voltado para o objetivo, para o que ela deseja conquistar. Ela não se distrai com os obstáculos ou com o pessimismo. Elaine tem consciência dos problemas e das dificuldades dela, mas isso não a paralisa. Ela segue, dia a dia, tijolo por tijolo, ela simplesmente segue, um dia de cada vez. Ela tem um foco muito grande no agora e no que deve ser feito hoje”, conta uma das irmãs da médica, Elionésia, que é enfermeira e trabalha no Hospital Universitário do Oeste do Paraná, o HUOP.



A médica em diferentes momentos de sua trajetória: ainda bebê, durante uma sessão de fisioterapia e ao lado dos pais em sua formatura.

FAMÍLIA E MEDICINA

A educação e valores familiares sempre nortearam a vida da jovem, que nasceu em Vera Cruz do Oeste (PR), uma pequena cidade a cerca de uma hora de Cascavel, no Oeste do Paraná. “Minha família natural é composta por nove pessoas. Somos sete filhos e sempre moramos em Diamante d’Oeste, município onde meus pais – Sr. Josué, agricultor, e dona Dalva, merendeira – formaram família. Por ser um município muito pequeno e que oferece o nível médio como ensino mais qualificado, todos os filhos precisaram sair de Diamante em busca de qualificação educacional e profissional em cidades maiores”, ela conta.

E não faltam motivos de orgulho para o Sr. Josué e Dona Dalva. Elissandra, a primogênita, tem 46 anos e é pedagoga aposentada. Elisia, de 45, é contadora. Marcos tem 44 anos e é pedreiro. Elisângela, de 40, é policial militar e formada em Direito. Elionésia, de 39 anos, é enfermeira, também graduada pela Unioeste. A Dra. Elaine, 33, é a sexta filha do casal, sendo formada em Farmácia e em Medicina pela Unioeste. O caçula, Mario, tem 28 anos e também é médico, tendo concluído a formação pela Universidade Federal de Pelotas.

“Após o acidente vascular que sofri meus pais passaram a morar em Cascavel e eu passei a morar com eles para que pudesse dar continuidade à minha vida pessoal e acadêmica. Dali em diante foram necessárias várias adaptações logísticas de uso e no âmbito doméstico, como também adaptações para deslocamento, nos adequar à rotina de cuidadores e terapeutas que passaram a fazer parte dos meus dias e estarem na minha casa, além dos indispensáveis atendimentos médicos e enfim para que eu conseguisse dar continuidade à graduação.”

A presença constante de pessoas como Dona Dalva e a irmã Elionésia foram fundamentais na recuperação e reinserção social da jovem. Ainda no hospital, a futura médica manifestou o desejo de retornar à graduação – ela estava cursando o terceiro ano da faculdade de Medicina. Se completar a segunda metade de um curso médico já é considerado um desafio para alguém sem restrições motoras e de comunicação, para a Dra. Elaine as dificuldades foram multiplicadas. Isso porque além da superação pessoal a ela imposta, também precisaria convencer as pessoas ao seu redor de que conseguiria fazê-lo. E o fez.

“Eu entendo que as sequelas do acidente vascular não ditam todas as possibilidades dentro da Medicina e desde o acidente faço terapias diariamente, estou sempre em busca de centros de reabilitação que possam me ajudar a recuperar minha autonomia. Me mantenho apta a receber qualquer tratamento que devolva, de algum modo, minha expressão vocal e minha liberdade física. Concomitante a isso, eu precisava dar continuidade à graduação, para que eu possa contribuir com a Medicina e principalmente atender às mais diversas necessidades das pessoas, mesmo que seja utilizando uma cadeira de rodas para isso.”

E o que começou com incertezas e um pouco de descrença acabou se tornando um projeto pioneiro na universidade em que a Dra. Elaine estudava. Cerca de dez meses após sofrer o AVE, ela retornava às atividades acadêmicas por meio do Programa de Educação Especial (PEE). Para tanto, a universidade obteve assessoria jurídica a fim de entender os procedimentos legais e legislações a serem cumpridos, além de buscar experiências semelhantes em outras instituições de ensino. Também foram necessárias adaptações estruturais, como uma sala especial, remode-

lação dos procedimentos de avaliação e disponibilização de docentes de atendimento educacional especializado, que acompanharam a estudante até a conclusão do curso.

“Meu retorno à graduação com as sequelas que me acometiam trouxe um processo novo para mim, para os profissionais, professores, colegas e para a instituição como um todo. Até então não havia casos de pessoas imobilizadas concluírem uma graduação em Medicina no País, por isso a Unioeste foi pioneira em adaptação e inclusão de estudante com tetraparesia e dificuldade de verbalizar, aprendendo, se integrando e oferecendo soluções possíveis à nova condição física e vocal que apresento”, ela explica.

“Existe uma legislação própria para alunos em condições especiais, segundo a qual você não pode cobrar algo que ele não vai conseguir utilizar. A Elaine, por exemplo, não tinha condições de fazer um procedimento em um paciente, mas ela possui total capacidade de descrevê-lo. E as avaliações dela sempre foram muito boas, o aproveitamento dela foi muito satisfatório durante toda a graduação”, explicou o coordenador do curso de Medicina, Dr. Allan Araujo, em reportagem publicada no portal da Unioeste em março de 2022.

Dessa forma, a Dra. Elaine assumiu o controle de todo o processo, perseguindo seu objetivo dia a dia, letra por letra. “A Universidade foi um dos locais em que precisei defender meu espaço, mas desta vez sem colocar os pés no chão, sem pronunciar uma só palavra. Tive que mentalizar respostas às diversas opiniões contrárias à minha inclusão e ao meu direito de estar ali, e buscar aliados que pudessem falar por mim”, ela lembra, indicando o apoio indispensável do PEE para que pudesse ter voz frente às adversidades que enfrentava todos os dias.

Todo esse período é lembrado também por Elionésia, que destaca a resiliência da irmã e sua capacidade de, mesmo diante da adversidade, se reinventar e persistir. “Durante a trajetória da Elaine, no exercício de superação diário, acho que o mais difícil foi ela lidar com a descrença das pessoas. Muitos não acreditavam que era possível ela se formar em Medicina. Até mesmo nós da família às vezes fraquejamos, não tínhamos convicção de que ela conseguiria. Então ela teve que lidar com a descrença o tempo todo e não se deixar influenciar pelo que os outros pensavam.”

“Ela sempre foi uma pessoa muito ativa e quando o AVE a limitou fisicamente o impacto emocional para ela foi muito grande, assim como seria para qualquer pessoa. Ela levou um tempo, mas logo voltou com garra e positividade que até hoje me surpreendem”, conta o Dr. Mário Lucas dos Santos (CRM-PR 48.584), caçula da família. E o apoio da família Santos foi fundamental para Dra. Elaine se manter firme em seu propósito. “Eu sou a sexta filha de uma família de sete irmãos, e todos foram exemplo e incentivo para que eu pudesse estudar e crescer como pessoa e ser humano. Antes e depois do acidente vascular que sofri todos me ajudaram e me ajudam tanto em relação ao incentivo moral quanto de forma financeira, física e emocional para que eu vença diariamente as dificuldades que surgem.”

Após o retorno da jovem à faculdade, foram mais seis anos e nove meses até a finalização do curso e colação de grau, ocorrida em uma cerimônia na noite do dia 10 de junho deste ano. Ao lado dos pais e acompanhada dos irmãos Mario e Elionésia, a Dra. Elaine recebeu o grau de médica outorgado pelo reitor Alexandre Almeida Webber, diante de uma plateia emocionada pela grandiosidade daquele momento.



Após uma longa trajetória de adaptação e com o apoio da família, universidade e amigos, a Dra. Elaine obteve o grau de médica em junho deste ano.



PREPARO E PRONTIDÃO

Ciente de que as descobertas e avanços da ciência e da Medicina não raro atingem patamares antes inimagináveis, a jovem médica dedica boa parte de seu tempo e rotina diários para se manter apta a novas terapias, medicamentos ou procedimentos que possam lhe devolver alguma autonomia ou capacidade vocal. “Eu acredito, me dedico e busco diariamente me preparar para receber os incrementos que a Medicina aliada aos avanços tecnológicos e constantes achados científicos puderem agregar na minha reabilitação. Por isso, eu estou aberta a todo tratamento que possam me oferecer, principalmente para o reestabelecimento da fala, que é essencial para o atendimento dos pacientes.”

Atualmente, Dra. Elaine utiliza uma tecnologia chamada Colibri, espécie de mouse que facilita a digitação do que ela precisa comunicar, pessoalmente e pelas redes sociais, nos estudos, buscas por sites, leitura, entre outros. No entanto, ela necessita de ajuda para todas as demais atividades e ações de seu cotidiano. “Devido à minha imobilidade dependo totalmente de ajuda para todas as necessidades de qualquer ser humano como fisiológicas, de higiene, alimentação, locomoção e mais ainda vocal. Por isso, levo muito mais tempo para me arrumar, me alimentar, expressar o que preciso dizer, tudo através da soletração de cada letra até formar as palavras”, explica.

Assim, ela ressalta que seu dia sempre começa muito cedo, de forma a estar nos horários corretos nos atendimentos médicos, nas terapias e, quando estava na graduação, nas aulas regulares e atendimentos aos pacientes no período de internato. Todos os deslocamentos dependem da utilização de uma cadeira de rodas e de um carro adaptado para cadeirantes, que é conduzido por dona Dalva. “Minha maior cuidadora sempre foi minha mãe, que sempre esteve e está do meu lado para tudo que preciso executar. E para auxiliar-nos sempre contamos com

o trabalho indispensável dos cuidadores, que com dedicação e profissionalismo executam suas atividades”, ela conta. A rotina de soletração diária para todas as atividades é bastante cansativa, o que leva a uma rotatividade grande nos cuidadores, dificultando assim a formação de um vínculo mais duradouro. “O trabalho dos cuidadores vai além das descrições formais e contempla muito amor no cuidado”, ressalta.

Todo esse esforço é guiado pelo desejo de exercer a Medicina, sonho que Dra. Elaine compartilha com o irmão desde a infância. “A Medicina é uma grande porta no meu caminho mesmo que nem sempre ela esteja aberta. Vejo que tenho inúmeras possibilidades de contribuir com ela e com a saúde das pessoas em geral”, destaca. Sobre o futuro, a médica mostra serenidade, sem deixar de lado, todavia, o otimismo e a vontade de superar os próximos obstáculos. “Acredito que devemos ser cautelosos ao tratarmos de prognóstico, já que em vários momentos após o acidente vascular ele foi postulado como reservado. Nesse ínterim podemos depreender que ainda são frágeis nossos conhecimentos acerca dos processos biológicos que regem o cérebro humano e sua interface com o corpo.”

No campo profissional, seus próximos objetivos já estão definidos. Além do mestrado em Educação, em que acaba de ingressar, ela pretende buscar uma especialização. “Diante das minhas atuais limitações, não faço restrição a nenhuma área pontual, e meu interesse é me especializar de forma que eu consiga atuar de maneira independente”, ela explica. Dentre as áreas aventadas pela jovem estão a Radiologia, a Auditoria, a Medicina Clínica e a Medicina Científica. “Para isso, tenho buscado parcerias para que eu possa angariar conhecimento e ser incluída como médica atuante, podendo assim fazer parte da evolução da Medicina como um todo.”

Um de seus grandes apoiadores nesse sentido é seu irmão, Mário, que também reside em Cascavel e atualmen-



Na Representação Regional de Cascavel, onde a médica coletou a biometria e fotos para cadastramento junto ao Conselho.



EM PARECER, CONSELHEIRO EXALTA PERSEVERANÇA PARA ROMPER LIMITES

A possibilidade de uma pessoa com deficiência motora realizar o curso de Medicina foi o tema de um parecer emitido pelo CRM-PR em agosto de 2018 (Parecer n.º 2.684/2018). O questionamento, enviado pela irmã de uma jovem à época com 17 anos de idade e que tinha o diagnóstico de artrogripose congênita nos membros superiores, foi atendido pelo conselheiro Luiz Ernesto Pujol, que destacou em sua fundamentação a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei n.º 13.146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. Segundo a normativa, o acesso ao sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo da vida é um direito assegurado à pessoa com deficiência.

De acordo com o parágrafo único do artigo 27 da referida lei, “é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação”. Assim, é elencada uma série de medidas a serem fomentadas pelo poder público de forma a garantir esse direito, inclusive em relação aos processos seletivos para ingresso e permanência nos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, públicas e privadas (artigo 30).

“Considerando a solicitação de manifestação sobre a intenção de uma jovem com artrogripose em tornar-se estudante de Medicina, primeiramente é necessário considerar o grau de comprometimento articular, principalmente dos membros superiores com ênfase às mãos, posto que algumas técnicas de exame físico, como palpação e percussão, são indispensáveis

para verificação de alterações orgânicas. Outros desafios para a formação de um médico exigirão habilidades as quais, dependendo do comprometimento da movimentação das mãos, se tornarão impossíveis de execução”, explicou o conselheiro em seu parecer. “No entanto, não são poucos os exemplos de pacientes com graves deficiências funcionais, e mesmo com ausência de membros superiores, que superam suas limitações com um inconformismo exemplar baseado em dignidade, autoestima e firmeza de propósito, ampliando seus horizontes e ultrapassando as fronteiras que a todos pareciam insuperáveis, sendo difícil vislumbrarmos os limites que os deficientes, de fato, apresentam”, prosseguiu.

“Pessoas com a mesma etiologia e com o mesmo diagnóstico apresentam grandes diferenças no âmbito de execução de atividades e participações acadêmicas e sociais, desde que não discriminadas e apoiadas por todos aqueles que possam vir a facilitar seu caminho em busca da meta pretendida”. Assim, o parecerista concluiu, a título de esclarecimento, que a jovem e seus familiares buscassem as escolas de Medicina pretendidas para verificação da disponibilidade de uma grade curricular que se adaptasse às suas limitações, assim como orientação docente voltada às perspectivas de atuação profissional.

O parecer traz luz ao caso da médica formada em Cascavel e de outros singulares pelo país afora, sinalizando que a escola, o corpo docente e os estudantes têm papel preponderante no incentivo e apoio à extensão dessa corrente que lida com respeito, dignidade e igualdade.

te está cumprindo o serviço militar obrigatório. “Conforme a disponibilidade dela a convido para atender comigo em Campo Bonito, onde trabalho no período noturno, e sempre discutimos casos clínicos. Pretendo trabalhar por mais um ano antes de ingressar na residência, a ideia é fazer Radiologia e Diagnóstico por Imagem. Estimulo a Elaine a estudar, fazer pós-graduação ou residência e prova de título na mesma área para que possamos trabalhar juntos com mais frequência.”

Dra. Elaine tem plena consciência de que os desafios continuarão, não obstante suas extraordinárias conquistas. “Apesar da imensa e indiscutível capacidade intelectual, a comunicação com ela é diferente e mais demorada se comparada com as pessoas típicas”, pondera Elionésia. “É difícil, porque as pessoas querem respostas cada vez mais rápidas, num mundo que está cada vez mais impaciente. Ela também tem que enfrentar a desconfiança das pessoas, que, por ela ser deficiente, questionam o conhecimento e mesmo o direito de ela estar inserida no mercado de trabalho.”

Às dificuldades fixadas pela sociedade, a médica impõe-se como indivíduo, combatendo o capacitismo e todos os preconceitos dele decorrentes. Sua trajetória e, principalmente, suas ações impactam todos ao seu redor, mostrando que sua voz vai muito além da capacidade de vocalizar ou de se movimentar.

“Desejo que as pessoas possam olhar outras com olhos do bem, que saibam enxergar e oportunizar condições aos que necessitam de ajuda e também àqueles que oferecem ajuda.

O tempo é contado por segundos, minutos, horas, dias, anos;

O mundo é o todo, o todo são inúmeras coisas, são milhões de pessoas e pessoas são resultados de suas crenças e criações;

A vida tem começo, meio e fim, e dependendo do ponto de vista, meio é ação, meio é maneira, é forma, e vejo que o ideal é executar de forma conjunta, aliando ações em prol do todo, e eu sou parte do todo e posso contribuir com o mundo.” **📌**



A Dra. Elaine acompanhando o atendimento na Unidade Básica de Saúde de Campo Bonito, onde trabalha seu irmão caçula, o Dr. Mário Lucas dos Santos.



Fábula da vida real

Nem cheio, nem vazio.

Apenas um copo!

DRA. ÚRSULA BUENO DO PRADO GUIRRO

Quando um copo está com água só até a metade, podemos enxergá-lo como meio cheio ou meio vazio. Dizem que aqueles que enxergam meio cheio são os otimistas e quem o vê meio vazio seria um pessimista. Será que é assim mesmo?

Era uma vez um copo de vidro que estava “vivendo” a vida de um copo habitual de vidro. Uma sequência de dias bons, cheio de água fresca, e outros nem tão bons, deixado com restos, sujo ou esquecido na pia no meio da louça.

Mas o fato é que o copo é um copo e haverá momentos de água fresca e momentos na pia, ansioso por se livrar da sujeira, descansar no escorredor e se recuperar uns dias no armário até a próxima aventura. E tem dias que ele cai e quebra. O fim da história vem para copos bons e ruins, novos ou antigos, de vidro ou de cristal.

E a vida é a vida. Tem dias de estar no parque, com alegria, novidade e sucesso. E tem dias que nada dá certo. Tem dia que perdemos. E tem dia que tudo isso acontece ao mesmo tempo e a gente nem sabe para onde correr... Tem dias com doença e morte. Fim da história.

Gastar tempo tentando resumir a vida, ser uma pessoa pessimista ou otimista, pode ser um tanto frágil ou até infantil. Que tal só a vida e seus altos e baixos? E essa sequência de fatos da vida, sem os rótulos, pode ser mais suave.

Suponha que uma notícia ruim chegue até a gente. A notícia é apenas uma notícia, um verbo sem adjetivo. O sentimento é nosso em relação àquilo. Óbvio que a gente fica triste, repercute na vida como um todo e nas relações humanas. Com o tempo e um pouco de resiliência, enfrentamos, lidamos, ajustamos e seguimos. Não se trata de um dia decidir ser positivo e está tudo resolvido.

Mas cada um usa as ferramentas que tem na sua caixa de emoções e enfrentamento. Alguns têm uma parafusadeira elétrica e lidam com mais facilidade com os parafusos. Outros usam uma chave de fenda manual. Outros não têm chave de fenda e tentam com palito de sorvete. É claro que ferramentas melhores permitem enfrentar com mais facilidade. Mas as ferramentas emocionais não são compradas em lojas. A gente nasce com algumas e desenvolvemos outras. Algumas ferramentas, infelizmente, nunca teremos.

Trabalho com gente doente, muito doente. Do tipo que está indo em direção ao fim de vida. E vejo todo dia alguém falando “fulano tinha que ser mais otimista” ou “acreditar mais na vida”. Essa frase sempre veio do acompanhante mais saudável reclamando que o doente não vê o esforço do cuidador. Falar sobre como o outro “tem que viver” é bem mais fácil que ouvir as dificuldades com compaixão e com empatia.

O que eu percebo de quem deseja ouvir mais otimismo nos outros é a incapacidade de lidar com a dor. Quando eu ouço “fulano tinha que ser mais otimista”, eu pergunto por que a pessoa acha isso. A resposta sempre é autorreferenciada e não uma oferta de ajuda.

Que tal ouvir a dor do outro e perguntar como eu te ajudo e não atrapalho?

Cada vez mais eu acho que não tem copo cheio, nem copo vazio. Apenas o copo e água. E a vida. Até o dia que a vida acaba.

Em homenagem ao meu pai, Sidson Guirro, falecido em 02.10.2022. 🕯



A ciência cura o corpo, **a música cura a alma**

PIANISTA E MAESTRO JOÃO CARLOS MARTINS, O INDOMÁVEL

“No piano, cada nota tem que transmitir emoção para o público. Então essa é a minha luta: tentar unir o corpo e a alma através da arte, da ciência e da esperança. É uma missão de vida, é muito mais do que um objetivo. Hoje, aos 82 anos, quero mostrar para outros idosos que você sempre pode ter esperança no amanhã”. A reflexão é do pianista e maestro João Carlos Martins, indubitavelmente um dos exemplos mais marcantes de superação de adversidades e de culto à perseverança e ao otimismo.

Certa feita, o *New York Times*, em artigo que elogiava a sua personalidade artística e a sua orquestra, conferiu-lhe o adjetivo de “o indomável”. Fato. A mesma publicação estadunidense, que se referiu a ele como um dos mais importantes pianistas do mundo, interpretou sua jornada: “Um romancista estaria sob grande pressão se levado a inventar uma vida mais implausível do que a do brasileiro João Carlos Martins. Trata-se de uma história de aclamação pública e tragédia pessoal, de traumatismo físico e recuperação obstinada...”

A pandemia obrigou-o a adiar toda sua agenda de concertos, inclusive a comemoração de seus 80 anos e os 60 de sua estreia no *Carnegie Hall*, que deveria ter ocorrido há dois anos. Assim, o maior intérprete de Bach ao piano moderno retorna em 19 de novembro ao *Stern Auditorium/Perelman Stage*. Contudo, seu público fiel (conta com quase 250 mil seguidores em seu perfil no Instagram) continuou a vê-lo regendo e tocando o piano em *lives* até retomar a agenda, que incluiu o Concerto da Comunhão, que levou em setembro último a Brumadinho (MG), onde três anos antes havia realizado o Concerto da Gratidão, quando homenageou o trabalho do Corpo dos Bombeiros no resgate de sobreviventes e nas buscas aos corpos das vítimas do rompimento da barragem de rejeitos da Mina Córrego do Feijão. A nova versão teve o propósito de incentivar a união entre as pessoas para a construção de novos tempos.

TRAJETÓRIA VENCEDORA E PERCALÇOS

Nascido em 25 de junho de 1940, em São Paulo, João Carlos Granda da Silva Martins era um dos três filhos do imigrante português José Eduardo Martins, entusiasta da música e que viu seu sonho de ser pianista interrompido ainda na juventude por conta da mutilação do polegar em uma prensa da gráfica em que trabalhava. José Eduardo,

que viria a falecer no ano de 2000, aos 102 anos de idade, comprou o piano em 1948, incentivando os filhos a tocarem. João Carlos tinha apenas oito anos quando teve contato com o instrumento, passando a estudar e já poucos meses depois ganharia um concurso tocando obras de Johann Sebastian Bach (1865-1750).

A precocidade musical já tinha seu triste singular também no aspecto “saúde”. Aos cinco anos, João Carlos havia sido submetido a uma cirurgia para retirada de tumor benigno no pescoço. O procedimento malsucedido deixou-o com uma fístula na pele, por onde vazava o alimento quando comia. A segunda cirurgia, que o curou, coincidiu com o período de contato com o piano e com a elevação de sua autoestima. Já aos 11 anos iniciou seus estudos com um dos grandes mestres da época, o russo José Kliass, seguindo assim os passos do irmão mais velho, José Eduardo Martins, também hoje renomado pianista. Venceria logo em seguida o concurso da Sociedade Brito de São Petersburgo e, chegando aos 13 anos, iniciaria a carreira de concertista no Brasil – cinco anos depois ganharia o mundo, já afamado como o melhor intérprete de Bach de sua geração.

A ex-primeira-dama Eleanor Roosevelt, patrocinadora do Carnegie Hall, foi quem lhe “abriu as portas” nos Estados Unidos. A esta altura, já aos 21 anos, ganhara renome mundial e seus concertos ocorriam com lotação esgotada e com recorde de venda de gravações. Em seguida, gravou a obra completa para teclado de Bach e realizou, com o pianista Arthur Moreira Lima, o encontro entre os prelúdios para teclas do artista alemão e os prelúdios para o piano do polonês Frederic Chopin. Foi nesse período que ele descobriu ter distonia focal, distúrbio neurológico que lhe impunha movimentos involuntários. E aprendeu a driblar o próprio cérebro, usando como tática dormir de cinco a seis horas antes dos concertos.

Pianista João Carlos Martins, ainda no início de sua carreira, alçada ao reconhecimento mundial.





Em 1965, o pianista residia em Nova York e foi convidado a integrar o time profissional de futebol da Portuguesa de Desportos em um jogo treino realizado no Central Park. A alegria de integrar o time de coração acabaria se transformando em desespero em apenas alguns instantes: jogada isolada, lance casual, a queda aparentemente “boba” e uma perfuração na altura do cotovelo, que atingiu o nervo ulnar. O acidente resultou em três dedos atrofiados e a impossibilidade de tocar piano por um ano inteiro e impondo recuperação longa e complicada, pois continuaria com dificuldade de tocar até os seus 30 anos de idade. Neste período, retornou ao Brasil para iniciar carreiras como empresário de música e boxe, que durou sete anos e o aproximou do bicampeão mundial Eder Jofre, fonte inspiradora para seu retorno à música.

Apesar dos longos períodos de fisioterapia, o pianista viu seu quadro piorar em decorrência de distúrbios osteomusculares relacionados aos trabalhos (Dort). Voltou a tocar com mais intensidade de 1979 a 1985, tendo realizado 10 gravações de Bach e conseguido concluir o restante de todas as gravações da obra do famoso compositor. Foi personagem de destaque na inauguração do Glenn Gould Memorial, em Toronto, que reverencia o canadense, considerado um dos maiores pianistas do século XX (pela forma bem pessoal de interpretar as Variações Goldberg, compostas por Bach), falecido em 1982, aos 50 anos.

NOVOS DRAMAS

Em maio de 1995, o pianista estava em Sófia, Bulgária, quando foi vítima de assalto, tendo sido golpeado na cabeça com uma barra de ferro e sofrendo várias lesões. Uma seqüela neurológica comprometeu o membro superior direito, exigindo trabalhos de reprogramação cerebral para conseguir restabelecer o movimento da mão. Voltaria a tocar com as duas mãos, inclusive gravando seu último álbum, mas apresentou de novo problemas no braço direito, e também na fala, sendo obrigado a passar por novo procedimento cirúrgico.

Três anos depois, junho de 1998, João Carlos Martins faz a sua apresentação no *Barbican Centre*, em Londres,

que é retratada como despedida no livro *A saga das mãos*. Depois disso viria a gravação, em 2001, do álbum *Só para Mão Esquerda*, escrito por Maurice Ravel para o pianista austríaco Paul Wittgenstein, que perdeu o membro direito na Primeira Guerra Mundial. A intenção inicial era gravar oito álbuns apenas com uso da mão esquerda, com essa temática, mas a descoberta de um tumor no mesmo membro daria nova guinada na vida de João Carlos, já com a sentença médica de que voltar a tocar o piano seria algo improvável.

Nem bem refeito do drama e ele já se inscrevia em aulas de regência. Naquele momento, partia um pianista, chegava um maestro. Por causa da dificuldade de coordenação do movimento dos dedos e a incapacidade de segurar a batuta e virar as páginas das partituras dos concertos na velocidade necessária, teve de criar um método para memorizar nota por nota. A seguir apresentou-se em Paris e Londres, formou a orquestra Bachiana Filarmônica (Sesi-SP) e idealizou a Fundação Bachiana, voltada à democratização da cultura, conscientização ambiental, inclusão social e divulgação da música erudita. Passou a trabalhar com jovens carentes dos bairros periféricos de São Paulo.

Depois de contabilizar 24 cirurgias e duas interrupções na carreira por causa da distonia, hoje João Carlos Martins conta com ajuda de luvas extensoras (biônicas) para conseguir tocar piano. “Com elas, eu pude encostar os 10 dedos no teclado novamente, depois de 22 anos”, diz, realçando a sua confiança na ciência a partir da campanha mundial que ele milita intensamente e que propõe ajudar cientistas a encontrar a cura para a distonia. De acordo com ele, a campanha deve culminar no final deste 2022, durante a celebração de 60 anos da estreia no *Carnegie Hall*. Estudos da Fundação Leon Fleisher indicam que mais de 33 milhões de pessoas pelo mundo sofrem com a distonia focal.

Em meados de 2021, o Centro Cultural Fiesp inaugurou a exposição inédita *João Carlos Martins: 80 Anos de Música*, marcando assim a passagem de seu aniversário e a comemoração que não pode ser celebrada no ano anterior. Tributo merecido e que ressalta a importância dele na música e nos exemplos de perseverança. Autor também do livro *João de A a Z* e homenageado no carnaval paulista de 2011 pela escola vencedora, a Vai Vai, João Carlos Martins é o único músico brasileiro que teve a sua vida registrada por cineastas europeus por duas vezes: *Die Martin's Passion*, uma coprodução franco-alemã dirigida por Irene Langman, e *Revêrie*, dos cineastas belgas Johan Kenivé e Tim Herman. Também teve ainda sua trajetória contada no documentário *O piano como destino* e na peça *Concerto para João*. **📌**



RELATOS DE UMA DESPEDIDA NO DIA DO ANIVERSÁRIO

“Londres, 25 de junho de 1998. Sozinho no camarim do Barbican Centre, aguardo o momento de subir ao palco para tocar com músicos da *Royal Philharmonic Orchestra*. O burburinho da plateia lotada chega até mim como o bramido de um mar distante. Nesse dia, completo 58 anos e mais de meio século já se passou desde que dedilhei pela primeira vez o teclado de um piano. Mas não é isso que torna a data tão especial. Três horas antes, eu conversei por telefone com meus médicos em Miami. E confirmei a operação que iria seccionar o nervo de minha mão direita, acabando para sempre com minha carreira de pianista.

A multidão que se aglomera na plateia não sabe de nada, nem os músicos e nem a imprensa. Apenas eu e meus médicos sabemos que aquele é meu concerto de adeus. Fiz questão de não criar nenhum drama público. Nas próximas horas, a dor que eu levaria para o palco seria minha – e de mais ninguém.

Apagam-se as luzes e o chefe de palco me chama para entrar. Enfrento a plateia como um velho leão que oculta suas cicatrizes. Contudo, no segundo movimento do concerto, se uma câmera se aproximasse de meu rosto, captaria as lágrimas escorrendo, discretas, inexoráveis.

É um momento de indescritível solidão. Entre as mil e tantas pessoas presentes ao teatro, sou o único a saber que tudo vai acabar naquela noite. A sensação é fugaz, etérea, mas, por uma fração de segundos, sinto uma presença a meu lado. Trata-se de um menino, um menino que só eu vejo. José é seu nome. José não leu os jornais do dia. Não viu os elogios que a crítica inglesa teceu ao pianista que está se apresentando naquela noite. Não sabe que ele consolidou uma carreira musical interpretando Bach com toda sua alma e paixão. Quando andava pelas ruas da cidade portuguesa de Braga, em fins do século XIX, correndo de um emprego para outro, o menino José ainda não sabia de nada disso. Mas é graças a ele que estou aqui. Nos anos seguintes, o menino tomou-se homem, e esse homem tornou-se meu pai. E seu amor à música é o ponto de partida de minha história...”

Depoimento de João Carlos Martins em um dos capítulos do livro autobiográfico “A Saga das Mãos”, lançado em 2007.

A ARTE COMO INSTRUMENTO DE PERSEVERANÇA

Arnulf Erich Stegmann, o mentor da associação dos artistas que pintam com a boca e o pé e que surgiu há 65 anos



Jeferson (esq), único artista do RS a integrar a Associação dos Pintores com a Boca, caminho aberto pelo alemão Arnulf Stegmann (dir.) no século passado.

Nascido em 4 de março de 1912 no Grão-Dicado de Hesse, Darmstadt (Alemanha), foi afetado pela poliomielite aos dois anos e perdeu a funcionalidade das mãos. Com força de vontade e talento incríveis, começou a escrever e pintar com o uso da boca, com o que conseguiu integrar a escola da indústria do livro e a gráfica de Nuremberg, na Baviera, e contou com apoio dos professores Erwin von Kormöndy e Hans Gerstacker para se formar.

Aliada ao talento artístico, a visão empresarial levou-o já aos 20 anos de idade a criar a sua própria editora, com a qual permitiu comercializar cartões com reproduções de suas obras. Contudo, sua criação artística com ácida crítica social acabaria por lhe render pena de prisão de 15 meses em 1934. Em março de 1936 mudou-se para Deisenhofen, mas permaneceu sob vigilância política até o fim da guerra, em 1945, ficando impedido de pintar e publicar suas obras. A partir daí, relançou sua gráfica com o nome evocativo de *Apesar de tudo*.

A experiência e o sucesso comercial obtido na jornada anterior levou-o a propiciar a outros pintores com deficiência a possibilidade de exibirem seus dotes artísticos e, ao mesmo tempo, conquistarem independência financeira. Assim, realizou muitas viagens em busca de outros pintores da boca e do pé para levar adiante o projeto de associação e de divulgação artística. E foi assim que nasceu a organização de ajuda mútua, entre 1953 e 1954, e que recebeu o nome de Liga dos Artistas que pintam com a boca e os pés.

MAIS QUE DIVULGAÇÃO ARTÍSTICA

Entre 1956 e 1957, Stegmann viria a fundar a Associação Internacional de Artistas que Pintam a Boca e o Pé (AAPBP), da qual foi o presidente até a sua morte. Começou com 16 artistas de oito países europeus, fazendo com que cartões, calendários e outros produtos explorando as habilidades criativas pudessem propiciar ganhos financeiros para elevar a autoestima, o sustento e segurança de trabalho. Hoje, a Associação reúne mais de 800 artistas em pelo menos 75 países ao redor do mundo, inclusive o Brasil, que conta com mais de meia centena de integrantes em três níveis de qualificação: bolsistas, membro associado e membro efetivo.

A maioria é admitida como bolsista, recebendo valor para o custeio de aulas de pintura, materiais de arte etc. Para manter consistentemente padrões elevados, o trabalho dos bolsistas é periodicamente revisado por um júri, até atingir um padrão que permita que eles sejam aceitos como membros efetivos. Ressalte-se que não basta haver uma deficiência nas mãos para ser admitido como membro, tendo de haver efetiva qualidade nas pinturas. A Associação está sempre buscando novos e promissores talentos entre os deficientes, mesmo que tenham assumido a pintura como forma de terapia. Ser membro significa ter uma renda vitalícia, independentemente de vir a perder a capacidade de pintar devido a deterioração da doença.

Como sempre defendeu Stegmann, a Associação nunca deveria ser considerada uma instituição de caridade pelo fato de seus membros serem deficientes físicos. Para ele, a palavra “caridade” era tão abominável como a palavra “pena”. É assim que mantém o seu status, não se qualificando para a assistência caritativa. Dos artistas do Brasil, a exemplo do que ocorre nos demais países, muitos dão palestras e fazem demonstrações para escolas, empresas e outros grupos interessados, oferecendo uma melhor compreensão do trabalho que está sendo feito e as possibilidades disponíveis como oportunidade para as pessoas com deficiência.

Stegmann, que além da pintura desenvolveu suas habilidades em escultura e escrita, faleceu em Deisenhofen em 5 de setembro de 1984. Tinha 72 anos e deixou quatro filhos e vasta obra, parte da qual pode ser conferida no livro *AE Stegmann: A vida e obra de um artista notável*, de Marc Alexander. Exposições ocorrem em várias regiões do mundo, como a que resultou em catálogo com as obras exibidas no Pavilhão München, em Munique, em 1982, no 70º aniversário da AE Stegmann.

UM DISCÍPULO DE STEGMANN NA SERRA GAÚCHA

Tetraplégico, Jeferson Luis Hoffmann é o único artista no Rio Grande do Sul a integrar a APBP (Associação dos Pintores com a Boca e os Pés). Já fez mais de mil quadros usando a técnica de pintura a óleo, bem como participou de várias mostras e vendeu telas para várias partes do Brasil e exterior. Gosta principalmente de Van Gogh e Monet e, inspirado em campos, casas, jardins floridos e animais, cria quadros coloridos. “Pintar é minha alegria; uma maneira de ocupar a mente”, diz o artista gaúcho de Nova Petrópolis que, sem coordenação nos braços e nas pernas, cria quadros com o pincel entre os dentes.

Aos 36 anos, Jeferson tem uma trajetória marcada pela superação e vontade de viver. Nasceu prematuro, pois a mãe, Clair, no sexto mês de gestação, precisou de cirurgia de apendicite urgente. Ele foi transferido para um hospital de Porto Alegre, onde ficou por dois meses, em incubadora. Fragilizado e com imunidade baixa, acabou contraindo meningite e tendo quadros de apneia. O cérebro foi afetado pela falta de oxigênio e, além de perder os movimentos do tronco, teve a cognição reduzida. A mãe relembra a tentativa de consolo de uma profissional de enfermagem, que lhe disse que Jeferson tinha só 1% de chance de vida. “Minha resposta, então, foi levar esse 1% para casa. E hoje esse 1% é meu orgulho, meu exemplo de vida”, relata Clair.

Integrado a uma APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), Jeferson fez, até os 18 anos, equoterapia e hidroterapia para fortalecer a musculatura e incentivar a capacidade motora – fisioterapia faz desde a infância e nunca parou. Ele tinha 12 anos quando se interessou pela pintura, ao visitar uma exposição do artista plástico Selestino de Oliveira, de Nova Petrópolis. Ficou tão fascinado que quis procurá-lo para ter aulas de pintura, uma vez por semana, três horas por dia. Foi assim que aprendeu.

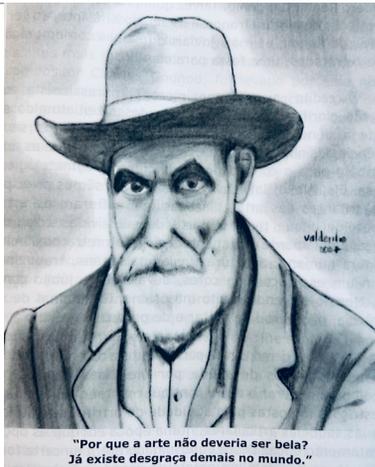
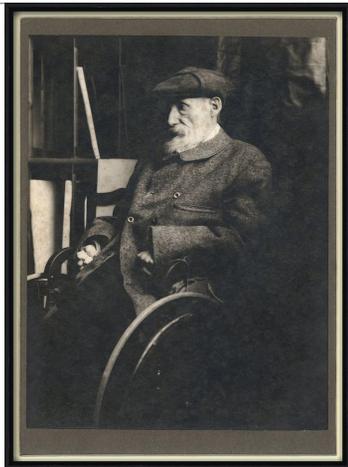
“Primeiro ele quis pintar com a mão, mas era muito difícil, porque alguém tinha que segurar sua mão. Por insistência dele, a alternativa foi colocar o pincel na boca e, com algumas adaptações, Jeferson pôde produzir a sua primeira tela sozinho”, conta o pai, Remi Hoffmann. Já no ano seguinte, 1999, ele participava da primeira mostra, com outros alunos do professor Selestino.

ANJO DA GUARDA

O processo criativo é próprio, mas Jeferson, além dos pais, contou com especial ajuda da professora Marta Liana Buhs, que o conheceu ainda menino na APAE e ajudou na sua alfabetização. Ela passou a frequentar a casa da família e há anos é quem mistura os tons, ajusta a tela e posiciona o pincel na boca do pintor, na maior parte do tempo acomodado em uma cadeira de rodas. “É difícil definir em palavras o sentimento que tenho. É uma gratidão estar com ele e com essa família, que por vezes também é a minha família. A alegria dele é a minha alegria”, diz a professora, que acompanhou algumas exposições em Nova Petrópolis e também fora, como a “Superação”, realizada em 2013 no Centro de Cultura de Gramado.

Recentemente, três criações do artista foram escolhidas para estampar cartões-postais que são enviados pela Associação a endereços aleatórios, junto de envelopes e o número da conta para depósito de quem se sensibilizar pelo presente. Todos os anos, as telas pintadas por Jeferson são fotografadas e mandadas para a filial da APBP em São Paulo. Depois, as obras dos artistas são transformadas na Suíça em cartões de Natal, calendários, postais e outros produtos. A verba adquirida vai para a associação e os autores das obras recebem uma bolsa para comprar materiais de pintura e manutenção artística.

“Ele se ocupa, nos ensina diariamente e não recebe dinheiro por caridade, mas sim porque trabalha”, diz o pai. No ateliê dele são mantidos o cavalete para apoio das telas, centenas de vidros de tinta e pincéis de formas e tamanhos variados. Trabalhos em execução ou já finalizados decoram as paredes de madeira. Ao lado das janelas, a paisagem da região dos vales, inspiração para muitas das obras. **i**



O artista na cadeira de rodas (esq.) e na obra de Valderílio Feijó Azevedo, que ilustra capítulo do seu livro "A Beleza e a Dor", de 2007 (dir.).

"Por que a arte não deveria ser bela? Já existe desgraça demais no mundo."

A dor passa, mas a beleza permanece

DR. VALDERÍLIO FEIJÓ AZEVEDO

O movimento impressionista não teria sido tão glorificado, e até talvez não pudesse ter atingido sua grande influência sobre outros artistas e movimentos, sem a existência das obras de Pierre-Auguste Renoir. Sua importância para as artes e também para o conhecimento das ciências médicas, em particular da reumatologia, é imensa.

Renoir, Jawlensky e Raoul Dufy são três dos principais artistas visuais que sofreram de artrite reumatoide e que tiveram parte de suas vidas com essa doença amplamente documentadas. Renoir retratou a beleza da figura humana, a natureza e as paisagens, traduzindo-as em um espetáculo de cores, de alegria e júbilo com a vida. Mesmo sofrendo muito intensamente as complicações dessa doença autoimune ao final de sua vida, não parou de pintar e de produzir arte.

A atitude demonstrada por este artista no enfrentamento de seus problemas de saúde por meio das técnicas que utilizou para superar a dor e continuar sua produção pictórica – mesmo com as restrições impostas pela atividade inflamatória da artrite reumatoide e por suas sequelas articulares –, numa época em que as opções terapêuticas eficazes eram limitadas, faz dele um objeto de grande admiração.

A natureza agressiva de sua artrite resultou em grave destruição e anquilose do ombro direito e em rupturas de vários tendões extensores dos dedos e dos punhos. Ainda assim, continuou enrolando seus cigarros e pintou mais de quatrocentos quadros.

Nos anos iniciais de sua artrite, Renoir foi tratado por dois médicos de família: os doutores Baudot e Journeac. Mais tarde, Renoir teve acesso ao famoso médico Dr. Paul Gachet, que também foi médico de Vicent Van Gogh.

Renoir fez dos exercícios físicos regulares parte de sua difícil jornada de combate à doença. Sua demonstração de amor à natureza, ao comprar uma propriedade em Cagnes-sur-Mer, perto de Nice, na Riviera francesa, poupando várias oliveiras milenares ameaçadas de corte pelos proprietários, e construindo sua casa ali (essa propriedade ficou conhecida como *Les Colettes*). Renoir mudou-se em 1908 para este local e ali viveu seus últimos dias. Um dos fatos pitorescos revelados pela pintura de Renoir é o fato de que sempre esteve rodeado por gatos, como revelado pelo Instituto Pasteur, que detectou a presença de pelos de gatos nas pinturas desse período.

Aos 60 anos, Renoir passou a utilizar uma bengala para caminhar. Foi exatamente a época em que nasceu seu filho mais novo, conhecido carinhosamente por Coco. Aos 71 anos, teve um Acidente Vascular Encefálico e ficou confinado a uma cadeira de rodas.

Renoir parou de viajar para outros países depois desse acidente, mas em território francês fez ainda vários deslocamentos, sempre conduzido por Batistan, seu chofer. É fato notório que somente alguns meses antes de sua morte visitou o Museu do Louvre. Nessa ocasião, seus joelhos já se encontravam anquilosados em incômoda flexão. Com a evolução das deformidades dos pés,

o artista nem mesmo conseguia usar sapatos, substituindo-os por chinelos de lã.

“Não posso permanecer sentado porque estou muito magro. Quarenta e seis quilos não podem ser chamados de gordura. Meus ossos estão à flor da pele, embora eu tenha bom apetite”, relatou Renoir ironicamente em uma de suas cartas.

Mas, e o estilo de pintura de Renoir, modificou-se com a doença? Nos temas escolhidos parece não ter havido mudanças, mas, considerando as limitações físicas dele, o estilo pode realmente ter sido comprometido. O fato de que transformou suas cores em cores mais vivas e seu estilo em mais austero não parece relacionado à artrite reumatoide, pois começou antes do aparecimento dela. Sabe-se que, na medida em que progrediam as limitações das mãos, punhos, ombros e da coluna cervical, ele foi adaptando suas técnicas.

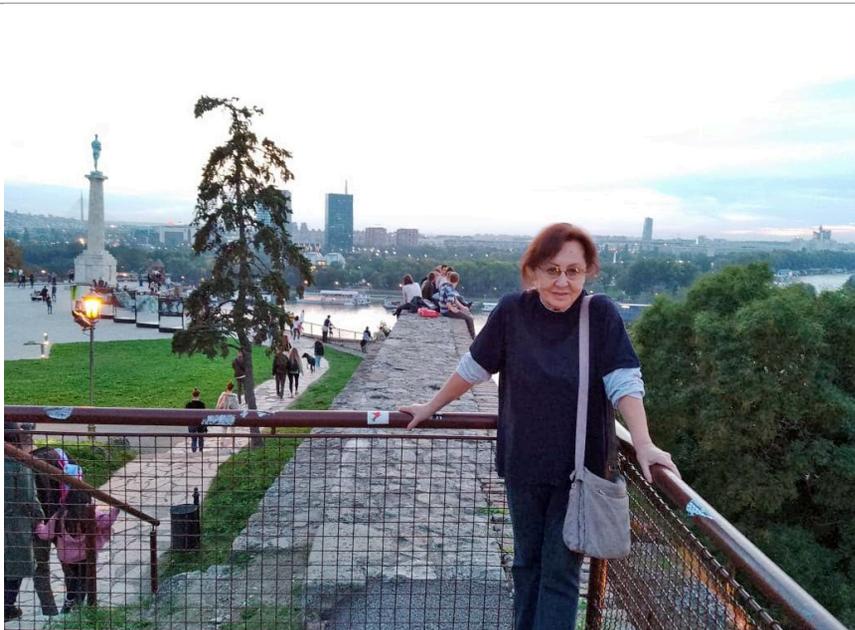
Quando se tornou difícil segurar a paleta de cores nas mãos, ele inicialmente as equilibrava entre os joelhos e a borda do cavalete. Mais tarde, desenvolveu uma mesa rotatória para fixar a paleta. Porém, os pincéis tinham que ser fixados nas mãos do pintor por terceiros. Os que usualmente o ajudavam eram Coco, sua esposa Aline ou a modelo Dédé (Catherine Hessling), que acabou se tornando sua nora.

A destreza de Renoir com os pincéis permaneceu enorme. Alguns especialistas em arte não conseguem de forma conclusiva identificar quando ele usava uma ou outra mão. Para substituir o cavalete, Renoir lançou mão de um aparato desenvolvido por ele mesmo, cuja documentação fotográfica não mais existe. Era mais ou menos assim: o linho da tela era fixo em pedaços de madeira. Eles poderiam girar em volta de dois carretéis ligados a uma correia de bicicleta antiga e eram guidados por uma manivela que elevava ou abaixava a tela. Foi dessa forma que ele conseguiu pintar o quadro *Les grandes baigneuses*, entre 1918 e 1919, ano de sua morte.

Renoir faleceu como um dos mais amados de todos os impressionistas. Seus quadros retratavam lindas flores (vários pequenos quadros de madeira que expunham anêmonas foram pintados à noite, pois Renoir sofria intensas dores noturnas e usava a pintura para distração), belas paisagens, cenas e mulheres adoráveis. No dia de sua morte, à tarde de 3 de dezembro de 1919, Renoir iniciou a pintura de uma natureza morta, quadro que ficou inacabado, mas suas obras e sua incrível existência passaram a compor a História dos grandes artistas da humanidade. **❶**

*Na parte superior, as obras *Jeunes filles au piano* (1892) e *Le bal du moulin de la Galette* (1876). Ao lado, *Les grandes baigneuses*, das obras derradeiras de Renoir e que é mantida no Musée D’Orsay, em Paris.*





Dos horrores da guerra à missão hipocrática no Brasil

Formada em Belgrado, antes da divisão da Iugoslávia, a Dra. Branka está entre os médicos homenageados pelo CRM-PR no Jubileu de Ouro.

Formada em Medicina em 1972 pela Universidade de Belgrado, então capital da Iugoslávia (hoje é capital da Sérvia), a Dra. Milasinovic Matevski Branka decidiu emigrar para o Brasil em meio à guerra civil que levaria à desintegração territorial daquele país, nascido ao término da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Com o marido, arquiteto originário da Macedônia, e com o filho e o enteado, ela chegou ao Brasil na primeira metade dos anos 1990. Foi acolhida por um tio, também arquiteto, e que havia deixado a antiga Iugoslávia antes da Segunda Guerra e se radicado em São Paulo.

A médica revalidou o seu título pela Universidade de São Paulo e em seguida se estabeleceu com a família em Curitiba, para exercer a profissão. Registrou-se no Conselho de Medicina do Paraná em 7 de dezembro de 1994, obtendo o número 14.577. Na sequência vieram os registros dos títulos de especialista em Anestesiologia e Medicina Intensiva. Começou a trabalhar no Hospital da Cruz Vermelha, a convite do então presidente, o médico Lauro Grein Filho. Na sequência também atuou por alguns anos no Hospital do Rocio, em Campo Largo (Grande Curitiba), bem como foi professora assistente por quase três anos no curso de Medicina da Universidade Positivo.

Hoje aposentada, a Dra. Branka integra o grupo de médicos que está sendo homenageado pelo CRM-PR por ter completado 50 anos de formado com histórico exemplar. Os médicos recebem o Diploma de Mérito Ético, honraria criada em 1986 e que já alcançou aproximadamente 1,5 mil profissionais que tiveram atuação no Paraná. Ela ainda não sabe se conseguirá se fazer presente na solenidade, pois encontra-se em viagem com a família na região da qual é originária. De qualquer modo, já indicou um ex-colega do Hospital do Rocio, Dr. Ricardo Gustavo Zill Risson, a quem muito respeita e admira, para representá-la ou lhe entregar o Diploma, caso consiga retornar.

A Dra. Branka sempre foi muito discreta e avessa a traçar comentários sobre a guerra e suas consequências, o que inclui o recomeço de sua vida familiar e profissional em outro país, tendo de superar inúmeras barreiras. Porém, se diz orgulhosa e gratificada pela receptividade e pelas oportunidades que o Brasil lhe proporcionou. E compartilha as lições aprendidas: “Na vida, o mais importante é ser uma pessoa equilibrada, corajosa, justa e que gosta do que faz. É preciso ter empatia com quem se trabalha, com quem se convive”.

“NA VIDA, O MAIS IMPORTANTE É SER UMA PESSOA EQUILIBRADA, CORAJOSA, JUSTA E QUE GOSTA DO QUE FAZ. É PRECISO TER EMPATIA COM QUEM SE TRABALHA, COM QUEM SE CONVIVE.”

Nascida em 25 de janeiro de 1946 numa pequena cidade do território que hoje pertence à Croácia, a Dra. Branka foi estudar na Universidade de Belgrado, fundada em 1808 e que já se constituía no principal centro formador da região. A universidade ficava não muito distante da casa da família, a cerca de 1h30 de viagem de trem.

A médica exerceu a profissão na antiga Iugoslávia até que em 1991 eclodiu a guerra civil, que teria seu desfecho uma década depois. A médica lamenta a tragédia que se abateu sobre o seu povo e lembra com tristeza não ter conseguido fazer com que a mãe a acompanhasse na mudança para o Brasil, pois era muito apegada aos laços pátrios. Acredita, contudo, que esteve muito perto



de convencê-la a se mudar. Ela, porém, acabou falecendo no período em que ocorreu a Operação Força Aliada, que começou em 24 de março de 1999 sob pretexto de “intervenção humanitária”.

Como cita a Dra. Branka, foram 78 dias de bombardeios aéreos diuturnos na antiga Iugoslávia, atingindo também a população civil e gerando clima de estresse e terror. Com a dissolução da RSF da Iugoslávia, ganharam autonomia Eslovênia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Sérvia, Macedônia e Kosovo. Belgrado, chamada de “O portal dos Balcãs” ou “Chave para Europa Central”, é hoje a capital da Sérvia. Uma das mais antigas cidades da Europa, foi o epicentro do último grande surto de varíola no continente, em 1972, ano em que a Dra. Branka se formou. Ela visitou a região de origem da família em outras oportunidades e conta que o tio arquiteto, que acolheu a família no Brasil, faleceu recentemente em Curitiba, já centenário. **i**



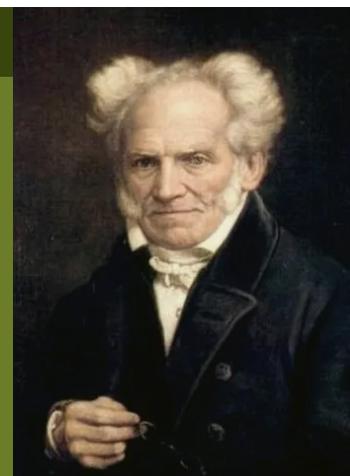
Dra. Branka em três momentos: de volta à região de origem, comemorando o Natal em ritmo de trabalho e com o amigo Dr. Gustavo Ricardo Zill Risson, que a representou na solenidade de diplomação do CRM-PR.

Aforismo

“A glória deve ser conquistada; a honra, por sua vez, basta que não seja perdida.”

ARTHUR SCHOPENHAUER (1788-1860).

Na visão do filósofo, grande escritor e pessimista notório, o homem não é um ser unificado e racional, que age conforme os interesses, mas um ser fragmentado e passional impulsionado por forças além de seu controle. Defensor do senso crítico, portando rival da influência do pensamento alheio, expõe a linha tênue entre sucesso e decadência moral.



A ILUMINADA MOÊMA, QUE VIROU SÍMBOLO DA LUTA PELOS DIREITOS DOS DEFICIENTES VISUAIS

Formou-se há 35 anos em Medicina pela UFPR, mas não pôde exercer a profissão. Faleceu em 2014.

Aos 22 anos de idade, quando estava no quarto ano do curso de Medicina da Universidade Federal do Paraná, Moêma Espínola Araújo desenvolveu glaucoma e tornou-se completamente cega, apesar dos esforços médicos. Começava ali a saga de uma mulher que nunca desistiu de seus sonhos e, mais que isso, acabaria se transformando em destacada ativista em defesa dos direitos das pessoas deficientes e contra o preconceito.

Apesar de outros problemas de saúde, como diabetes, Moêma encontrou energia para ir à luta e atestar sua perseverança. Procurou o Instituto Paranaense dos Cegos e a Associação dos Deficientes Visuais do Paraná e interagiu com pessoas com dificuldades semelhantes. Fez aulas de braille e locomoção e começou a reconquistar a sua independência e a superação do trauma. Assim, pôde voltar ao curso, apesar da situação inusitada e da desconfiança inicial de colegas e professores.

Em 1987, quando tinha 29 anos, Moêma chegou a fazer estágio no Hospital de Clínicas antes de concluir o curso. Uma grande vitória, com a colação de grau, foi sucedida pela sensação de derrota, eis que o tão almejado diploma não lhe foi concedido. Ela passou por análise de comitês, mas sua condição sem precedentes estabeleceu o impasse para que fosse autorizada a exercer a Medicina e, assim, constituir-se na segunda pessoa cega no mundo a alcançar tal conquista, excetuando-se casos de profissionais que perderam a visão quando já estavam na atividade.

ATIVIDADES VOLUNTÁRIAS

Moêma não chegou a exercer a atividade médica, embora a batalha levada à esfera da Justiça tenha, em determinado momento, legitimado o seu direito. Sem perder a alegria e a disposição de luta que a caracterizaram desde a infância, Moêma buscou outros caminhos no campo profissional. Também formada no magistério, cursou informática e foi trabalhar numa organização bancária, onde até implementou programa de controle de exames médicos de funcionários.

Cega, mas iluminada. Era assim Moêma em sua vida pessoal, como relembram familiares e amigos. Amava música, dança do ventre, carnaval, esoterismo, esportes e poesia, talento que já era admirado desde a infância. Suas ações de voluntariado foram importante instrumento de incentivo e inserção social de deficientes e de respeito ao ser humano. Atuou como voluntária no Instituto dos Cegos e Associação dos Deficientes, que a tinham acolhido, e também na Fundação Pró-Renal e no Asilo



“Quando nasci faltou luz no hospital. Na confusão, no escuro, resolvi nascer sozinha, sem a ajuda do médico. E ali estava traçado, seria deficiente visual.”

MOÊMA, EM DEPOIMENTO (NA FOTO COMA MÃE)

Vídeo sobre a vida de Moêma Espínola Araújo - Lançamento do livro “Olhares de Moêma” - YouTube (<http://tiny.cc/moema>).



São Vicente de Paulo, onde sua mãe, Dona Helena, sempre teve participação. Nos períodos de Natal e Páscoa, vestia-se a caráter para alegrar a criançada.

Filha de Jango e Helena, Moêma nasceu em 1958. Teve irmãos e realizou outro sonho, o de ter um filho, Leandro, que viria a seguir a carreira de jornalista. Moêma chegou a ser suplente de vereadora em Curitiba, em 1992, e entre as muitas homenagens que recebeu em vida estão o Troféu Sorriso, na Câmara Municipal em 2002, e o Prêmio Cultura e Divulgação de Curitiba no ano seguinte. Ela faleceu em 2014, deixando importante legado, inclusive na poesia que alimentou por anos escrevendo em braile.

HOMENAGENS

Em proposição da vereadora Maria Letícia, que é médica, a Câmara Municipal de Curitiba aprovou por unanimidade a nomeação de logradouro público da capital com o nome de Moêma, o que foi transformado em lei em setembro de 2017. Hoje, o nome dela está consagrado em uma academia ao ar livre do bairro do Uberaba.

Quando apresentou o projeto, Maria Letícia justificou: “Eu conheci a doutora Moêma, uma mulher corajosa, determinada. O trabalho que ela fez foi gigante. Uma construção progressiva, mas discreta, enfrentando problemas de saúde durante sua vida. Lutou pelas pessoas que tinham alguma deficiência. Foi uma dessas mulheres que entendia seu papel na sociedade como agente transformador e formadora de opinião”.

Em setembro de 2019 foi lançado o livro *Olhares de Moêma*, coletânea de poesias escritas por ela e com ilustrações de sua mãe. O lançamento ocorreu no Asilo São Vicente de Paula, para o qual foi revertida a arrecadação da venda do livro. Simultaneamente foi lançado um vídeo sobre a vida de Moêma, com narração do irmão dela, o ator Licurgo Espínola, e edição da sobrinha Hannah Araújo. No final de outubro do mesmo ano, Curitiba foi sede do V Encontro Nacional de Mulheres Cegas e com Baixa Visão (MBMC), com o tema “Trabalho e empregabilidade”. Na ocasião, houve homenagem à “Dra. Moêma, ativista dos direitos das pessoas com deficiência”. ❶

PRECURSORES DE UMA LUTA PELA INCLUSÃO E CONTRA PRECONCEITO

A luta que Moêma inaugurou há 35 anos contribuiu para um olhar diferente à condição dos estudantes de Medicina. Para os deficientes visuais, importante resgatar a trajetória do ortopedista Antônio José da Cruz Santos, o Niltão, que faleceu aos 74 anos em dezembro de 2021, vítima da covid-19.

Formado pela USP de Ribeirão Preto, ele estava fazendo residência médica quando, em 25 de julho de 1979, sofreu acidente de trânsito. Foi na estrada entre Ribeirão Preto e Porto Ferreira, para onde seguia para fazer um plantão. Era dia de São Cristóvão, o padroeiro dos motoristas. Sobreviveu. Saiu do coma quase duas semanas depois no hospital, onde recebeu a notícia do nascimento do terceiro filho. E de que não poderia vê-lo, pois perdera a visão.

Niltão, assim apelidado por causa da semelhança física com o jogador Nilton Santos, participante de quatro Copas do Mundo, conseguiu não apenas obter o título de especialista como também exercer a atividade por longos anos no Hospital de Clínicas de Ribeirão Preto, no serviço público do município e ainda em consultório particular, com ênfase na área de reabilitação. Seu reinício foi acompanhando consultas, ganhando depois a autoconfiança para prosseguir no trabalho, o que cumpriu até o fim da vida.

O médico Wilson Aparecido Alves de Oliveira tem uma história semelhante à do Dr. Niltão. Formado em 1980 pela Universidade Federal de Santa Catarina, cinco anos depois ele sofreu acidente de trânsito. Sofreu traumatismo cranioencefálico, com perda do olfato e da visão. Residente em Blumenau (SC), exerce a profissão no sistema público da cidade e em consultório particular.

Outro exemplo de perseverança é o endocrinologista Ricardo Ayello Guerra, que nasceu com retinose pigmentar. Tinha 30% da visão quando ingressou na UERJ, tendo dificuldades em algumas disciplinas, que superou com a compreensão de professores, como o de anatomia, que lhe permitiu usar o tato. Formou-se e fez residência. Aos 35 anos viu acentuar-se sua dificuldade de visão. A essa altura, trabalhava em dois hospitais públicos de São Paulo e consultório particular em Atibaia. Aos 42 anos ficou totalmente cego. Há mais de oito anos enfrenta a nova forma de trabalhar, contando sempre com cooperação de colegas.

Inscrito desde fevereiro de 2014 no CRM de Pernambuco, Pedro Cerqueira Russo mora em Jaboatão dos Guararapes com os pais e irmãs. Médico da Prefeitura do Recife, fez residência em Psiquiatria. Tem visão mínima e conta que sempre fez uso de programa de computador para seus estudos e atualização. O “JAWS” é para deficientes visuais, que transmite em áudio conforme vai passando o leitor.

Samuel Felipe Ramires Franco formou-se em 2019 pela Universidade Federal de Roraima. Tem limitação visual, resultado de doença que descobriu depois de ter ingressado no curso de Medicina, em 2013. Até recentemente a UFRR tinha uma centena de alunos que são PCD (Pessoa com Deficiência). Do total, 31 eram de Medicina.



A MENINA DA FOTO, A DOR E OS ENSINAMENTOS DE PAZ

(DOS HORRORES DA GUERRA AO CAMINHO DA PAZ)

A icônica foto da *napalm girl*, que se converteu num símbolo dos horrores da Guerra do Vietnã, completou 50 anos em 8 de junho de 1972. A imagem captada pelo fotógrafo Nick Ut Cong Huynh mostra uma menina nua, correndo e com o rosto aterrorizado após aviões *Skyraider*, do exército sul-vietnamita, lançarem napalm (um gel pegajoso e incendiário que causa queimaduras graves) sobre o povoado de Trang Bang, matando centenas de moradores. A foto, intitulada oficialmente como *O Terror da Guerra*, representa o drama causado pela violência indiscriminada de um conflito que levou à morte mais de um milhão de civis.

Phan Thi Kim Phúc tinha nove anos de idade quando foi fotografada tentando fugir da aldeia com outras crianças. Sofreu queimaduras em parte do corpo e somente não morreu porque foi socorrida de imediato pelo próprio fotógrafo da *Associated Press* (AP), que precisou viajar mais de duas horas de carro até chegar a um serviço hospitalar em Cu Chi, já que o mais próximo não teve condições de oferecer o atendimento necessário. Mesmo assim, Nick Ut teve de convencer os profissionais a prestar socorro, exibindo o seu crachá de correspondente de guerra e ameaçando usar as fotos para “denunciar ao mundo” a omissão.

Meio século depois, embora marcada pela tragédia, Kim sorri para a vida. Ela vive em Toronto, no Canadá, onde recebeu asilo em 1992 e constituiu a própria família, e fez de suas lembranças amargas uma fonte de esperan-

ça para outras pessoas. Em 1997, ela foi nomeada embaixadora da Boa Vontade das Nações Unidas. Ainda criou a *Kim Foundation International*, para ajudar crianças vítimas de guerra, e passou a viajar pelo mundo para contar, em primeira pessoa, suas experiências e para falar sobre a importância do perdão.

Em outubro de 2017, Phan Thi Kim Phúc, também conhecida como Kim Phúc, lançou o livro com título em inglês *Fire Road: The Napalm Girl's Journey Through the Horrors of War to Faith, Forgiveness, and Peace* (No Brasil: *A menina da foto. Minhas memórias: dos horrores da guerra ao caminho da paz*). A obra veio em reforço ao trabalho de Kim, que se declara não mais ser uma vítima da guerra: “Sou grata agora. Sou uma sobrevivente e tenho a oportunidade de trabalhar pela paz”.

A IMAGEM E A MENSAGEM

Kim e o fotógrafo mantiveram-se próximos ao longo desta jornada, embora morando em países diferentes. Ela o chama de “Tio Ut” e o tem como seu herói: “Acho que devo muito a ele nesta vida. É parte da minha família”. O fotógrafo retribuiu dizendo que a considera como uma filha. Em maio deste ano, os dois estiveram juntos numa visita ao Papa Francisco, quando o presentearam com cópia da icônica fotografia, com a qual Nick Ut ganhou os prêmios *World Press Photo* (1972) e o *Pulitzer de Reportagem Fotográfica* (1973).

Há poucas semanas, Kim Phúc foi submetida ao 12º procedimento e o último de seu tratamento. Foi em uma clínica especializada localizada no sul da Flórida, nos Estados Unidos, e visou tratar as cicatrizes e amenizar a dor que ela ainda sentia décadas após a explosão. A primeira hospitalização, ainda em seu país, perdurou por 14 meses, primeiro em Cu Chi, depois em Saigon, e por fim num serviço especializado de queimados. À época, como confidenciou em recente entrevista, não gostou nada da foto feita por Nick: “Ficava tão envergonhada. Por que eu tinha uma foto assim? Eu não queria ver. Com o tempo, percebi que essa foto era um presente poderoso para mim. Eu posso usá-la para trabalhar em nome da paz. Agora, posso olhar para trás e abraçar esta imagem. Sou muito grata por Ut ter captado aquele momento histórico e registrado o horror da guerra. Imagens como essas podem mudar o mundo”.

Nick Ut, que tem 71 anos e mora em Los Angeles (EUA), está aposentado, mas entende que o trabalho de fotógrafo de guerra é algo vital: “Documentar as atrocidades, hoje, é tão importante quanto era no Vietnã. Agora, há muitas imagens do que está acontecendo no mundo. Elas têm o poder de contar a verdade”. Nascido em território vietnamita, ele tinha 14 anos quando começou a trabalhar com fotografia, estimulado pelo irmão, que era contratado da AP. Após a morte do irmão, tinha 16 anos quando foi



QUASE NÃO SAIU

A imagem que correu o mundo chegou a ser rejeitada num primeiro momento pela AP, por causa da nudez da menina. O editor-chefe de fotografia da agência, no Vietnã, Horst Fass, decidiu bancar a sua transmissão e ela foi reproduzida por jornais de todos os continentes. Há poucos anos, a rede social Facebook chegou a proibir a imagem, por apresentar nudez, decisão reconsiderada.

contratado pela AP para cobrir a Guerra do Vietnã. Depois do conflito, mudou-se para os Estados Unidos, onde obteve cidadania e registrou outros eventos históricos. Ainda trabalhou no Japão e fez cobertura de alguns conflitos entre as Coreias.

Nascida em abril de 1963, Kim é casada desde 1992 com Bui Huy Toan e tem dois filhos: Stephen Bui e Thomas Bui. Os pais dela não faleceram na explosão no povoado em que moravam, mas ela perdeu naquela ocasião uma tia e dois primos, um de nove meses e outro de três anos. **❶**



O LIVRO

A autobiografia de Kim foi lançada em 2018 no Brasil, em sua versão em português (*A menina da foto – Minhas memórias: Do horror da guerra ao caminho da paz*; Editora Mundo Cristão). A autora aborda detalhes de sua história, a começar pela inocente infância pelas formosas terras do Vietnã do Sul, passando pela devastação da guerra e a opressão imposta pelo regime comunista. Fala do antes e depois da imagem que correu o mundo e das dores físicas que enfrentou ao longo da vida por causa das cicatrizes impostas pelas queimaduras pela bomba de napalm, produto químico que adere à pele humana e queima a mais de 2.700 graus.

Kim relata sobre a juventude vivida em Cuba, para onde foi enviada pelo governo comunista para estudar, e como foi usada como instrumento de propaganda política, optando por desertar e seguir para o Canadá, onde pediu asilo e experimentou a tão sonhada liberdade. No livro, ela compartilha os traumas, os medos, as lutas e os complexos que viveu em diferentes fases de sua caminhada. Também expõe o segredo que a fez superar a desesperança, a tristeza e a dor que afligiam a sua alma: a sua fé cristã.

Hellen Adams Keller: “É maravilhoso ter ouvidos e olhos na alma”

"Nestes anos sombrios e silenciosos, Deus tem usado minha vida para um propósito que eu não conheço, mas um dia eu o entenderei e depois ficarei satisfeita".



Exemplo de superação e coragem. Hellen Keller faleceu em 1968.

A primeira pessoa surdocega na história a conquistar um bacharelado nasceu no Alabama (EUA), em junho de 1880. Faleceu em junho de 1968, em Easton, Connecticut (EUA), deixando importante legado de ensinamentos e exemplos de coragem e superação, enquanto escritora, filósofa, conferencista de renome mundial e ativista política, militando em prol das pessoas com deficiência. Integrou o *Socialist Party of America* e o *Industrial Workers of the World*, tendo participado de mobilizações pelo voto feminino, direitos trabalhistas e outras causas progressistas. Logo após a Segunda Guerra, visitou soldados que perderam a visão ou a audição para oferecer apoio e incentivo e, também, esteve nas cidades japonesas alcançadas por explosões atômicas, para expressar sua oposição às guerras.

Ao longo de sua vida, foi agraciada com títulos e diplomas honorários de países e organizações filantrópicas nos cinco continentes. No Brasil, foi condecorada com a Ordem do Cruzeiro do Sul. Por sua atuação internacional no apoio as pessoas com deficiências e seu empenho em prol dos direitos humanos, foi indicada por duas vezes ao Nobel da Paz (1953 e 1958). Em 1915, fundou a instituição *Helen Keller International* (HKI), dedicada à pesquisa em visão, saúde, nutrição e ao combate à fome, e, em 1920, ajudou a fundar a União Americana pelas Liberdades Cívicas, que se tornou uma referência para a defesa da liberdade de expressão e da democracia nos Estados Unidos. Em 1954, participou das filmagens de *Hellen Keller in Her Story*, dirigido por Nancy Hamilton e que ganharia dois anos depois o Oscar de melhor documentário de longa-metragem.

HELLEN FOI A PRIMEIRA PESSOA SURDOCEGA NA HISTÓRIA A CONQUISTAR UM BACHARELADO; DEIXOU LEGADO DE LUTA PELA LIBERDADE E DIREITOS HUMANOS.



Hellen em dois momentos: no contato com os livros em braile e com a professora e acompanhante Anne Sullivan.

HISTÓRIA

Hellen ficou cega e surda antes dos dois anos de idade devido a uma doença diagnosticada então como “febre cerebral” que, hoje, acredita-se que tenha sido escarlatina ou meningite. Em 1886, os pais, inspirados pelo relato do romancista Charles Dickens em sua obra *American Notes*, a respeito da educação bem-sucedida de outra jovem surda, Laura Bridgman, foram a Baltimore em busca de aconselhamento com o médico J. Julian Chisolm, especialista em olhos, ouvidos, nariz e garganta. Este, encaminhou a família para Alexander Graham Bell (sim, o mesmo cientista inventor do telefone), que estava trabalhando com uma criança surda à época. Bell aconselhou a visita ao *Perkins Institute for the Blind*, onde a própria Laura Bridgman havia sido educada. Michael Anagnos, diretor da escola, pediu à ex-aluna, Anne Sullivan, ela própria uma pessoa com deficiência visual, para tornar-se instrutora de Helen.

Começava ali uma relação de 49 anos, durante a qual Anne se tornou professora e acompanhante de Helen, que passou do isolamento imposto pela quase total falta de comunicação ao aprendizado de três idiomas, além do braile e da linguagem de sinais. Aos 20 anos, Hellen acabaria escrevendo à mão a sua autobiografia, *A História da Minha Vida*. Em seguida vieram outros livros: *Optimism* (1903), *The World I Live In* (1908), *Light in My Darkens and*

My Religion (1927), *Helen Keller's Journal* (1938) e *The Open Door* (1957). Também manteve carreira no jornalismo, escrevendo artigos para o *Ladies Home Journal*, além das revistas *The Century*, *McClure's* e *The Atlantic Monthly*.

A partir de então não parou de escrever e, em 1904, graduou-se bacharel em filosofia e ganhou o prêmio Destaque a Aluno. Da extensa obra de Hellen e o convívio com a “professora” surgiu a afamada peça teatral *The Miracle Worker*, que deu origem ao filme *O Milagre de Anne Sullivan* (1962). Seu aniversário, em 27 de junho, é comemorado como o *Helen Keller Day* no estado da Pensilvânia e autorizado, em âmbito federal, por meio de proclamação presidencial de Jimmy Carter, em 1980, ano do centenário de seu nascimento.

Em 1961, Keller sofreu uma série de derrames que a forçaram a usar uma cadeira de rodas e reduzir suas atividades sociais e aparições públicas. Por isso, em 1964, ela não pôde comparecer à cerimônia para receber a Medalha Presencial da Liberdade, um dos mais prestigiados prêmios civis dos Estados Unidos. No ano seguinte, foi inserida no *National Women's Hall of Fame* durante a Feira Mundial de Nova Iorque. Faleceu em casa aos 87 anos, enquanto dormia, na madrugada de 1º de junho de 1968. Certa vez disse: “Aquilo que eu procuro não está lá fora, mas sim dentro de mim.” **i**



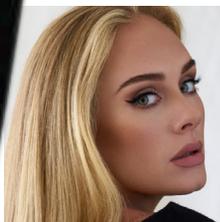
GUIA DE BORDO

DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI

Sejam bem-vindos a mais uma viagem musical, desta vez relacionada ao tema central da *lâtrico* nº 41, que é **SUPERAR**. Seja uma perda afetiva, a morte de um ente querido, ou mesmo as dificuldades para se enfrentar uma pandemia, atingir um objetivo ou realizar um sonho, tudo isso requer que busquemos energias, obstinação, ou o que restar da nossa fé, para que possamos prosseguir de forma a atingir aquela meta ou apenas encontrarmos forças para continuar tocando a vida. O segredo para essa superação é perseverança. E isto é muito bem

colocado, ou às vezes meramente sugerido, nas canções que escolhi para nos acompanharem nesta viagem.

Como sempre faço, lembro-lhes que esta lista é pessoal, e como tal, arbitraria e sujeita a erros na escolha. Certamente deixei escapar **AQUELA** música que se tornou marcante sua vida por tê-lo(a) ajudado a superar uma determinada situação que lhe foi tão difícil. De todo modo, espero que pelo menos uma das que escolhi possa ter sido a sua. Se não o foi, fica para a próxima. Espero que lhes agradem.



ADELE

Hold On (2021)

Nada melhor que iniciar a viagem no fundo do poço, quando parece que não há saída. E para momentos assim, ninguém melhor que Adele. Composta ao final de seu casamento, a letra nos fala que ela se acha a sua pior inimiga, que se odeia, e que parece que o caminho à sua frente a engolirá. Auto-estima zerada, aparentemente sem saída, mas lá vem a sua voz interior lhe dizendo para continuar, não desistir, que ela é forte e que o amor um dia virá, é só dar tempo ao tempo. Quem de nós não se viu nessa situação, ao terminar um relacionamento? Just hold on, hold on.... Saia do poço.

CAROLE KING

You've Got a Friend (1971)

Gravada no seu primeiro álbum, lançando a compositora ao topo das paradas, esta música também catapultou James Taylor ao sucesso quando ele a gravou. Ela está aqui para nos lembrar que, quando estivermos em dificuldades, sempre haverá uma pessoa amiga para nos estender a mão e nos ajudar a sairmos do buraco em que nos metemos; basta que a chamemos e peçamos ajuda, e ele(a) virá correndo de onde estiver, seja inverno, primavera, verão ou outono. Você tem um amigo, tudo que tem a fazer é chamar.



PAUL MCCARTNEY

Put It There (1989)

Nesta balada de extremo lirismo, Sir James Paul McCartney nos lembra a força da relação entre pais e filhos, com um pai dizendo ao filho que não importa o tamanho da sua carga; mesmo que ela pese uma tonelada, coloque-a lá e ele o ajudará a carregá-la; enquanto estiverem juntos, coloque-a lá. Nisto entra também a superação das desavenças e divergências, que devem ser discutidas de modo a clarear o ambiente com a sua resolução. E assim aprendemos a fazer o mesmo pelos nossos filhos, e eles pelos seus.



**THE CORRS*****Everybody Hurts – MTV Unplugged Live (1999)***

Nesta versão da belíssima canção de Michael Stipe, do REM, os irmãos Corr nos dizem que, depois de um dia longo e difícil, quando estamos cheios dessa vida, em que todos podemos às vezes ser magoados por alguém, tudo pode parecer errado, mas quando anoitece, devemos deixar pra lá, confortando-nos com os amigos que temos, pois nunca estamos sozinhos. Nos longos dias e noites de solidão, lembremo-nos de que todos magoamos alguém ou somos magoados às vezes, mas devemos sempre continuar em frente, pois nunca estamos sós.

**PINKY & NATE RUESS*****Just Give Me a Reason (2012)***

Quando a relação de um casal não vai bem, é preciso fazer uma DR para superar esta fase. É preciso buscar um motivo, por menor que seja, que justifique a manutenção daquela relação. O importante é que ambos queiram continuar, e que tudo não esteja tão ruim quanto parece, pois está tudo escrito nas cicatrizes dos corações de ambos, e lhes seja possível aprender a se amarem de novo, e esta crise conjugal seja superada.

**JOHN LENNON*****(Just Like) Starting Over (1980, remasterizada em 2010)***

Esta é a versão do álbum Double Fantasy Stripped Down, de 2010, com versões mais limpas que as do álbum original, lançado em dezembro de 1980, poucos dias antes dele ser assassinado. Nela Mr. Lennon propõe que o casal invista na sua relação como se ela estivesse começando a cada dia, como se estivessem se apaixonando novamente, viajando para algum lugar distante como no começo, pois o tempo passa muito rápido e não se deve desperdiçar um dia sequer. É preciso saber que aquele amor é especial, e que se deve aproveitar a chance e voar para algum lugar.... e assim superar as dificuldades.

**LEONARD COHEN*****Anthem (1992)***

Aqui o grande Mr. Cohen nos fala que, quando o dia amanhece, os pássaros cantam, lembrando-nos de que não devemos morar no passado, nem ficar pensando no que ainda não aconteceu. Em tudo existe uma fenda, e é por ali que a luz entra. Vivamos o presente, sem lamentar as oferendas desperdiçadas, mas sim comemorar o que conseguimos realizar, fazendo soar os sinos que ainda podemos tocar pelas coisas boas que temos ou fizemos. Cheia de metáforas, a poesia complexa de Leonard Cohen nos lembra que viver o presente é o que mais importa, deixando a luz entrar pelas fendas da nossa vida.

**IVAN LINS*****Começar de Novo (1994)***

Mais uma sobre o fim de um relacionamento, mas aqui com uma visão mais positiva, em que vale a pena rebelar-se, debater-se, virar a mesa, machucar-se, tudo isso para sobreviver a uma relação desgastada, livrando-se do fantasma de uma parceira opressiva, dominante, e que o amanhecer de um novo dia traga o esquecimento de tudo isso e a abertura para um novo relacionamento, tendo superado as dificuldades do anterior. Sair do poço sempre é a melhor atitude a tomar.

**PHILLIP PHILLIPS*****Hold On (2018)***

Nesta canção o autor nos fala que quer fugir deste mundo de marionetes e falsidades, que as sementes no seu coração comecem a brotar para que ele venha a ser o homem que está destinado a ser, que o amor o fará agarrar-se à sua vida para descobrir o que está certo ou errado, e que se encontrará um dia desses, mesmo que algumas pessoas achem que ele não possa ser salvo. Propõe-se a bancar a aposta pela sua vida, que é muito curta para ser desperdiçada num caminho ainda não escrito. Tudo isso, enfim, nada mais é que a busca de cada um pela sua paz interior, que deve ser procurada com perseverança.

**SIMON & GARFUNKEL*****Bridge Over Troubled Water (1970)***

Neste que considero um dos mais belos clássicos da música pop, os dois rapazes de NY enfatizam novamente a importância da amizade, com a imagem metafórica dos nossos problemas como um rio caudaloso, em que o(a) amigo(a) se propõe a se estender sobre ele como uma ponte para que o transponhamos. Na segunda parte, vem a sugestão de que nos deixemos levar rumo aos nossos sonhos, com a certeza de que o(a) amigo(a) estará nos seguindo, para nos ajudar a seguir nesse caminho com a alma mais leve. Tenho certeza de que daqui em diante esta música não lhe soará apenas como mais uma música de elevador (“easy listening”) nas próximas vezes em que a ouvir, mas o fará sentir-se grato pelos amigos que tem e pela amizade que pode oferecer a alguém.



PRETENDERS
I'll Stand By You (1994)

Aqui Chrissie Hynde coloca-se na posição da pessoa amiga disposta a ajudar quem está sofrendo, independente de certo ou errado, sem julgamentos e com amor incondicional, como devem ser os verdadeiros amigos, dispondo-se a nos ajudar no caminho que escolhermos, certo ou errado, sempre ao nosso lado. Podemos dizer que esta música seria a resposta ou contraponto à famosa Stand By Me, de Ben E. King, que foi gravada até por John Lennon no álbum Rock'n'Roll em 1975, mas fiquemos por aqui mesmo, apenas para nos lembrarmos da importância de uma mão estendida para nos ajudar a superarmos os problemas.



MARIANA NOLASCO
Transforma(dor) (2020)

Nesta singela canção, a autora coloca a necessidade de que as dificuldades devem ser discutidas, mesmo que com o espelho, transformando o medo e a confusão em esperança e calma com a confiança de enfrentar o problema, transformando a dor em amor. Rima rasteira, mas com um belo resultado.



SARAH HARMER & ART OF TIME ENSEMBLE
Come Healing (2022)

Nesta gravação ao vivo da música lançada em 2013 por Leonard Cohen, o autor nos propõe que tomemos as cicatrizes e estilhaços das dificuldades, das promessas não cumpridas ou que nem foram feitas, e o peso da cruz que carregamos e usemos tudo isso para nos curar o corpo e o espírito, o coração e a razão, como um renascimento após superadas as dificuldades. Como sempre, o senhor Cohen usa metáforas religiosas com maestria, sempre com belíssimo resultado, como na sua obra prima Hallelujah. Neste tributo, cai bem a voz angelical de Sarah Harmer em vez da voz roufenha do autor, por isso a escolhi.



JET
Hold On (2016)

A banda australiana não diz que tudo o que se quis ou tudo que se fez diz muito a que se possa apegar, e quando é difícil que sejamos nós mesmos, tentando ser diferentes, tudo fica distante e esquecemos onde estamos; a mensagem implícita parece ser que nos apeguemos àquilo que somos na nossa essência, em vez de tentarmos buscar uma imagem que não corresponda à nossa realidade. Com isso, respeitando nossas individualidades, superaremos nossas limitações, muitas das quais criadas por nós mesmos. Hold on! Apegue-se!



AEROSMITH
Dream On (1973)

Nesta música, que foi a primeira lançada pela banda, Steven Tyler se vê na frente do espelho, e as rugas que vê lhe dão conta que o que passou, passou, como a alvorada sucede o crepúsculo, e que todos temos nossos débitos a resgatar e precisamos às vezes encarar derrotas para aprendermos a vencer. Estamos sempre aprendendo, e ele nos sugere que cantemos na alegria e na tristeza, cantemos hoje porque amanhã Deus poderá ter nos levado embora. Termina com o conselho que dá nome à música: sonhe, sonhe sempre, até que seus sonhos se realizem. Ótima candidata à categoria de música de auto-ajuda, mas alguém dirá que isto não é verdade? Sonhemos sempre!

FUN
Carry On (2012)
com o coração feliz como um 4 de julho

Nesta singela canção, Nate Ruess se vê acordando ao som de silêncio e gritos cortantes (alucinações hipnopômicas?) e vê sua parceira com uma garrafa de vinho na mão e a cabeça nas cortinas, e o coração feliz como num 4 de julho (devo traduzir para 7 de setembro?). e ela lhe responde que não somos estrelas brilhantes. Ele diz que sabe disso, nunca disse que éramos, e que já tinha fechado janelas suficientes para saber que não se deve olhar para trás (outra DR chegando...). E se você está perdido e só, afundando como uma pedra, continue, e que seu passado seja o som dos seus pés no caminho já percorrido.

Ao anoitecer, encontra amigos em um bar, e conversam sobre como será a morte dos seus pais, sobre as esposas e vizinhos, e ele pensa como gostaria de enganá-los como foi enganado muitas vezes, e, abandonado e deixado para morrer, agora perambula pelas ruas por não ser um fantasma como ela é para ele... Depressão pesada, mas aí entra o coro da música lembrando que, se nos sentirmos sós, perdidos e afundando, devemos continuar fazendo nosso caminho, com a cabeça em chamas mas as pernas em ordem, e elas irão aonde quisermos. Termina dizendo à sua parceira que somos estrelas brilhantes e nada nos fará parar, pois somos invencíveis e, mesmo distantes, encontraremos o caminho de casa. Musiquinha forte candidata ao Grammy de melhor música bipolar...

PETER GABRIEL & KATE BUSH

Don't Give Up (1986)

Peter Gabriel gravou esta música em dueto com Kate Bush, que havia sido descoberta por ele aos 19 anos, em 1978, chegando ao topo das paradas com *Wuthering Heights*. Aqui eles cantam com extrema sensibilidade, alternando os vocais. Ele começa contando que foi criado aprendendo a ser forte, lutar e vencer, sem nunca imaginar que poderia fracassar. Sem ter por que lutar e sentindo-se abandonado pelos seus sonhos; mudou o rosto, mudou o nome, mas percebe que ninguém quer um perdedor... Ai entra Kate lhe dizendo para não desistir, pois tem amigos, e ainda não foi derrotado, e pode fazer tudo dar certo. Ele responde que apesar de ter visto tudo, nunca tinha pensado que poderia ser afetado, e acha estranho como as coisas mudam. Dirigindo para a casa em que nasceu, viu ao amanhecer as árvores totalmente queimadas. Ela reforça-lhe que não desista, que eles têm um ao outro, e que não precisam de muito, e que em algum lugar há o local ao qual pertencem. Aconselha-o a descansar, não se preocupar demais, que tudo ficará bem, e que mesmo em tempos difíceis, sempre terão um ao outro, então não desista. Ele responde que quer sair dali, que não suporta mais, quer subir naquela ponte e olhar para baixo, lembrando que, aconteça o que acontecer, o rio continuará a correr. Mudou-se para outra cidade, tentou estabelecer-se lá, muitos homens para cada trabalho, muitos homens de quem ninguém precisa, e lá vem ela de novo lhe dizendo-lhe para não desistir, que não há razão para se envergonhar, e ela tem orgulho dele ser quem é. Ele sabe que nunca foi fácil, e ela termina dizendo crer que há um lugar ao qual pertencem. Esta é uma das minhas canções favoritas, e eu não poderia deixá-la de fora desta lista, por lembrar-nos que nunca desistamos do que queremos.



ENTRE NESSA VIAGEM COM
O DIÁRIO DE BORDO.
TRILHA SONORA DO IÁTRICO
NO SPOTIFY:

<http://tiny.cc/iatrico41>



RINGO STARR

Life Is Good (2019)

Para sair um pouco da depressão/hipomania da canção anterior, Ringo nos lembra que não importa o tempo que leve, você se dará conta de que a vida é boa. Pergunta quantas vezes você se lembrou de uma coisa boa, e lembra que muitas vezes milhares de vezes não serão suficientes, e que sua vida mudará, terá sorte e encontrará que você possa amar. Devemos agradecer a Deus pelas lições que aprendemos, e mesmo tendo passado por situações difíceis (leia a matéria sobre Ringo neste número do Iátrico), ele sempre pode cantar esta canção, pois a vida é boa. Otimismo ingênuo, mas às vezes isto é melhor que o pessimismo esclarecido....



NOITE ILUSTRADA

Volta Por Cima (1962)

Nesta gravação original do samba de Paulo Vanzolini, o sambista afirma ter chorado, em uma situação em que qualquer outra pessoa teria chorado, e, considerada a época machista da gravação, afirma não querer que uma mulher lhe venha dar a mão para ajudá-lo a se reerguer. Reconhece a queda, não desanima, levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima. Clássico da MPB, foi gravada também por Elza Soares e Maria Betânia, entre outros, mas eu prefiro deixar aqui a versão original.



RINGO STARR

Waiting For The Tide To Turn (2021)

Para encerrar nossa viagem, chamaremos novamente o nosso exemplo de superação, o bom e velho Ringo. Ele começa dizendo que há luz no fim do túnel, que há esperança no nascer do sol, e que basta tocar um reggae para melhorar o dia. Lembra que há dias em tempos problemáticos, em que nos deixamos envolver pelas preocupações, e que ao tocar um reggae sentiremos o ritmo da vida. Lembra que esperou muito tempo que a maré mudasse. Sugere que nos desliguemos, deixemos os problemas para trás, e que nós devemos mudar para que a maré mude.

Com tudo o que ele passou, creio não haver fechamento melhor para nossa viagem pela superação, mesmo não sendo fanático por reggae, mas acho que me darão razão pela escolha. Espero que tenham apreciado a viagem!



Esperamos que tenham gostado da viagem e que possamos nos reencontrar na próxima! Agradecemos por terem escolhido viajar em nossa companhia!

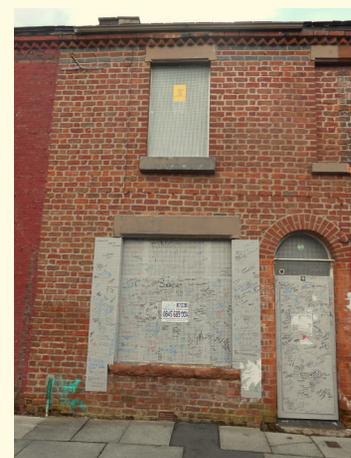


Ringo Starr

O Beatle da Superação

DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI

Sir Richard Starkey, Kn, MBE, nasceu no dia 7 de julho de 1940 no número 9 da *Madryn Street*, em Dingle, bairro de Liverpool, sendo o único filho de Richard Starkey e Elsie Gleave. Elsie foi uma mãe superprotetora desde o início, enquanto Richard passava a maior parte do tempo bebendo e dançando em *pubs*. Em 1944, a necessidade de reduzir as despesas levou a família a mudar-se para o número 10 da *Admiral Grove*, no mesmo bairro. Mais tarde, no mesmo ano, o casal se separou. Ringo refere ter poucas lembranças do pai, que muito raramente os visitava. Com a ajuda do ex-marido sendo de apenas 30 *shillings* semanais, Elsie passou a trabalhar como faxineira e depois como garçom de bar por 12 anos.



“Richie” bebê, aos cinco anos com a mãe e a casa onde nasceu, em Liverpool.

Aos seis anos, o pequeno Ritchie, como era chamado, teve apendicite e foi operado. No princípio tudo evoluiu bem, mas, no esforço de ajudar outro menino da enfermaria após uma queda, os seus pontos se romperam e ele teve uma peritonite, ficando em coma por 10 semanas. Sua recuperação o manteve internado por 12 meses, e após a alta em maio de 1948 sua mãe o manteve em casa.

Assim, aos oito anos, ainda era analfabeto e sem noções mínimas de matemática. Sentindo-se alienado na escola, passou a fugir das aulas com frequência. Passou a receber tutorias duas vezes por semana da vizinha Mary Maguire Crawford, com o que após alguns anos quase alcançou o nível dos colegas, mas...

Em 1953, contraiu tuberculose, ficando internado por dois anos em um sanatório. Os médicos de lá organizaram uma banda, para reduzir o tédio e estimular a motricidade dos pacientes. Vendo que Ritchie batucava no seu criado-mudo com uma pinça com uma bola de algodão na ponta, arranjaram-lhe uma bateria e começou a praticar. A partir daí tocar bateria passou a ser a sua meta de vida. Tinha ganhado dos avós bandolim, banjo, harmônica e havia até um piano, mas nada disso o interessou. Só queria tocar bateria.

Voltou à escola e recebeu dos colegas o apelido de Lázaro. Interessou-se por arte, teatro e até mecânica, mas seu nível abaixo do de seus pares o impediu de qualificar-se ao nível secundário. Em 1954, Elsie havia se casado com Harry Graves, e foi o padrasto que lhe apresentou as *big bands* e seus vocalistas, desenvolvendo-se daí um relacionamento gratificante, em que ouviam os discos e Ritchie batucava nas latas de biscoitos. A partir daí nunca mais retornou aos estudos.

O biógrafo Bob Spitz chegou a descrever a infância de Ritchie como “uma crônica Dickensiana de má-sorte”, em um bairro pobre, com casas minúsculas geminadas e mal ventiladas que se abriam direto para a rua, com um pequeno terraço atrás e as paredes descascando pela umidade. A única opção das crianças era brincar no *Prince’s Park*, respirando o ar poluído pelas usinas a carvão.

Sua vizinha/tutora Mary dizia que cada dia era uma luta constante para sobreviver. Vivendo em um dos bairros mais antigos e mais pobres de Liverpool, os crimes violentos eram uma constante, e mais tarde Ringo afirmou que “você mantinha a cabeça abaixada, os olhos abertos e não se colocava no caminho de ninguém”.

Aos 15 anos tentou conseguir trabalho, mas não teve sucesso devido ao seu físico franzino e sua falta de habilidade e disciplina. Ficou algum tempo na *British Railways*, que o atraiu pelo fato de que ganharia roupas quentes do empregador.

Ganhou um chapéu, mas não um uniforme; e foi reprovado no exame físico, saindo pelo menos com o auxílio-desemprego. Trabalhou algum tempo servindo bebidas em um barco de Liverpool a North Wales, mas saiu do emprego com receio de que a Marinha o julgasse hábil em barcos e o convocasse. Em meados de 1956, seu padrasto lhe conseguiu um emprego na *Henry Hunt and Son*, que fabricava equipamentos para escolas. Lá ele fez amizade com Roy Trafford, que também gostava de música, e ambos descobriram as *skiffle bands*, que começavam a surgir na Inglaterra e eram bandas de garagem com instrumentos rudimentares.

Ambos então começaram a ensaiar no porão da fábrica nos intervalos de almoço, com Ritchie batucando em caixas, latas de biscoitos e cadeiras enquanto Roy tocava violão. A eles se juntou o vizinho e colega de trabalho Eddie Miles, com um segundo violão, e formaram a *Eddie Miles Band*, depois rebatizada *Eddie Clayton Band* e finalmente *Clayton Squares*, nome inspirado em uma praça de Liverpool e na qual Ritchie tinha como instrumento uma tábua de lavar roupas.

No Natal de 1957, Ritchie ganhou do padrasto um pequeno *kit* de bateria, com caixa, bumbo e prato, e a banda conseguiu agendar algumas apresentações, até que, em 1958, houve o declínio da moda das *skiffle bands* com o surgimento do *rock'n'roll* americano. Em novembro de 1959, outra banda, a *Al Caldwell's Texans*, precisando de um baterista, o chamou e ele integrou-se a ela, que agora já tinha mudado o nome para *Rory Storm and The Hurricanes*. Nessa ocasião, Ritchie passou a usar o nome artístico Ringo Starr, devido aos anéis que usava e também porque o nome sugeria uma influência *country*.

Em 1960, a banda já havia se tornado uma das mais conhecidas de Liverpool. Tocaram por três meses no *Buttins Holiday Camp*, depois nas bases americanas na França. Surgiu então o convite para tocarem no *Kaiserkeller*, de Bruno Korschmier, em Hamburgo, onde já se apresentava outra banda de Liverpool, chamada *The Beatles*, ocorrendo o primeiro contato entre as duas bandas em 1º de outubro de 1960. Em 15 de outubro, Ringo gravou pela primeira vez com John Lennon, Paul McCartney e George Harrison, acompanhando um cantor chamado Lu Walters em uma gravação de *Summertime*, de Gerschwin & Hayward.

Em janeiro de 1962, Ringo deixou os *Hurricanes* e passou a integrar a banda do cantor Tony Sheridan e, em 14 de agosto, aceitou o convite de Lennon para juntar-se aos *Beatles*. Dois dias depois, o empresário dos *Beatles*, Brian Epstein, demitiu o baterista Pete Best, e Ringo fez sua primeira apresentação oficial como membro dos *Beatles* em 18 de agosto de 1962. Alguns fãs de Pete Best fizeram vigília na sua casa e no clube onde os *Beatles* tocavam, gritando: *Pete forever! Ringo never!* George Harrison ganhou um olho roxo de um deles, e Brian Epstein teve os pneus do seu carro fura-

dos, tendo que contratar um guarda-costas. Muitos anos depois, Best chegou a publicar sua autobiografia com o sugestivo título de *Best of The Beatles*.

Na primeira sessão de gravação com a banda, em 4 de setembro de 1962, o produtor George Martin achou Ringo muito louco tentando tocar bateria e percussão ao mesmo tempo e chamou o baterista Andy White para a gravação do primeiro compacto, com *Love Me Do* (Ringo tocou pandeiro) e *P.S. I Love You* (com Ringo tocando maracas), que foi assim lançado. Contudo, no primeiro LP, *Please Please Me*, foram mantidas as gravações com Ringo na bateria. Martin depois admitiu que não conhecia Ringo e preferiu não assumir riscos, usando o baterista substituto que tinha à disposição.

Em novembro de 1962, Ringo já havia sido aceito pelos fãs e recebia o mesmo número de cartas que os demais membros da banda. Como a renda ainda era pequena, ele passou três anos praticamente vivendo nos *night-clubs*, curtindo e dançando, chegando a afirmar que sua vida era uma festa permanente.

Em junho de 1964, em um *tour* na Dinamarca, Ringo teve amigdalite com febre muito alta e foi hospitalizado, sendo substituído em cinco *shows* por Jimmie Nichol. Nessa ocasião chegou a achar que seria demitido. Em agosto, quando Bob Dylan lhes ofereceu um cigarro de maconha, Ringo foi o primeiro a experimentar.

Em 11 de fevereiro de 1965, casou-se com Maureen Cox, que conhecia desde 1962. Nessa época o estresse e a pressão do sucesso pela *beatlemania* atingiram o seu pico, e em Montreal, após receber uma ameaça de morte pelo telefone, chegou a posicionar os pratos da bateria em posição vertical, como escudos caso levasse um tiro...

Passou a sentir-se isolado, pois o crescente experimentalismo da banda às vezes o tornava dispensável nos ensaios e nas gravações, chegando a passar horas jogando cartas com o agente Neil Aspinall e o *roadie* Mal Evans. Quando os fãs lhe pediram para cantar mais nos discos, ele respondeu: "Eu estou bastante feliz com minha única faixinha em cada álbum".

Em 26 de outubro de 1965, os *Beatles* receberam a comenda da Ordem do Império Britânico (MBE), outorgada pela Rainha Elizabeth II (foto).



Em agosto de 1966, após a última apresentação ao vivo dos *Beatles*, no *Candlestick Park*, Ringo afirmou: “Nós deixamos de fazer *tours* na hora certa. Quatro anos de *beatlemania* seriam suficientes para qualquer um”.

Quando adquiriu uma nova casa, em 1,2 hectares em Weybridge, próxima à de Lennon, equipou-a com televisões, projetores, equipamentos de áudio, uma mesa de bilhar, uma pista de *kart* e um bar, mas nenhuma bateria. Explicou: “Quando não estamos gravando, eu não toco”.

Em 1967, quando foi gravado o álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, Ringo afirmou que se sentiu como um músico contratado para as sessões, em que os outros apenas lhe diziam em que estilo deveria tocar. Sentiu-se excluído e inferiorizado, limitado às vezes a mínimos efeitos de percussão nas músicas de Lennon, McCartney e Harrison. No ano seguinte lançaram o “álbum branco”, como ficou conhecido o álbum *The Beatles*, com músicas compostas em sua maioria durante a viagem a Rishikesh, na Índia, para conhecer e estudar com o Maharishi Mahesh Yogi.

Ringo voltou após 10 dias e o relacionamento entre os membros da banda se deteriorou, com o disco sendo gravado muitas vezes com canções individuais ou de apenas dois membros participando.

Ringo se irritou com o comportamento dominante de McCartney e o contraponto passivo/agressivo de Lennon, bem como com a presença constante da nova esposa de Lennon, Yoko Ono. Depois de uma crítica grosseira de McCartney à sua percussão, chegou a abandonar a banda por duas semanas, tirando férias com a família na Sardenha, onde, após conversar com o capitão do barco sobre um polvo que havia se recusado a comer, pegou o violão e compôs *Octopus's Garden*, que seria gravada depois no álbum *Abbey Road*. Ao retornar ao estúdio após esse afastamento, encontrou sua bateria coberta de flores por Harrison como boas-vindas. Durante a produção do filme *Let It Be*, os desentendimentos na banda aumentaram, como hoje podemos observar na série *Get Back*, recentemente lançada.

“NÓS NÃO ÉRAMOS MÚSICOS BRINCANDO COM DROGAS, ÉRAMOS VICIADOS BRINCANDO COM MÚSICA”, O DESABAFO DE RINGO.



Em 20 de setembro de 1969, em uma reunião, Lennon comunicou aos demais que estava deixando a banda, selando o fim dos *Beatles*. Contudo, isso só se tornou público em 10 de abril de 1970, quando McCartney anunciou que estava saindo da banda.

A partir do final da banda, cada um dos *Fab Four* passou a se dedicar à carreira solo, com Ringo dividindo seu interesse entre lançar seus discos e atuar em filmes, com participações eventuais como baterista nos álbuns de seus antigos parceiros. Seus álbuns solos oscilaram entre vários estilos, usualmente com sucesso nas paradas e aclamação da crítica, mais pelos seus dons musicais e sua simpatia pessoal do que como cantor.

De 1975 a 1978, estabeleceu-se a amizade entre Ringo, Harry Nilsson e Keith Moon, baterista do *The Who*, com os três amigos frequentando um clube de bebedores chamado *Hollywood Vampires*. Em 2001, ele se referiu a esse período de declínio na carreira e desinteresse pela música afirmando: “Nós não éramos músicos brincando com drogas, éramos viciados brincando com música”.

Em abril de 1979, foi internado no *Princess Grace Hospital*, em Monte Carlo, por um problema no intestino decorrente das sequelas da peritonite que teve na infância. Em 28 de abril, foi operado e quase morreu, tendo sido retirada uma parte considerável de seu intestino. Três semanas depois, ele tocou com McCartney e Harrison no casamento de Eric Clapton. Em 28 de novembro do mesmo ano, sua casa em Hollywood foi destruída em um incêndio, com grande parte de sua *memorabilia* dos *Beatles*.

Em 19 de maio de 1980, Ringo e sua nova esposa, a atriz Barbara Bach, sobreviveram a um grave acidente de carro em Surrey, na Inglaterra.

Em janeiro de 1988, Ringo, Harrison e Yoko Ono, representando Lennon, compareceram à cerimônia em Nova York em que os *Beatles* receberam a indicação para o *Rock & Roll Hall of Fame*. Ringo voltou a essa cerimônia em 2015, dessa vez indicado como artista solo.

Em outubro e novembro de 1988, Ringo e Barbara submeteram-se a um tratamento de seis semanas em uma clínica em Tucson, nos EUA, para sua dependência do álcool. Mais tarde ele se referiu a isso dizendo: “Eu perdi anos da minha vida. Não sei o que aconteceu. Eu vivia em um apagão”.

Com a sobriedade, voltou a focar em sua carreira, retomando as gravações e fazendo *tours*. Em 23 de julho de 1989, ocorreu a primeira apresentação da *Ringo Starr and His All-Starr Band* para 10.000 pessoas, em Dallas, Texas. A sua formação, com músicos extremamente competentes e de sucesso em suas carreiras individuais, fez com que ela permanecesse em atividade até hoje, sempre com enorme sucesso, com Ringo cantando canções dos *Beatles* e de sua carreira solo, intercaladas com apresentações dos *hits* dos demais membros da banda – com Ringo como baterista em várias delas.

Em 1994, os três *Beatles* remanescentes se uniram para iniciar o projeto *The Beatles Anthology*, em que gravaram duas novas canções sobre masters originais de Lennon, *Free As A Bird* e *Real Love*, às quais se juntou uma compilação de faixas inéditas, *outtakes* de estúdio e curiosidades inéditas, totalizando três álbuns com dois CDs cada, e quatro DVDs com a história da banda. Posteriormente, foi lançado um CD duplo pirata com mais faixas inéditas, no mesmo formato. Foi também publicado um livro, *The Beatles Anthology*, com a biografia escrita com base nas entrevistas e depoimentos dos *Fab Four*. Quem sabe o que mais existe nos baús da EMI para ser lançado?

Em 20 de março de 2018, recebeu do Príncipe William o título de Cavaleiro do Império Britânico (*Knight Bachelor*). Em 2020, celebrando seus 80 anos, Ringo fez um show com vários de seus amigos, incluindo Paul McCartney, Joe Walsh, Ben Harper, Dave Grohl, Sheryl Crow, Sheila E. e Willie Nelson, o qual foi transmitido em *streaming*.

Em 2021, informou em uma entrevista à *Esquire* que iria lançar EPs em vez de álbuns; e em 24 de setembro lançou *Change The World* nesse formato.

Neste ano, lançou o compacto *World Go Round*, e em fevereiro anunciou um novo *tour*, previsto para maio e outubro. Quem sabe nós o veremos por aqui...

Para quem só conhece superficialmente a vida de seus artistas favoritos e pensa que a vida de artista é fácil, lembramos que o sucesso é apenas a ponta do *iceberg*. A história de Ringo nos revela que, enquanto eu havia mostrado o nascimento do John Lennon escritor e pensador (*lâtrico* 39) e o aprendizado de George Harrison na busca de sua fé e paz interior (*lâtrico* 40), aqui vemos todas as dificuldades que Ringo Starr teve que superar em sua trajetória, pelo que me parece adequado chamá-lo de O Beatle da Superação e vinculá-lo ao tema central desta edição do *lâtrico*. Espero que tenham gostado. **!**



LEITURAS SUGERIDAS

1. Wikipedia – **The Free Encyclopedia: Ringo Starr** <https://en.wikipedia.org/wiki/Ringo_Starr>.
2. The Beatles – **Antologia** – Cosac Naify, 2014.
3. Mark Spitz – **The Beatles – A Biografia** – Editora Lafonte, 2007.
4. Hunter Davies – **The Beatles: The Authorised Biography** – Ebury Press, 2009.
5. Michael Seth Starr – **Ringo: A história do baterista mais famoso do mundo antes e depois dos Beatles** – Editora Planeta, 2018.

Letras mínimas

NÃO DIGA QUE A CANÇÃO ESTÁ PERDIDA. TENHA FÉ
EM DEUS, TENHA FÉ NA VIDA. TENTE OUTRA VEZ!

RAUL SEIXAS (*Tente Outra Vez*)

*Quando não houver caminho,
mesmo sem amor, sem direção;
a sós ninguém está sozinho, é
caminhando que se faz o caminho.*

TITÃS (*Enquanto Houver Sol*)

AH, MEU DEUS! EU SEI, EU SEI QUE A VIDA
DEVIA SER BEM MELHOR E SERÁ!

GONZAGUINHA (*O Que É, O Que É?*)

*O horizonte não é o limite, a
vida é pra gente viver.*

TRIBO DA PERIFERIA (*Valores*)

CANTA FORTE, CANTA ALTO, QUE A VIDA VAI MELHORAR.

MARTINHO DA VILA (*Canta Canta Minha Gente*)

*A esperança equilibrista
sabe que o show de todo
artista tem que continuar.*

ELIS REGINA (*O Bêbado e o Equilibrista*)

SE CAIR, LEVANTE E CAMINHA!

MARCELA TAÍS (*Menina Não Vá Desanimar*)

*Confie em si mesmo. Quem
acredita sempre alcança.*

RENATO RUSSO (*Mais Uma Vez*)

QUEM DORME, SONHA; QUEM VIVE, REALIZA.

TRIBO DA PERIFERIA (*Imprevisível*)

*É preciso estar atento e forte. Não
temos tempo de temer a morte.*

CAETANO VELOSO (*Divino Maravilhoso*)

AMANHÃ, MESMO QUE UNS NÃO QUEIRAM, SERÁ
DE OUTROS QUE ESPERAM VER O DIA RAIAR.

GUILHERME ARANTES (*Amanhã*)

*E se tropeçar do chão não
vai passar. Quem sete
vezes cai, levanta oito.*

TIAGO IORC (*Um Dia Após o Outro*)

MAS TUDO BEM, O DIA VAI RAIAR PRA
GENTE SE INVENTAR DE NOVO.

CÍCERO (*Tempo de Pipa*)

*Eu tenho tido a alegria como dom.
Em cada canto eu vejo o lado bom.*

MALLU MAGALHÃES (*Velha e Louca*)

As superações dos professores de medicina na aplicação de novas práticas pedagógicas

DR. JOSÉ EDUARDO DE SIQUEIRA



Este breve ensaio visa refletir sobre como os professores de medicina têm se empenhado para atender a demanda que a sociedade pós-moderna exige de suas atividades enquanto educadores, assim descritas pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, *a sociedade do desempenho espera, cobra e pune aqueles que não acompanham o ritmo e entrega do que lhes é exigido* (HAN, 2017, p. 85/86).

As escolas de medicina são permanentemente estimuladas a reconsiderar os modelos pedagógicos na busca de formar profissionais mais qualificados, o que torna os professores elementos fundamentais na tarefa de não apenas transmitir conhecimentos, mas igualmente o de formar médicos empenhados em assumir compromissos éticos e humanistas. O esforço para alcançar esse desiderato fez com que o Ministério da Educação (MEC) estabelecesse normas para autorizar o funcionamento de novos cursos de medicina, obrigando-os a atenderem exigências para implantar planos de ensino com a finalidade de formar profissionais com esmerada qualificação profissional e dotados de responsabilidade social.

As escolas médicas atenderam a essas recomendações, embora seja importante ressaltar que, por ocasião de concursos para admissão à carreira docente, privilegia-se a qualificação técnica, ou seja, titulação acadêmica como mestrado e doutorado na área de especialidade médica em que o novo professor atuará, sem preocupações em aferir suas habilidades pedagógicas. Tradicionalmente, segundo Grigoli, *o professor, via de regra, vai intuitiva e empiricamente construindo a sua própria didática calcada nos modelos que conheceu como aluno e no bom senso que o ajuda a “filtrar” os procedimentos que “funcionam”* (GRIGOLI, apud Batista, 1998, p. 46).

É mister, todavia, reconhecer que a grande maioria das universidades tem oferecido aos professores de medicina cursos de aperfeiçoamento pedagógico e que os docentes invariavelmente atendem a esses chamados e colocam em suas práticas acadêmicas as novas metodologias de ensino-aprendizagem ou, melhor dizendo, realizam a supera-

ção de suas deficiências pedagógicas iniciais para melhor estabelecer uma relação intersubjetiva amistosa com seus alunos, condição essa bastante diversa daquela que muitos viveram, quando da formação acadêmica, enquanto alunos nos anos 1960, ocasião em que a cultura imperante nas universidades era a de considerar o professor catedrático como pessoa quase inacessível aos seus alunos.

Apenas para exemplificar, tomo a liberdade de descrever um episódio vivido por mim na época de estudante, quando, durante uma visita à enfermaria, um colega mais afoito dirigiu uma pergunta para nosso professor de clínica propedêutica e recebeu dele a seguinte resposta: *meu filho, entre eu e você existem mil livros e percebo que você sequer leu o primeiro deles*. Ato contínuo, a visita prosseguiu em um ambiente marcado por “um silêncio ensurdecedor”, tornando patente de maneira inequívoca que o ensino médico era área de competência exclusiva de quem detinha o saber e somente seria exercido com a autoridade dos grandes mestres, condição que lhes autorizava inclusive o poder de dispensá-lo de responder a dúvidas de um aprendiz recém-ingressado no território sagrado da medicina.

Embora alguns poucos docentes ainda sigam esse modelo assimétrico de relação com o alunado, que denominamos de “arrogância do saber”, parece indiscutível que a quase totalidade dos atuais professores de medicina exerce seus ofícios segundo o modelo da *philia hipocrática*, em que se reconhece como indissociável do exercício da docência o acolhimento aos estudantes, futuros profissionais na difícil arte de bem cuidar de seres humanos biopsíquicos e espirituais.

Vivendo a experiência de docente em cursos de medicina desde os anos 1970, ao tempo em que compartilho da determinação dos novos professores em superar o modelo cartesiano-flexneriano de ensino e a disposição em acolher novas práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem, considero essencial assinalar que, para atingir a meta de formar profissionais dedicados a cuidados de saúde humanizados, torna-se indispensável contar com ambiente social saudável, tópico esse que merecerá al-

guns comentários sobre o momento atual em que, lamentavelmente, assistimos ao crescimento de graves distopias nas relações interpessoais. Para tanto, recorrerei a alguns pensadores contemporâneos que apontam para essa anomalia, entre outros, Van Rensselaer Potter, criador do neologismo “bioética”, e Zygmunt Bauman, que introduziu o conceito de “sociedade líquida”.

Em março de 1971, Potter publicou *Bioethics: Bridge to the future*, que preleciona que, para superar os limites das disciplinas acadêmicas convencionais, a universidade deveria implementar pesquisas que fomentassem atividades inter e multidisciplinares protagonizadas por docentes de diferentes áreas do saber acadêmico (POTTER, 1971, p. 52). Por outro lado, o fato de que o progresso deveria ser construído por pesquisas conduzidas por cientistas de áreas específicas do conhecimento, desconhecendo a realidade da vida humana como um todo, levou-nos, no campo da saúde, às subespecialidades médicas, que, embora necessárias, favoreceu a visão reducionista de que o conhecimento prevalente dos aspectos fisiopatológicos das diferentes enfermidades favorecia a compreensão de que caberia ao médico empenhar-se em tratar a doença da pessoa, subestimando as variáveis biopsicossociais e espirituais.

Atualmente, grande número de escolas de medicina tem desenvolvido estratégias de ensino para recuperar a compreensão mais holística dos pacientes que frequentam as unidades públicas de saúde. Imperioso reconhecer, entretanto, que essas iniciativas ainda são incipientes (SIQUEIRA, 2003, p. 37/38).

Outra questão central é a de reconhecer como falaciosa a tese de que a aplicação de todo avanço tecnocientífico sempre se faz acompanhar de progresso moral, basta para tanto considerar alguns graves desvios morais como os perpetrados quando do lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki por ocasião da II GG. A comunidade acadêmica ainda é composta por especialistas que se dedicam ao conhecimento de núcleos de saber bastante herméticos, o que dificulta suas participações em comunidades de diálogo com profissionais de outras áreas do mundo acadêmico, sobretudo aquelas ligadas ao campo de humanidades.

Bauman, ao referir-se à pergunta bíblica de Deus ao indagar Caim sobre o paradeiro de seu irmão Abel, retoma o pensamento de Emmanuel Lévinas, que ao interpretar a resposta evasiva de Caim (*Acaso sou guardião de meu ir-*

mão?) a teria identificado como marca inicial da imoralidade que sempre haveria de estar presente na sociedade humana, entendendo que uma pessoa dotada de moralidade autêntica jamais deixaria de reconhecer sua incondicional responsabilidade pelo “Outro”, seu irmão. Em síntese, o comportamento imoral de Caim anulou a condição de ser reconhecido como pessoa ética (BAUMAN, 2001, p. 96).

Seria demasiado pretensioso concluir este breve ensaio considerando que a simples superação dos professores de medicina em melhorar suas práticas docentes pela assimilação de novas metodologias pedagógicas resultaria em significativas melhorias no atendimento à saúde pública, sem levar em conta o entorno social em que a medicina é exercida. Subestimar o fato de que vivemos em uma sociedade marcada pelo individualismo, a ausência do Estado em comunidades pobres, deixando-as reféns do crime organizado, e a prevalência de um capitalismo selvagem que exclui enormes contingentes de pessoas que vivem nas periferias das grandes cidades sem acesso a condições mínimas de sobrevivência humana digna seria desconsiderar a realidade de que a vida no universo paralelo que criamos nos coloca na incômoda condição de seguidores de Caim.

Importante refletirmos sobre as advertências contidas na Encíclica Papal *Gaudium et Spes*, que assim descreveu a sociedade contemporânea: *O mundo atual apresenta-se simultaneamente poderoso e débil, capaz do melhor e do pior, tendo patente diante de si o caminho da liberdade ou da servidão, do progresso ou da regressão, da fraternidade ou do ódio. E o homem torna-se consciente de que a ele compete dirigir as forças que suscitou e que tanto o podem esmagar como servir. Por isso se interroga a si mesmo* (GAUDIUM et SPES, 1965).

Sem dúvida, essas questões macrossociais acima elencadas apenas exaltam o mérito dos professores de medicina que, mesmo não tendo recebido durante o período de graduação conteúdos de humanidades médicas e técnicas de metodologias aplicadas ao ensino, empenham-se em um aprendizado contínuo para oferecer o melhor de suas capacidades enquanto educadores para formar egressos qualificados para o exercício da medicina humanizada, correspondendo fielmente ao 6º preceito contido no *Corpus Hippocraticum*, assim expresso: *onde está presente o amor ao homem, também está presente o amor à arte médica* (CAIRUS e RIBEIRO JR, p. 213). **❶**

REFERÊNCIAS

- BATISTA, NA. *O professor de medicina*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
 BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
 CAIRUS, HF; RIBEIRO JR, WA. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
 GAUDIUM et SPES. *Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”*: sobre a igreja no mundo atual. Roma, 7 de dezembro de 1965.
 HAN, BC. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
 POTTER, VR. *Bioethics: bridge to the future*. New Jersey: Prentice Hall Science Series, 1971.
 SIQUEIRA, JE. *O ensino de bioética no curso médico*. *Bioética*, vol. 11, n. 2, p. 37/38, 2003.

Vocatus atque non vocatus, deus aderit

DRA. MARIA OFÉLIA FATUCH

“Chamado ou não, Deus estará presente.”

CARL JUNG

Sim, o “deus” estará presente, mas em que forma e para qual propósito?

A afirmação está gravada em pedra acima da porta da casa de Jung, em Küsnacht, próximo a Zurique.

Para lembrar aos pacientes e a ele próprio: *Timor dei initium sapientiae* (“O temor do Senhor é o início da sabedoria”).

Jung foi confundido pelos colegas por misturar religiosidade com ciência. Eu diria um bruxo. Na verdade, sempre quis desvendar o misticismo da vida e não a crença em alguém ou a algo. Queria entender o significado e a existência de Deus. Uma certeza e, ao mesmo tempo, um mistério.

Enquanto CERTEZA, Deus se constitui em uma “presença” com a qual se deva relacionar a todo instante. Enquanto MISTÉRIO, uma “presença” que sempre se retira ou se preserva de afirmações que pertençam a uma lógica da certeza.

Ao falar sobre religião, Jung está falando do Numinoso (do latim numen, divindade), do sagrado, do divino. Para ele, a religião é a expressão mais antiga da alma (psique) humana e para se conhecer Deus é preciso conhecer a Si Mesmo.

À medida que você se desnuda, chega mais perto Dele.

A filosofia com a psicologia se confunde; ninguém mais que Jung demonstrou isso.

Arquétipo é um conceito da psicologia utilizado para representar padrões de comportamento associados a um personagem ou papel social. De difícil entendimento, a partir da observação de que existem imagens que são formadas a partir da vivência de cada um, mas tem uma estrutura semelhante caracterizando padrões.

São figuras e símbolos do inconsciente coletivo que influenciam nossas emoções, pensamentos e comportamentos.

Seria o que chamamos de instinto. Pode ser herdado e preenchido, ou seja, atualizado, como se entende em psicanálise. É a imagem do instinto.

Muito antes de Jung começar a estudá-los, já existiam, como podemos observar em figuras mitológicas que habitam na mente das pessoas e de grupos.

Os símbolos arquetípicos são encontrados nos mitos originais, nas mais variadas religiões, em lendas que já fazem parte da bagagem cultural coletiva, os quais marcam definitivamente a consciência e particularmente a esfera do inconsciente humano.

Eles foram muito utilizados na antiguidade para controlar e/ou gerar comportamentos e hoje com as mesmas finalidades.

Nem percebemos o quanto influenciam o nosso dia a dia, mas estão presentes em muitas coisas que estão mexendo com nossas emoções inconscientemente.

Os 12 **arquétipos** junguianos são divididos em quatro subcategorias, de acordo com seu principal desejo motivacional.

O **arquétipo de “deus”** existe desde que o primeiro ser humano, diante do desconhecido e do medo da morte, anunciou que era necessário agradar aos deuses para se prevenir contra as desgraças naturais.

Grandes citações de Jung merecidas de reflexão. Vejamos algumas:

“O sofrimento precisa ser superado, e o único meio de superá-lo é suportando-o.”

“O que não enfrentamos em nós mesmos acabaremos encontrando como destino”.

“Só aquilo que somos realmente tem o verdadeiro poder de curar-nos.”

“Uns sapatos que ficam bem numa pessoa são pequenos para uma outra; não existe uma receita para a vida que sirva para todos.”

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana.”

“A pior decepção de minha vida foi as pessoas não terem entendido o que eu quis dizer. Certamente elas sabem o que é um complexo, um introvertido, um extrovertido, tem uma noção de que, em minha concepção, sentimen-

to e pensamento não ficam juntos numa cabeça só, mas outra coisa é entender o que eu disse com mais profundidade. Como jargão superficial, essas coisas são aceitas pelas pessoas, embora todos os professores digam que não passam de um absurdo!”

A preocupação não é como desembaraçar todos os empecilhos ao exercício de uma profissão, ao casamento ou a fazer qualquer coisa que signifique expansão de vida.

Estamos diante do problema de encontrar o sentido que possibilite o prosseguimento da vida.

O poeta irlandês John O'Donohue nos diz que a imaginação é a faculdade espiritual mais negligenciada no Ocidente intelectualizado. Ele adverte que as imensas riquezas que estão próximas à morte e à dor só estarão disponíveis para nós quando soubermos despertar a nossa imaginação.

Diante da morte no sentido concreto ou analítico (fim de um começo), enfoca-se a ardência da alma.

O propósito é educar, apoiar e encorajar as pessoas em seus momentos de dor. Como guia para esse mundo interno profundo, estimular pacientes a mergulharem dentro de si mesmos para encontrar os recursos que permitirão a eles atravessar a solidão e a depressão. A enfrentar não apenas o caos e a incerteza, mas também sua própria mortalidade.

Todo indivíduo precisa criar bons momentos durante a vida, para acumular recursos internos em tempos difíceis. Serão utilizados pela imaginação e memória.

Quem não ri ao lembrar de algo bom que aconteceu no passado?

Os maus momentos serão cicatrizados com o tempo. Poderá haver gatilhos, e dor novamente. Há necessidade em trabalhar psiquicamente e deixá-los lacrados no baú da alma.

Por meio de sonhos e técnicas de visualização, os pacientes podem ter acesso a uma nova perspectiva e força interna. Também se tornam capazes de desenvolver uma nova relação interna com aqueles que haviam falecido. A partir disso, profundas curas e transformações; assim como mudanças sutis, ou seja, lembrar entes queridos que já se foram. A perspectiva de reencontrá-los atenua a dor do morrer.

Não sou a favor de que ao viver se deixe de realizar certos desejos por acreditar em uma nova vida após a morte. O que estou tentando transmitir é que durante o processo da morte essa estratégia poderá ser útil para minimizar a dor psíquica.

Nesse mundo imaginário, a morte não está desligada do ciclo natural da vida. A morte não é um fim, mas um começo; não é uma catástrofe, mas uma transformação em algo maior. Para a imaginação, a morte não é o fim, mas a



continuação da expressão da alma por meio de imagens.

Por diversas vezes escrevi que a morte é uma das grandes oportunidades de transformação para os que ficam.

Em nossa cultura, luto significa morte. Eu diria que luto é tudo que perdemos para reiniciar algo novo. E se não o fizermos seria a própria morte.

Morrer é dolorido para quem não viveu a vida que gostaria. Sempre haverá amores perdidos, trabalhos não realizados, falta de sucesso financeiro e outros milhares de exemplos. A maioria das situações depende do “outro”. Um laço só acontece quando as duas pontas se encontram. O que depende da nossa iniciativa, espontaneidade e coragem para enfrentar a vida é individual.

Um momento de introspecção, de voltarmos a nós mesmos, para fazermos as pazes com o passado, reconciliando-se com o sofrimento ressignificando.

Tanto Lacan como Freud acreditavam que o real inexistente. A comunicação é impossível, falha e nunca se completa o ciclo, existe um desvio que é o objeto de desejo.

O verdadeiro como absoluto não tem como alcançá-lo, muito menos entendê-lo. Não há saída para a vida nem saída para a angústia da existência. Não temos álbis para nós mesmos. O que temos é viver dentro do que acreditamos. **Ⓛ**



HANS DAHL



PAISAGENS NORUEGUESAS

Na galeria desta edição da revista reunimos algumas das obras do pintor norueguês Hans Dahl (1849-1937), também em destaque na capa. Resistente à transição da arte do romantismo para o modernismo, o artista ficou conhecido por suas pinturas de fiordes noruegueses e paisagens circundantes. Frequentemente descrevia o cenário da parte ocidental da Noruega sob um sol brilhante com pessoas sorridentes em trajes nacionais. Suas cores vibrantes e retratos encantadores de jovens norueguesas em seu traje nacional sempre foram muito populares. Sua arte foi associada à escola de pintura de Düsseldorf, caracterizada por paisagens ricamente detalhadas, mas fantasiosas. Foi na cidade alemã que ele teve sua primeira exposição, em 1876. **❶**

IMIGRANTE, REVALIDA... VENCENDO AS INCERTEZAS

DR. JOSÉ MANUEL BELTRÁN TORREZ

Sou boliviano. Nasci na cidade de Sucre, capital do país. Tenho 32 anos. Morei e me formei médico em Santa Cruz de la Sierra, centro comercial da Bolívia. Fiz o Revalida em 2016 e residência em Cirurgia Geral na Santa Casa de Ponta Grossa. Atualmente, sou residente de Cirurgia Oncológica do Hospital Erasto Gaertner. Não foi fácil chegar até aqui. Muitas decisões tomadas até hoje, largando mão do mais valioso, a família.

A superação está cheia de decisões, esforços, sofrimentos. Várias pessoas perguntam por que o Brasil? Eu sempre respondo: porque na faculdade tive prazer de conhecer vários brasileiros, agora colegas especialistas, que me abriram os olhos e me fizeram tomar a primeira e mais difícil decisão, que foi deixar a minha família em busca de superação! Além de o Brasil ser um dos países mais desenvolvidos e com os últimos avanços e atualizações em medicina, tem a recepção do povo brasileiro, sempre com mãos abertas e acolhedoras.

Formei-me em meados de dezembro de 2015 e cheguei ao Brasil, a Curitiba, já 15 dias depois, em 1º de janeiro de 2016. Sem conhecer alguém e falando ainda portunhol. Já no dia seguinte (2) começava o cursinho preparatório para o Revalida. Não foi um ano fácil, pois vindo uma cidade quente para Curitiba, onde há um inverno hostil, longe da família, com incerteza da prova, estudando 10 a 12 horas por dia. Além disso, com o temor de sofrer preconceitos com o idioma, com a formação ou simplesmente por vir a ocupar uma vaga de um médico brasileiro. Mesmo assim, estava com meus objetivos definidos que me levaram à superação.

No ano de 2016, preparando-me para a prova do Revalida, no cursinho estávamos numa turma com poucos estrangeiros e a falta de interação era presente. Só tive contato com colegas estrangeiros e com mais dois amigos bolivianos, todos com metas idênticas. Nesse momento



reforcei a convicção de que não seria fácil, mas tinha meu projeto traçado.

Tive êxito na prova do Revalida realizada em setembro e, já em abril de 2017, peguei o meu CRM, quando tive o prazer de conhecer o então presidente do Conselho do Paraná e tirar uma foto com ele. Foi a primeira conquista após um ano de estudo e

sacrifícios. Orgulho para minha família, que me deu apoio a distância e sendo o único pilar fundamental para não desistir do meu objetivo.

Após ter revalidado, trabalhei no interior do Paraná. Foi em Cantagalo, cidade com 14.000 habitantes. Trabalhei por seis meses na saúde de família. Foi o primeiro contato direto com o povo brasileiro. Nesse tempo havia muitos médicos cubanos do Programa Mais Médicos. Sempre que atendia os pacientes eles perguntavam se eu era um médico cubano e se participava do programa. E eu explicava que estava no Brasil por conta própria e que tinha realizado a revalidação médica. Mesmo assim, sentia um pouco de desmerecimento a tudo o que já tinha feito. Fiz alguns plantões de pronto-socorro de porta, em que havia médicos na emergência. Eu, com pouca experiência, recorri a um colega para que compartilhasse um pouco de seu conhecimento naquele serviço. A resposta foi de que eu deveria estudar, porque fora do Brasil a formação não é boa. Foi talvez a primeira vez que senti um pouco de discriminação em relação ao meu conhecimento adquirido na faculdade. Acredito que uma pessoa pode ser muito boa e só depende de cada um para poder conseguir aquilo a que se propõe na vida.

Pequenos fatos do dia a dia só me faziam mais forte. Trabalhava e estudava mais para residência médica. No fim do ano consegui ser aprovado na residência na Santa Casa de Ponta Grossa. Estava com medo do preconceito ou discriminação por ser estrangeiro. O R1 não foi fácil, mas tive contato com médicos, residentes, chefes, enfer-

meiros e escriturários que me trataram igual a um médico brasileiro. Sempre me respeitaram e me sentia muito bem acolhido. No final do R1 teve o falecimento do meu pai. Após o sepultamento, eu não tinha claro se realmente queria retomar as minhas atividades na residência. Mas, com apoio da família, fiz o que faria mais orgulhoso a meu pai e minha família.

Após concluir a residência em Cirurgia Geral, preparei-me para prova para subespecialização em Oncologia Cirúrgica. Não consegui passar no hospital que eu realmente desejava e assim me preparei mais dois anos para consolidar o propósito. Tardei dois anos, mas realmente consegui passar depois de muito esforço e com um objetivo em mente.

Atualmente, sou residente de primeiro ano da subes-

pecialidade e, no “meu” hospital, fui muito bem acolhido, sentindo-me como em casa, com chefes me tratando com respeito e passando conhecimento, colegas residentes sempre nos ajudando no trabalho do dia a dia e compartilhando momentos inesquecíveis. Após o começo da minha primeira residência, nunca mais me senti diminuído e não senti nenhum tipo de discriminação.

Com esse breve resumo de vida, podemos ver que a cada dia tomamos decisões que podem mudar nossas vidas por completo. Na maioria das vezes, são as difíceis que enfrentamos. Cada pessoa reúne histórias de superação. É aí que a gente se dá conta de que para conseguir as metas que definimos precisamos de esforço, dedicação e amor pelo que fazemos..

DA DOENÇA NA INFÂNCIA À REALIZAÇÃO DO SONHO DE SER MÉDICO E AJUDAR AS PESSOAS.

DR. MARCO ANTÔNIO PEDRONI

Nascido em Mandaguari (PR), em 1969, mudei-me para Maringá com quatro anos, pois meu pai havia comprado um sítio de café na localidade.

Aos seis anos fui acometido por uma doença na articulação do quadril direito, chamada de *Legg-Calvé-Perthes*, sendo submetido a uma cirurgia e permanecendo por nove meses com gesso da cintura até os dois pés.

Foi um período de muito empenho, paciência e amor dos meus pais a uma criança daquela idade, ativa, que até então jogava bola, corria e andava de bicicleta nas ruas de Maringá e no sítio com os primos, e que, de repente, precisou ficar engessada por quase um ano e em cadeira de rodas.

Apesar da mudança radical dos hábitos de vida, foi aí que tive o contato com a medicina e a ortopedia, mesmo tendo que enfrentar a cirurgia, o longo período de imobilização e afastamento da vida normal de uma criança de seis anos. E na época da terrível e barulhenta – mas não perigosa – serra de retirar gesso. Apesar de ter passado por tudo isso já na infância, nunca deixei de alimentar o sonho de ser médico, pois via nos profissionais na época



que me trataram um exemplo de profissão a ser seguida e de poder ajudar outras pessoas.

Em 1986, mudei-me para Curitiba para fazer o terceiro ano do colegial e já no ano seguinte ingressei no curso de medicina da Universidade Católica do Paraná, hoje PUCPR, sendo o primeiro da família a seguir a carreira médica.

Em 1993, iniciei minha residência em ortopedia e traumatologia no Hospital Santa Casa de Curitiba e Hospital Universitário Cajuru. No ano de 1996, fui para a Santa Casa de São Paulo, onde fiz minhas especializações em Cirurgia do Quadril, e na Escola Paulista, a especialização em Medicina Esportiva.

Ao terminar minha especialização em São Paulo, fui convidado para ser membro do corpo clínico do Hospital Universitário Cajuru, onde passei por vários cargos acadêmicos e administrativos. Em 2009, iniciei como professor da Escola de Medicina da PUCPR e onde tive a oportunidade de realizar o meu mestrado e doutorado.

Na vida profissional, além das atividades de consultório, cirurgia e cargos administrativos nos hospitais, fui médico

do Club Athletico Paranaense. Também ocupei os cargos diretores intermediários até assumir a presidência da Sociedade Brasileira de Ortopedia Regional Paraná, na gestão 2010-2011, e a da Sociedade Brasileira de Quadril Regional Paraná, no biênio 2011-2012. Aí, então, fui indicado à diretoria da Sociedade Brasileira do Quadril e, neste ano de 2022, cheguei ao cargo máximo de presidente da Nacional.

Da minha vida pessoal? Sou casado, comemorando neste ano de 2022 as bodas de prata. São 25 anos de casamento com a Valéria e temos duas filhas lindas que também nasceram com o dom de ajudar as pessoas a curar ou aliviar a sua dor. A Mariana cursa odontologia, enquanto a Gabriela segue a medicina. Com muito orgulho vejo nelas a continuidade em cuidar daqueles que precisam.

O FOCO E O CRESCIMENTO PESSOAL

DR. ORLEI KANTOR JÚNIOR

Estimulado a escrever sobre superação, visitei o Dicionário Aurélio e encontrei: “Ação de superar, de ultrapassar uma situação desagradável, perigosa”. Visitei a Psicanálise Clínica, que dizia: “Resiliência. Vencer adversidades e momentos difíceis sem ficar, permanentemente, abalado por elas; tirando proveito para fortalecer-se e estruturar a própria psique”. Do Latim, encontrei: *Mollitiam!*

Depois de passar a infância e parte da adolescência com educação católica, em internato marista, nada te assusta, inclusive a adultícia. Foram etapas de muito conhecimento técnico e, com a família que eu tenho, você respira crescimento pessoal!

Cheguei aos 64 anos bastante realizado e veio a pandemia. Aconselhado a fechar a clínica e passar um tempo na praia, recusei! Ganhei a vida com meus pacientes e na hora mais difícil dar-lhes as costas? Nem pensar! Eu tinha razão em ficar, ao ver aquela loucura toda, e acredito que auxiliiei bastante! Só não pude ser voluntário na linha de frente, estudar a nova doença, por causa dos TEPs, quando a família disse um retumbante “não”!

Um dia veio a febre, as dores musculares e uma saturação de 85%. Já estava acostumado com uma saturação abaixo do normal; aluguei um concentrador, um tubo de oxigênio, um CPAP, comprei as medicações e fui para casa. Não deu tempo de contatar um infectologista para acompanhar-me, porque a família, apavorada, resolveu internar-me. Respeitei, embora estivesse dormindo com um travesseiro e andando na bicicleta ergométrica!



Nunca saberei se esse internamento foi realmente necessário ou se em cinco a sete dias eu melhoraria espontaneamente. Passei pela intubação, a traqueostomia, o coma induzido, a diálise, a hemorragia de meninges com convulsões, as paradas cardíacas, as fisioterapias etc. Foram 68 dias de UTI, 168 dias de internamento, 30 dias de pós-internamento com fisioterapia e oxigenoterapia. Depois de seis meses estava de volta, em casa, e reiniciando o trabalho, o qual continuei com a minha

sucessão. Somos finitos, frágeis e não podemos deixar a família com problemas para resolver, principalmente ela, que lutou tanto pela minha recuperação.

Família, no Dicionário Houaiss: “Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si relação solidária”. Sob este olhar, entrei para um trabalho semivoluntário com DPOC e perícias médicas em serviço público de saúde na Grande Curitiba. Ali, também ajudei a disponibilizar um serviço de Pós-SARS-CoV-2 para pacientes com complicações respiratórias e de autoimunidade, idêntico ao criado na clínica particular, esta já atualizada com todos os requisitos de informatização, preparada para metaverso, de espaço físico, de equipamentos e de novos profissionais de saúde para prosseguir após o meu desfecho.

Concluindo, deixo a mensagem de Charles Robert Darwin (1809-1882): “Não é o mais forte que sobrevive. Nem o mais inteligente. Mas o que melhor se adapta às mudanças.” **📌**

No universo da Medicina...

DRA. VICTÓRIA AMPESSAN DAMAS

Em meio a sonhos, lutas e cobranças, é mais fácil do que parece você desanimar ou se perder no caminho. Cansaço, frustrações, sonhos que parecem distantes demais ou cujo preço parece muito caro para ir atrás.

Uma mensagem de esperança se torna necessária. Você vai se encontrar. Dentro das diferentes rotinas e percursos na Medicina, você vai se encontrar. Ou, para você que já se encontrou, vai constantemente se reencontrar, seja na mesma linha ou mudando de direção.

A vocação nos impulsiona a lutar na profissão médica, aquece nosso coração mesmo nas dificuldades e frustrações. Esse sentimento é a esperança e a luz que nos guia ao nosso destino pessoal no universo da Medicina.

Uma determinada especialidade ou rotina não é para todos. Porém, sempre há uma que entre em sintonia com você. Talvez não para sempre, talvez por dois, dez, quarenta anos... Há um caminho que se encaixa com você, guiado pela sua vocação, pela vontade de fazer mais e melhor, apesar das dificuldades.

Mesmo quando estiver perdido, você vai se encontrar. Quando acha que tomou o caminho errado, você vai achar uma trilha. E, se quiser mudar de rota, vai surgir a resposta. Porque esse é o universo da Medicina, tão amplo que pode parecer confuso, porém no fundo tal amplitude é uma benção.

Alguns caminhos podem desanimar, até você perceber que existem inúmeras outras trilhas para inúmeras pessoas e inúmeros momentos em nossas vidas. O que servia anos ou meses atrás já não é interessante. E o que não era nem considerado se mostra uma oportunidade e tanto.

A Medicina é uma arte e uma prática essencialmente humana. Trabalha com e para humanos. Então precisa de humanos ali. Os médicos podem ser cobrados de milhares de formas. Pode-se sonhar e até demandar a perfeição. Porém, no fim do dia, o imperfeito é o necessário,



Long Sail, por Leonid Afremov.

porque para lidar com seres humanos também tem que ser humano. Nosso defeito é o principal requisito para essa função.

De todos os caminhos possíveis, há um para você. Por mais difícil que seja enxergar agora. Graças a Deus na Medicina se abre um universo vasto para cada um de nós encontrar e ocupar seu lugar de direito.

Talvez o plantão corrido não seja para todos, o consultório não seja para todos, o centro cirúrgico, o administrativo, a doença mais comum, a doença super-rara... Mas há um lugar para cada um de nós se encontrar.

Pacientes diferentes, expectativas diferentes, vivências diferentes... Para isso, médicos diferentes. Somos como barcos à deriva até o paciente encontrar o médico de que precisa e o médico se encontrar dentro da vocação de sua vida.

Ora nadando, ora num barco. Ora o mar calmo, ora revolto. Sempre haverá esperança e humanidade em nossos dias. **❶**

Seleção de filmes para ver e rever

O ÚLTIMO DUELO (2021)

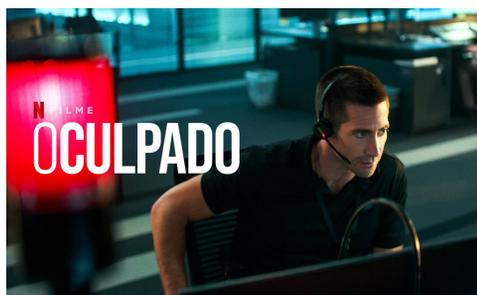
POR QUE VER: no final do século XIV, na França, dois amigos escudeiros (Jean de Carrouges e Jacques Le Gris) seguem caminhos diferentes. Pelo inusitado roteiro, baseado em fatos, tendo como referência *Rashomon* de Kurosawa, narrando três versões do possível estupro de Margarite de Carrouges por Jacques Le Gris: a primeira versão contada por Jean, a segunda por Jacques e a terceira (a verdadeira) por Margarite.

DIRETOR E ATORES: dono de filmografia incontestada (*Blade Runner*, 1982; *Perigo na Noite*, 1987; *Thelma & Louise*, 1991; *O Gladiador*, 2000; *O Gangster*, 2007), Ridley Scott dirige ótimo elenco tendo à frente Matt Damon (*Gênio Indomável*, 1997; *O Talentoso Ripley*, 1999; *A Identidade*, *A Supremacia* e *O Ultimato Bourne*, 2002, 2004, 2007; *Perdido em Marte*, 2015; *Ford versus Ferrari*, 2019), Adam Driver (*Frances Ha*, 2012; *Paterson*, 2016; *Infiltrado no Klan*, 2018; *História de um Casamento*, 2019), Ben Affleck (*Gênio Indomável*, 1997; *Argo*, 2002; *Atração Perigosa*, 2010; *Garota Exemplar*, 2014; *O Contador*, 2016) e Jodie Comer (*Free Guy: Assumindo o Controle*, 2021).

NÃO PERCA DE VISTA: na segunda parceria entre Matt Damon e Ben Affleck como roteiristas, após 24 anos de interregno por *Gênio Indomável*, desta vez em parceria com Nicole Holofcener (diretora do sensível *À Procura do Amor*, 2013); nos cenários e costumes de época até o requinte das citações literárias, a ponto de dois dos livros mais populares da Idade Média (o poema alegórico, onde estão contidas todas as artes do amor, *O Romance da Rosa*, de Guillaume de Lorris e Percival de Chrétien de Troyes) serem citados no belo diálogo entre Margarite e Jacques, segundo a versão do último; na catedral de Notre Dame, ainda em fase de construção; nas intensas cenas de batalha, culminando com o duelo que dá título ao filme; no valor que se dava (que se dá?) à palavra da mulher vítima de assédio sexual.



O CULPADO (2021)



POR QUE VER: refilmagem mais intensa do dinamarquês *Culpa*. Policial que cumpre jornada de trabalho atendendo ocorrências pelo telefone se depara com caso de rapto. Pela tensão ininterrupta do filme. Pelo excelente *tour de force* de Jake Gyllenhaal, no papel do policial.

DIRETOR E ATORES: Antoine Fuqua (*Dia de Treinamento*, 2001; *Lágrimas do Sol*, 2003; *Rei Arthur*, 2004; *Atirador*, 2007; *O Protetor*, 2014; *Sete Homens e um Destino*, 2016; *O Protetor 2*, 2018), volta a dirigir Jake Gyllenhaal (*Donnie Darko*, 2001; *O Segredo de Brokeback Mountain*, 2005; *Zodíaco*, 2007; *Entre Irmãos*, 2009; *Os Suspeitos*, 2013; *O Abutre*, 2014; *Animais Noturnos*, 2016) após o ótimo *Nocaut* (2015), neste exasperante *thriller*.

NÃO PERCA DE VISTA: na cópia quase fiel do filme original, realizado em apenas duas semanas; no ritmo e na montagem feita pelo diretor Antoine Fuqua, considerado por alguns críticos como o melhor montador de filmes na atualidade; Em como Fuqua se destaca na direção de atores – assim como a parceria com Denzel Washington rendeu a este último as suas melhores interpretações, o mesmo acontece com Gyllenhaal; na história pregressa do policial, que muito ajuda a entender seu desespero existencial; em toda a vasta obra de Dostoiévski, cujos personagens sempre fazem julgamento precipitado de pessoas e situações.

CRY MACHO: O CAMINHO PARA REDENÇÃO (2021)

POR QUE VER: porque é um filme de Clint e talvez seu último como ator. A história do cowboy aposentado protagonizado por um encarquilhado Clint nos seus 91 anos, mas com a sabedoria que apenas a experiência pode proporcionar. Se em *Gran Torino*, Clint ensinava ao adolescente coreano os fundamentos de ser Homem, aqui ele repassa a lição para o adolescente mexicano no road movie baseado no romance homônimo de N Richard Nash.

DIRETOR E ATORES: Clint Eastwood inclui em sua extensa e soberba filmografia (*Cavaleiro Solitário*, 1985; *Bird*, 1988; *Os Imperdoáveis*, 1992; *As Pontes de Madison*, 1995; *Sobre Meninos e Lobos*, 2003; *Menina de Ouro*, 2004; *As Cartas de Iwo Jima*, 2006; *Gran Torino*, 2008; *A Mula*, 2018) mais uma obra digna de seu imenso e merecido prestígio.



NÃO PERCA DE VISTA: no título do filme, que dá margem a várias interpretações; no romance entre Clint e a bela e madura mexicana ao som de *Sabor a Mi* com Eydié Gormé & Trio Los Panchos; no bem elaborado roteiro de Nick Schenk, roteirista contumaz de Clint (*Gran Torino* e *A Mula*) e de Nash, autor da novela; em como é difícil não se convencer da superioridade dos cineastas americanos em atividade (Clint, Martin Scorsese, Spielberg, Ridley Scott, Antoine Fuqua, Jordan Peele etc) sobre os seus congêneres europeus, enquanto diretores asiáticos do extremo (Japão, China, Coreia do Sul, Taiwan e Tailândia) e médio oriente (Irã, Líbano, Israel e Palestina) começam a dar mostras de grande vitalidade; em como o republicano Clint que começou a sua carreira atuando em *spaguetti westerns* e interpretando o policial Dirty Harry com a sua frase predileta ("Go ahead, make my day") conseguiu ser uma unanimidade artística, mesmo entre os democratas americanos mais radicais.

BELA VINGANÇA (2020)

POR QUE VER: vencedor de 109 prêmios internacionais, incluindo o Oscar de roteiro original (*Emerald Fennel*). Pelo inusitado roteiro em que uma jovem simula entorpecimento dos sentidos para se vingar de feminicidas e assemelhados.

DIRETOR E ATORES: a atriz (*Albert Nobbs*, 2011; *Anna Karenina*, 2012; *A Garota Dinamarquesa*, 2015; *The Crown*, 2019) e roteirista (*Killing Eve*, 2019) Emerald Fennel estreia em grande estilo no seu primeiro longa-metragem dirigindo a excelente Carey Mulligan (*Educação*, 2009; *Drive*, 2011; *O Grande Gatsby*, 2013; *Longe Deste Insensato Mundo*, 2015; *A Escavação*, 2021).

NÃO PERCA DE VISTA: nas surpresas do roteiro que fazem esquecer o péssimo (com direito a spoiler) título em português; no belo título original *Promising Young Woman*; no quanto homens e mesmo mulheres em posições de coordenação ou chefia são coniventes com o assédio masculino; nos empolgantes filmes que exploraram a vingança da mulher [(*Esposamante*, 1977 de Marco Vicario; *Dogville*, 2003 de Lars von Trier; *Kill Bill 1 e 2* (2013, 2014) de Quentin Tarantino), *Phoenix*, 2014, de Christina Petzold)].



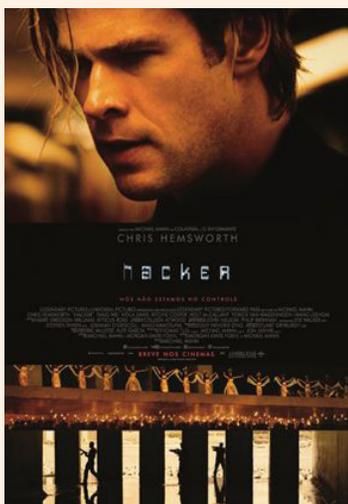
ARTIGO 15 (2019)

POR QUE VER: filme indiano que faz jus aos inúmeros prêmios que recebeu. O filme mescla assunto de interesse local, o sistema de casta indiano, com aspecto de interesse geral, o feminicídio.

DIRETOR E ATORES: Anubhav Sinha dirige Ayushmann Khurrana no papel do policial designado a desvendar o crime.

NÃO PERCA DE VISTA: na dificuldade de adesão à justiça em sociedades em que grande parte da população convive com diferenças de casta e de gênero; em como o preconceito com as castas na sociedade indiana se assemelha com o preconceito de classe na sociedade brasileira; em como as semelhanças entre os dois grandes países, Índia e Brasil, são maiores que as suas diferenças.

CULT

HACKER (2015)

POR QUE VER: pelo *wishful thinking* de se ver uma cooperação entre EUA e China. Pela atualidade do tema (cyberterrorismo) que à época era vislumbrado mais sob ótica da guerra nuclear ou conflito comercial e menos sob o domínio dos hackers das autocracias com motivação para instalação de democracias iliberais.

DIRETOR E ATORES: o grande Michael Mann (*Fogo contra Fogo*, 1995; *O Informante*, 1999; *Colateral*, 2004) dirige, em seu mais subestimado filme, o belíssimo Chris Hemsworth (*Thor, Os Vingadores*), pouco reconhecido pelo seu talento até *Hacker*, e a diva Viola Davis (*Histórias Cruzadas*, 2011; *As Viúvas*, 2018; *A Voz Suprema do Blues*, 2020).

NÃO PERCA DE VISTA: no ritmo ágil do filme, mas na dose certa, para melhor se compreender o complexo tema; em como inúmeros belos artistas (Tom Cruise, Brad Pitt, Margot Robbie) demoraram a encontrar um bom papel até ter o seu talento reconhecido.

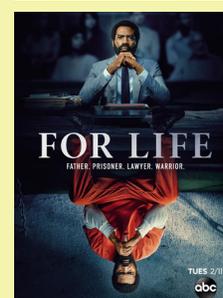
SÉRIES

CLICKBAIT (2021)

Postagem em rede social acusa suposto predador sexual que será executado se a mensagem receber 5 milhões de cliques. Episódios eletrizantes em que a rede é mostrada em toda a sua complexa virtualidade. As belas e carismáticas Betty Gabriel e Zoe Kazan, respectivamente esposa e irmã do predador, tem ótimos desempenhos. A relevância do assunto confere à série elementos não só de puro entretenimento, onde nada parece o que é, mas de grande didatismo.

**FOR LIFE** (2021)

Baseado em fatos, prisioneiro negro injustamente condenado à prisão perpétua, se forma em direito e se torna advogado dos réus. Filme americano de tribunal que faz jus à sua rica herança no gênero. O roteiro mostra as nuances de várias ocorrências prisionais em que tanto o advogado quanto a progressista coordenadora do presídio têm de mostrar grande habilidade e flexibilidade em gerenciar as diferentes situações, tentando sempre não ferir princípios éticos fundamentais. A ótima interpretação de Nicholas Pinnock no papel do advogado Aaron Wallace é claramente calcada em atuações de Denzel Washington, o que de modo algum a desmerece. Destaque também para Indira Varma, no papel de coordenadora do presídio, e para Joy Bryant, a bela esposa de Wallace.

**SOMBRAS DA GUERRA** (2020)

Policia americano é enviado para organizar um Departamento de Polícia em Berlim no pós-guerra (1946). Neste roteiro original que mostra os diferentes ambientes da Berlim dividida entre as quatro potências ganhadoras da Segunda Guerra: Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra e França, os suecos Mans Marlin e Björn Stein dirigem o charmoso Taylor Kitsch (*Selvagens*, 2012; *Crime sem Saída*, 2019), o ótimo Sebastian Koch (*A Vida dos Outros*, 2006; *Ponte dos Espiões*, 2015) e a excepcional Nina Hoss (*Phoenix*, 2014). Não perca de vista nos diferentes grupos e interesses envolvidos no pós-guerra imediato; no dilema ético do policial (Kitsch) dividido entre o seu dever profissional e a lealdade familiar; na destruição física associada à ruína moral na Alemanha pós-guerra; no belo título do original (*Defeated* - Derrotados).

**OS DOZE JURADOS** (2019-2020)

Nesta série belga, doze jurados formam júri de ré acusada de matar recentemente a própria filha e de ter matado a sua melhor amiga há 16 anos. Diferentemente de outros filmes de tribunal, aqui há a manifestação concomitante de advogados, promotores, juiz e júri no interrogatório da ré e testemunhas. O suspense é a tônica e os dramas privados dos jurados são mostrados concomitantemente às cenas de tribunal. Preste atenção na atuação do advogado de defesa, protagonizado pelo grande ator belga Josse De Pauw, que esbanja inteligência e ironia.

**SEVEN SECONDS** (2018)

Ganhador de vários prêmios de filmes para televisão, inclusive um Emmy para Regina King. Produção esmerada, sendo o piloto da série dirigido por Gavin O'Connor (*O Contador*, 2016). Policial branco atropela adolescente negro por acidente. A partir deste pequeno *plot* se desenvolve uma trama eletrizante onde temas como justiça, amizade, culpa e racismo são explorados sem personagens estereotipados. Preste atenção em todo o elenco, tendo à frente Regina King (*Ray*, 2004; *Se a Rua Beale Falasse*, 2018) mais uma vez brilhante como a mãe do rapaz acidentado.



O Homem Elefante

O DIREITO DE VIVER

A PRÓPRIA VIDA E A PRÓPRIA MORTE

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

Joseph Merrick (1862-1890) é o verdadeiro nome do “homem elefante”, portador de uma neurofibromatose múltipla grave (Síndrome de Proteus), imortalizado pelo médico Sir Frederick Treves no seu escrito *O Homem Elefante e outras Reminiscências*.

Baseado nas memórias do Dr. Treves e no *Estudo da Dignidade Humana*, de Ashley Montagu, David Lynch dirigiu o filme *O Homem Elefante* (1980), premiado e indicado a diversas premiações. Nas memórias, o paciente recebe o nome de John Merrick, conservado no filme.

David Lynch, que, na sequência, consagra-se como o cineasta do lado sombrio da experiência humana, já se encaminha com o Homem Elefante nesta direção: no que aproxima o “proprietário” do paciente – que o explora como aberração num circo e, em troca, lhe concede abrigo, alimentação (batatas) e maus-tratos – ao próprio médico que, por um lado, lhe reconhece a humanidade e lhe proporciona uma vida digna; e, por outro lado, se beneficia profissionalmente da onda de simpatia que seu paciente provoca na sociedade londrina. Nesta aproximação, o diretor assinala que, do mais degradado ao mais sublime, vai apenas um passo.

Outro aspecto da dualidade da alma humana que o diretor põe à vista passa-se no próprio “homem elefante”: ele é o verdadeiro protagonista da mudança que se opera em sua vida quando, num momento crítico de seu reconhecimento como humano, entrega a sua palavra, até

então escamoteada, ao Outro que o avalia. Ao recitar o Salmo 23, revela-se como portador de inteligência e sensibilidade e acaba tendo a sua dignidade reconhecida.

Uma pergunta mostra-se inevitável – o que impedia o “homem elefante” de, até ali, revelar a sua humanidade? O que o fazia submisso ao seu algoz, até então?

Algo disso ele diz, segundo o filme: ele se mortifica diante do sofrimento que supõe ter representado para sua bela mãe. Chega a dizer que, depois de ter conseguido amigos nobres, poderia se reaproximar dela e, talvez, dela obter a aceitação.

É razoável crer que ele aceitara a vida miserável, sem se rebelar ou procurar uma alternativa, em nome deste laço mortificado. Entretanto, quando outro humano lhe dispensa atenção e interesse (o Dr. Treves), ele como que divisa uma saída da miséria e dá o passo corajoso, que ninguém poderia ter dado em seu nome: diz de si.

Ao fazê-lo, acaba reconhecido pelo Outro e muda de estatuto na sociedade humana: continua portador da mesma doença e permanece sujeito à morte; porém, pode viver em outro registro e até morrer a morte que escolhe para si.

A grandeza deste filme, e o dom de emocionar que o marca, reside, a meu ver, no seu valor de metáfora: sai do particular da vida de Joseph Merrick para inscrever um universal da dignidade humana – o direito de viver a própria vida e a própria morte. **❶**

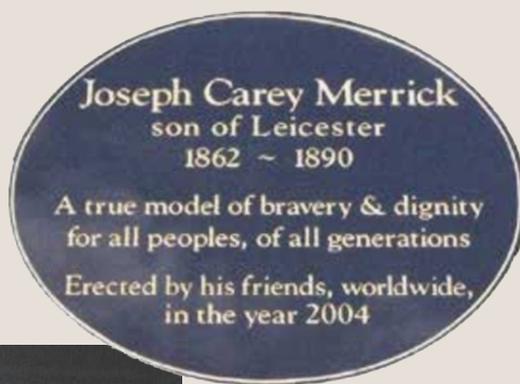
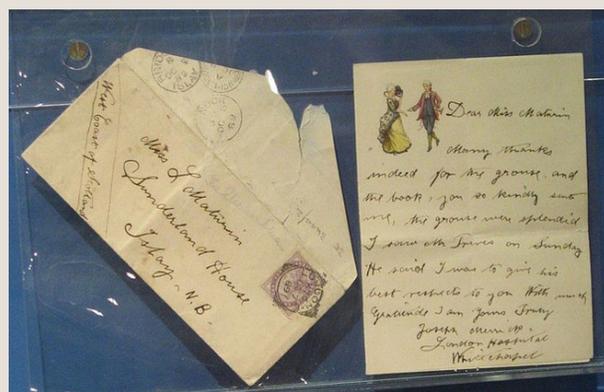
EXEMPLO DE BRAVURA E DIGNIDADE

A história de Joseph Carey Merrick, que teve início há 160 anos, nos proporciona uma das mais emocionantes lições de vida inseridas nesta edição da revista. Nascido em 5 de agosto de 1862, em Leicester, Reino Unido, não tinha nenhuma anormalidade e era lenda que a mãe tivesse sido pisoteada por um elefante; as transformações em seu corpo começaram a partir dos cinco anos e se aceleraram a partir dos 12, quando a mãe morreu de broncopneumonia. Fugiria de casa sob o descaso do pai e os maus-tratos da madrasta e, para sobreviver, virou atração principal em *freak-shows*, os tais circo de horrores. Foi nesse ambiente que o médico Frederick Treves conheceu-o e se interessou pelo seu caso, inclusive o acolhendo no hospital onde trabalhava, o Real de Londres.

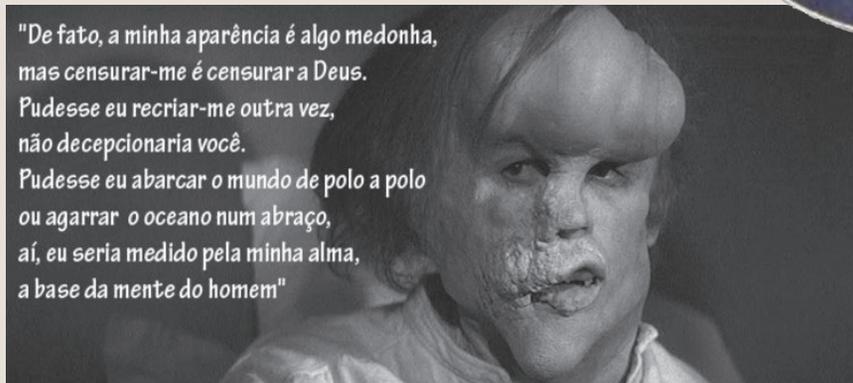
Além do bom caráter, era dotado de sensibilidade e dotes artísticos. Apenas uma das mãos era hábil e foi com ela que construiu a maquete da igreja que via da janela de seu leito. A obra faz parte de acervo de museu instalado no hospital em sua memória e que inclui até mesmo o seu esqueleto, artefatos, cartas e documentos.

Merrick era capaz de chorar, mas não de sorrir. Qual fosse a alegria, o rosto permanecia impassível. E para sair à rua, usava um capuz para não alarmar as pessoas. Por causa das limitações do corpo, tinha dificuldade para as tarefas mais simples do cotidiano e tinha de dormir sentado ou agachado, com as mãos agarrando as pernas e a cabeça apoiada sobre os joelhos. De outra forma, o peso do crânio fecharia sua traqueia. E foi justamente durante o sono que ele morreu, sendo encontrado na manhã de 11 de abril de 1890. Ao que parece, a cabeça tombou para trás e seu peso provocou fratura no pescoço.

Em março de 2004, depois de campanha de durou três anos, o prefeito da cidade natal de Merrick concedeu uma placa de granito com letras folheadas em ouro em homenagem a ele, que é chamado de filho de Leicester e de “um verdadeiro exemplo de bravura e dignidade para todos os povos, em todas gerações”.



"De fato, a minha aparência é algo medonha, mas censurar-me é censurar a Deus. Pudessem eu recriar-me outra vez, não decepcionaria você. Pudessem eu abarcar o mundo de polo a polo ou agarrar o oceano num abraço, aí, eu seria medido pela minha alma, a base da mente do homem"



Maquete de Igreja (1886), cartas expondo a sensibilidade de Joseph e a placa que o homenageia como “filho de Leicester” e “exemplo de bravura”.

Lixo Extraordinário

Do ponto final à inicial maiúscula

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

Convido a fazer a leitura do filme *Lixo Extraordinário*¹ como quem lê uma frase – definida esta como declaração que começa com uma inicial maiúscula e termina com um ponto final. O trabalho a que o filme se propõe documentar começa em um ponto final: um aterro sanitário. Não um aterro sanitário qualquer, mas sim o maior do mundo: o aterro sanitário de Gramacho, no Rio de Janeiro.

Ali, em disputa com os urubus, homens e mulheres garimpam, em meio à imundície, bens preciosos: plástico, papel e metal – que, vendidos à indústria de reciclagem, lhes darão uma renda diária em torno de R\$ 50,00. Muitos deles moram em barracos miseráveis instalados no próprio aterro, sem água corrente e sem esgoto, em condições de extrema pobreza – pobreza que ainda não é absoluta, pois eles ainda têm um trabalho honesto, embora absolutamente indigno, que garante sua sobrevivência.

Um artista plástico, disposto a dar um destes gritos que ecoam no mundo todo², vai para Gramacho e começa a garimpar também: ele busca seres humanos que possa retratar e mostrar ao resto da humanidade. E ele encontra um grupo de homens e mulheres que, revelados por sua fotografia, ilumina toda aquela comunidade com uma luz insuspeitada: Quem poderia imaginar que ali labuta um Zumbi que separa, para si e para os seus, os livros descartados? Quem poderia supor que ali se encontra um leitor de Voltaire? Quem pensaria que aquelas

pessoas teriam histórias, alegrias, tristezas, lembranças, valores, para além da brutalidade da vida, que levam para sobreviver?

E o trabalho se desdobra: primeiro no contato com os futuros protagonistas, que custam um pouco a entender a proposta “da-quele maluco” que lhes diz que fará arte com o lixo e a venderá no mercado internacional e

trará o dinheiro obtido para aquela comunidade; depois na realização das fotografias, em que os “catadores de lixo” – título que recusam, pois catam no lixo, mas não catam o lixo, e sim materiais recicláveis – são dirigidos a posar como que imitando personagens de quadros de pintores consagrados; finalmente, na composição do quadro final, em que a foto projetada serve de base para uma verdadeira pintura, as tintas da palheta são substituídas por toda sorte de material catado no lixo.

O primeiro quadro – uma referência à *Morte de Marat*, de Jacques-Louis David (1793) – é vendido em um leilão em Londres por um número de libras equivalente a R\$ 100.000,00 –, dinheiro que, como prometido, reverte para a comunidade de Gramacho. O conjunto de quadros é exposto mundo afora, emocionando a humanidade, como pretendia seu criador. O final da história é uma verdadeira inicial maiúscula, um recomeço de vida para toda aquela comunidade humana relegada ao último estágio da degradação material e da qual ousa se aproximar este artista plástico internacionalmente reconhecido – Vik Muniz.

O homem que diz que “tem tudo e nada deseja”, nada deseja em termos materiais. Mas carrega dentro de si uma ambição que se poderia considerar desmedida, não fosse o fato de que ele tem talento e desprendimento para realizá-la, contra todas as dificuldades. Ele ambiciona a mudança, a transformação, não só do lixo em arte, mas do homem da degradação no homem da dignidade. Movido por este desejo, ele realiza um verdadeiro ato de resgate e redenção.

Ver o filme é abrir uma janela por onde entra uma lufada de ar fresco nesta embolorada crença nas ilimitadas possibilidades do ser humano, quando este se recicla do mal-estar e inscreve um valor novo na cultura. **1**



Inspiração

1. *Lixo Extraordinário* (The Waste Land, no original, referência ao poema de T. S. Eliot, publicado em 1922). O filme-documentário, co-produção Brasil-Reino Unido, foi premiado no Festival de Berlim de 2010 e um dos 15 pré-selecionados para a categoria no Oscar 2011.
2. O filme *A Festa de Babette* (Gabriel Axel, 1987) termina com esta frase: “Quando um artista grita, o mundo todo escuta.”

COBRAR É SINÔNIMO DE RECEBER?

DR. EDUARDO MURILO NOVAK

Os médicos com a numeração de CRM entre três e quatro dígitos lembrarão que num passado não muito distante a cobrança direta de pacientes atendidos pelo então regime previdenciário era perfeitamente possível. A conhecida “complementação” de honorários e por acomodação superior era institucionalizada por meio de Portaria do extinto Inamps, de 1974, e nada havia de errado com isso, portanto.

Com o advento da Carta de 1988, em que se estabeleceram as diretrizes do sistema público de saúde, e após, em 1990, com a lei que regula as ações e serviços sanitários pautando-se na integralidade, equidade e universalidade, o cenário foi modificado. A Resolução 283 definiu a gratuidade completa da internação. Por conseguinte, o administrado passou então a não mais ter a alternativa de complementar, monetariamente ou por qualquer outro modo de vantagem, nenhuma ação quando atendido pelo SUS, seja a título de honorários profissionais ou pelo uso de equipamentos, seja por diferença de acomodação ou uso de material cirúrgico, o chamado OPME.

Nessa esteira, o Código de Ética Médica amoldou-se e, atualmente, é taxativo no atual art. 66 ao vedar: “Cobrar honorários de paciente assistido em instituição que se destina à prestação de serviços públicos, ou receber remuneração de paciente como complemento de salário ou de honorários.”

Inobstante, são diversos os casos que permeiam os Conselhos de Medicina envolvendo essa prática ilegal. Muitas justificativas vêm sob o espectro “eu aventei com o paciente ou familiar essa hipótese, mas nada recebi”, ou “nada transitou pela minha conta bancária, então não está caracterizada nenhuma infração”.

Mas o que seria o verbo “cobrar”, presente no art. 66? Ora, é cristalino que “cobrar” é diferente de “receber”. Basta observar que em diversas acepções dos dicionários *cobrar* significa “pedir (determinada quantia) por produto ou serviço oferecido e/ou realizado”, “exigir, solicitar (o pagamento do que é devido)”, “exigir o valor de”.

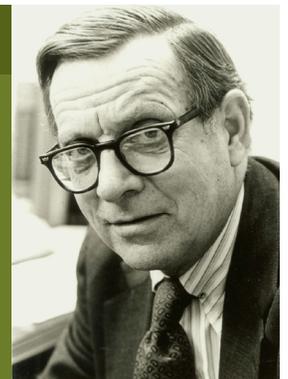
Desse modo, “receber” seria mero exaurimento. Explica-se. Na doutrina penal, os delitos que se consumam sem a produção do resultado naturalístico são os chamados *formais* (solicitar, por exemplo, algo indevido), e aqueles que somente se consumam com a produção do resultado são os ditos *materiais* (receber, efetivamente). Se um agente público solicitar uma vantagem indevida para praticar tal ato já estará configurado um crime. Receber seria ordinariamente um exaurimento, o que corresponderia à etapa final, ao esgotamento do denominado *iter criminis*: cogitar, preparar, executar e consumir.

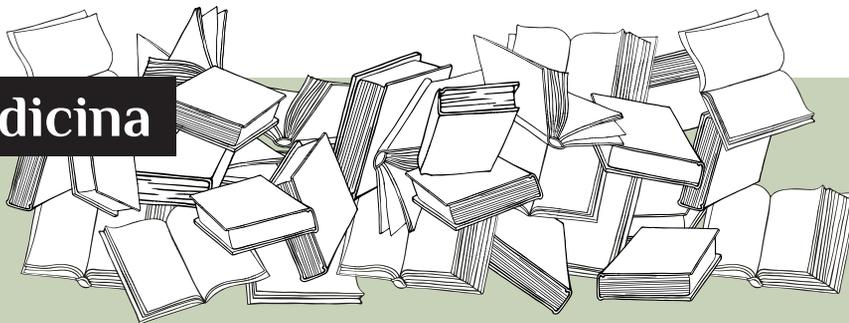
Logo, desnecessária a comprovação de recebimento para que reste caracterizada a infração ética. A simples constatação de que houve a cobrança diretamente já consuma o ilícito. Nesse caso, se por circunstâncias alheias à vontade do agente não houve o recebimento, não há falar-se em “tentativa”, pois a consumação se deu com a mera solicitação ou mesmo exigência de vantagem. Tentativa seria se, por exemplo, o agente escrevesse uma mensagem ao destinatário, mas, por um problema qualquer, tal não tivesse sido entregue. Aí sim o delito não se consumaria, pois a vantagem não teria sido solicitada. Não é o caso para o exemplo mencionado. É suficiente a *solicitação*. Basta, portanto, essa cobrança. O recebimento nada mais seria do que exaurimento. **❶**

Palavras de Mestre

"O dilema da medicina moderna, e a falha central subjacente na educação médica e, acima de tudo, na formação de estagiários, é o impulso irresistível para fazer algo, qualquer coisa. Espera-se pelos pacientes e muitas vezes acordados por seus médicos, em face da ignorância."

LEWIS THOMAS (1913-1993).





Colagem literária: A carreira médica, suas alternativas e seus percalços

No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz (1, Bíblia, Gênesis 1:1-3).

Talvez a escolha da profissão médica, com toda sua carga de magia, seja um desejo oculto de se tornar um taumaturgo, um Prometeu moderno. A Medicina pode atrair inicialmente por propor entender o funcionamento do corpo humano. Talvez, o desejo atávico de buscar a localização da alma. Mas, logo se percebe que o ser humano é extremamente complexo, muito além da anatomia e fisiologia. E entender aquele ser humano, às vezes fazê-lo se reinventar, buscar novas soluções e métodos, é trabalho, como diria Hipócrates, para toda uma vida, mesmo que curta, confrontada com uma arte longa, de ocasiões fugidias e experiências enganadoras.

Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário (2, Charles Dickens, Um conto de duas cidades).

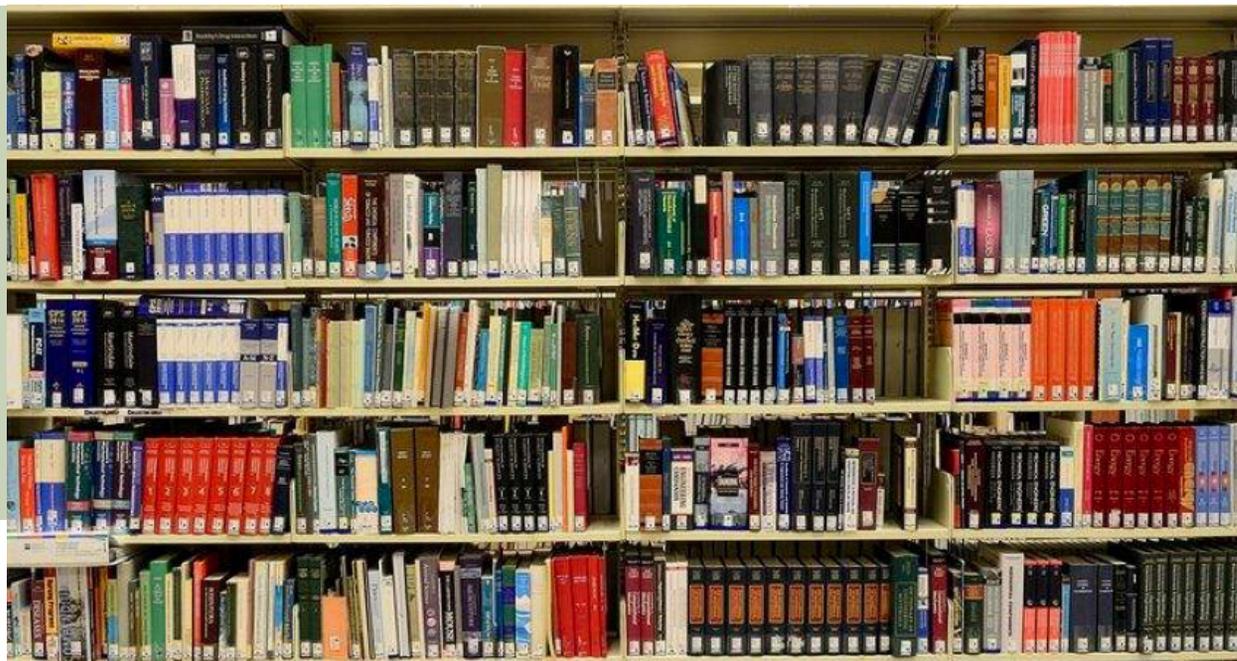
Os estudos e os primeiros anos de prática são muitas vezes repletos de sentimentos díspares. A glória de salvar uma vida e entender que seria em tese possível salvar a humanidade vem de encontro à triste realidade de que somos pontas de lança de uma mensagem ainda fraca. A história da saúde não é a história da Medicina. Muitos estimam que apenas 10 a 20% da saúde são determinados

pela Medicina. Os outros três determinantes da saúde são o comportamento, o ambiente e a biologia (idade, sexo e genética). Entretanto, esta mesma história é uma história de superação. Antes dos primeiros progressos, a saúde humana estava totalmente estagnada.

Os trabalhos mais enfadonhos eram por mim executados sem esforço, por pouco que me agradasse dedicar-me a eles. Se alguma coisa me repugnava, eu a transformava em motivo de estudo, forçando-me a retirar dela algum motivo de alegria. Foi dessa maneira, com uma mistura de prudência e audácia, de submissão e revolta cuidadosamente calculadas, de extrema exigência e concessões, que acabei por aceitar-me a mim mesmo (3, Marguerite Yourcenar, Memórias de Adriano).

Ao longo dos primeiros anos, a prática médica permite, desde que continuamente examinada, um entendimento de quem somos. A conduta médica, com seu papel político e social, determina o cotidiano. Se bem que de modo assimétrico, dependendo de onde cada um está e onde cada um atua. Desejamos ser profissionais. Mas, como já foi dito, profissional não é um rótulo que colocamos em nós mesmos, mas uma característica que esperamos que o outro identifique em nós.

O oposto da depressão não é a felicidade, mas a vitalidade, e minha vida, enquanto escrevo isto, é vital, mesmo quando triste... Detesto essas sensações, mas sei que elas me impeliram a olhar a vida de modo mais profundo, a descobrir e agarrar razões para viver. A cada dia, às vezes combativamente e às vezes contra a razão do momento, eu escolho ficar vivo. Isso não é uma rara alegria? (4, Andrew Solomon, O demônio do meio-dia)



Depois das primeiras décadas imersos na profissão médica, o mundo passa a girar rapidamente. Na maioria das vezes, assentam-se vários desejos e expectativas, consolidam-se laços familiares e círculos de amizade. E passa-se a notar, mais e mais, a complexidade de quem cuidamos e por quem somos responsáveis. Soa o alerta do papel do determinismo, da decisão compartilhada, o papel vital da vontade e do amor no processo de cura. A experiência pode ser uma boa professora, porém as queixas e a demografia dos indivíduos sob nossos cuidados se modernizam. Em alguns de nossos pacientes, o maior conhecimento do sofrimento se torna a base para uma completa apreciação da felicidade: intensifica a própria alegria, clama por superação.

Fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto - quer dizer, ninguém grande - a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o quê que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer! (5, J.D. Salinger, O apanhador no campo de centeio).

Talvez a noção de saber que não se sabe, a dita sapiência socrática, nos mova a querer ensinar. De fato, desde nosso juramento, está implícita a missão de transmitir a

arte de curar. Grandes livros são raros, grandes mestres também. Não existe ensinar sem aprender, o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Semelhante as grandes descobertas, que nos transportam para mundos diferentes, o médico que ensina supera regras existentes e inaugura um prelúdio de busca por novos paradigmas. Também não se ensina o que não se sabe. E com o saber cresce a dúvida. A preparação, capacitação, formação, atualização tornam-se permanentes.

A maior riqueza do homem é sua incompletude/Neste ponto sou abastado/Palavras me aceitam como sou – eu não aceito/Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc./ Perdoai/ Mas eu preciso ser Outros/ Eu penso renovar o homem usando borboletas. (6, Manoel de Barros, Retrato do artista quando coisa).

Sir William Osler, um dos pais da medicina moderna, dizia da importância da cultura geral para o médico. E que era mais fácil comprar livros do que os ler. E mais fácil lê-los do que absorvê-los. Por que não superar a sensação de culpa de não vivenciar por algumas horas “medicina”? E permitir se aventurar na sensibilidade da estética musical, literária, das artes plásticas? Qual um possível legado de tal atitude? Obter uma visão de alteridade, reconhecer que existem culturas diferentes e que elas merecem respeito. Colocar-se no lugar do outro, entender as angústias do outro e tentar pensar no sofrimento do outro.

Certa noite, porém, depois de ficar parado junto ao gradil por algumas horas, admitiu que, na verdade, tinha medo das críticas que provavelmente teria que ouvir, e que esse medo era decorrente da consciência das muitas brechas que existiam em seu experimento. Ele lançou ao mar todos os argumentos com os quais se protegera até então: “Homens que nunca vivenciaram a experiência de estar no meio de uma epidemia e ter que manter a calma e as condições experimentais não compreendem, na segurança de seus laboratórios, com o que de fato se tem que lidar em situações assim” (7, Sinclair Lewis, Doutor Arrowsmith).

E o mundo desaba com a pandemia. Pelo menos, o mundo tal e qual o conhecíamos não existe mais. Todas as áreas da atividade humana sentiram e, por muito tempo, vão continuar a sentir os efeitos deste evento. Porém, o século XXI é pandêmico. Começando em 2009 com o H1N1, passando, entre outros, por Chikungunya, Zika, dengue e culminando com o SARS-CoV-2. Estamos mais vulneráveis, acumulando doenças crônicas sobre nossa maior longevidade. Destruímos muito da biodiversidade, pressionando microrganismos a se adaptar e mudar de hospedeiros. E com isso fomos expectadores da mortalidade desproporcional de idosos, diabéticos, obesos etc. E a sensação de que há no horizonte novas infecções e que talvez não estejamos preparados para enfrentá-las é angustiante. Não podemos deixar de reconhecer que a ciência produziu, dentro do possível, as respostas apropriadas. Porém, particularmente em nosso país, nós profissionais da saúde, fomos colocados frente a frente com um imenso abismo social e com legado de quase 700 mil mortes.

O velho tinha razão, os homens eram sempre os mesmos. Mas essa era sua força e sua inocência, e era aqui que Rieux, acima de toda dor, sentia que se juntava a

eles. Em meio aos gritos que redobravam de força e de duração, que repercutiam longamente junto do terraço, à medida que as chuvas multicores se elevavam mais numerosas no céu, o Dr. Rieux decidiu, então, redigir esta narrativa, que termina aqui, para não ser daqueles que se calam, para depor a favor dessas vítimas da peste, para deixar ao menos uma lembrança da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas e para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos homens mais coisas a admirar que coisas a desprezar. (8, Albert Camus, A peste).

A pandemia também mostrou o que era possível fazer. É plausível que o choque de conscientização desencadeie um movimento positivo de melhora da saúde. Há um grande valor em tipos específicos de adversidade. John Milton, o poeta inglês, já nos disse sobre a impossibilidade de apreciar o bem sem conhecer o mal. A crise nos fez refletir, aprender e superar. Dor na alma ou dor física, qual delas machuca mais? Qualquer que seja a resposta, não nos esqueçamos que a solidariedade humana nasce muitas vezes da angústia e pode ser avassaladora como um tsunami.

O senhor vê. Conte tudo. Agora estou aqui quase barranqueiro. Para velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro... O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travesia. (9, João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas).

Fui ao dicionário. Superar quer dizer vencer, domar, destruir, remover, resolver, fazer desaparecer. Nós médicos convivemos com uma eterna esperança de superação. Nós, seres humanos, somos como facas de dois gumes. Imagina se tudo que fosse amargo pudesse tornar-se prazeroso? (10). **❶**

1. Gênesis 1 - ACF - Almeida Corrigida Fiel - Bíblia Online.
2. Nova Cultural, 2002, tradução de Sandra Luzia Couto.
3. Nova Fronteira, 2015, tradução de Martha Calderaro.
4. Editora Objetiva, 2010, tradução de Myriam Campello.
5. Editora do Autor, 1965, tradução de Álvaro Alencar, Antônio Rocha, Jório Dauster.
6. Editora Record, 1998.
7. Editora Manole, 2016, tradução de Lúcia Helena de Seixas Brito.
8. Editora Record, 2018, tradução de Valerie Rumjanek.
9. Editora Nova Fronteira, 1988.
10. Sandra Oliveira, <https://cronicassimples.wordpress.com/tag/superacao/>

Entre danos e acertos

DRA. VICTÓRIA AMPESSAN DAMAS

Você vai errar com alguém, não vai convencer o paciente sobre o quão importante aquele tratamento ou conduta é; vai tomar uma decisão e talvez perceber que não era a melhor para aquela pessoa naquele momento ou que simplesmente tinha algo melhor. Mas tenha certeza de que você também vai acertar no consultório, no hospital, no pronto atendimento, no centro cirúrgico, no laudo... Você vai acertar com alguém que precisava muito daquela conduta, daquela mudança terapêutica, daquele exame, daquela conversa, daquela visão.

Nós vamos errar; infelizmente, e muito. Sempre pensando em como melhorar. Mas,

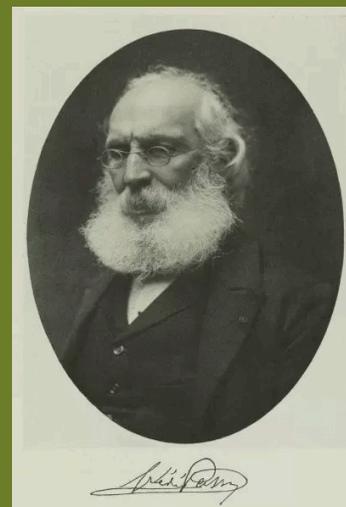
com certeza, ao menos uma pessoa naquele dia precisava do seu empenho, só seu. Pode ser um paciente que passou por vários profissionais e nunca se convenceu de algo, ou nunca recebeu um diagnóstico ou que até estava com um tratamento inadequado de alguma forma. Mas esse paciente... Esse paciente precisava de você, com seu olhar único, sua vivência, sua experiência. Entre pequenos e grandes danos que podemos causar sem perceber na rotina, ao menos tenhamos certeza de que haverá pelo menos um paciente que será um acerto para a vida toda, mesmo que nós nunca nos demos conta disso. **i**

Palavras de Mestre

“Peço aos meus amigos acima de tudo que não me matriculem em nenhum partido, seita ou escola de política, religião ou ciência. Na liberdade de meu fraco julgamento, pertenço à grande Igreja universal de todos os espíritos sinceros e de todos os corações puros que buscam o que é verdadeiro e justo. Não odeio nada, exceto aquela estreiteza de espírito e essa secura de alma que, por estarmos divididos em pontos secundários, nos impede de trabalhar juntos pelas grandes causas nas quais poderíamos facilmente nos unir.”

FRÉDÉRIC PASSY (1822-1912).

O fundador e presidente da Sociedade Francesa para a Paz deixou a mensagem em seu testamento. O economista e político francês foi o primeiro ganhador do Prêmio Nobel da Paz, em 1901, juntamente com o suíço Henri Dunant (1828-1910), fundador do Comitê Internacional da Cruz Vermelha.



Reflexões de Denis Diderot

Denis Diderot (1713-1784), filósofo, escritor e tradutor francês, foi cofundador e editor-chefe da *Encyclopédie*. Ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (Dicionário razoado das ciências, artes e ofícios), onde buscou reportar todo o conhecimento que a humanidade havia produzido até a sua época. O primeiro volume surgiu em julho de 1751, dando início a uma aventura editorial sem precedentes e que, naquele “Século das Luzes”, iria agitar o mundo das ideias em toda a Europa. Em quase três décadas foram publicados 18 volumes, incluindo 11 livros de ilustrações e centenas de artigos de 200 colaboradores, dentre eles os mais renomados de seu tempo.

Diderot abraçou a ideia da *Encyclopédie* a partir do desejo do livreiro Le Breton de traduzir para o francês a obra *Cyclopaedia*, do inglês Ephraim Chambers, uma coletânea de ilustrações das ciências e das artes publicada em 1728. Mais ousado, justificou Diderot: “O objetivo de uma enciclopédia é reunir todo o conhecimento disperso na superfície da terra, demonstrar o sistema geral às pessoas com quem convivemos e transmiti-lo às pessoas que virão depois de nós, para que as obras dos séculos passados não sejam inúteis para os séculos seguintes, para que nossos descendentes, tornando-se mais instruídos, se tornem

mais virtuosos e mais felizes, e que não morramos sem ter merecido ser parte da raça humana”.

Titulado com o grau de mestre em artes na Universidade de Paris em 1732, aos 19 anos, iniciou sua carreira como tradutor e teve como primeira peça relevante de sua carreira literária *Lettres sur les aveugles a l'usage de ceux qui voient* (Cartas sobre os cegos para uso por aqueles que veem), em que sintetiza a evolução do seu pensamento desde o deísmo até o cepticismo e o materialismo ateu. Foi preso por isso, mas não recuou do pensamento de que “não é necessário que o ser humano tenha alguma crença divina para ser bom”.

Diderot tinha tudo para seguir a carreira eclesiástica, mas acabou por trilhar outros caminhos depois de “perder a fé” e levar uma vida de boêmio. É considerado por algumas correntes como um precursor da filosofia anarquista. Dizia-se avesso às superstições e crente da verdade. Viveu os últimos anos ajudado economicamente pela imperatriz Catarina da Rússia, sua admiradora. Por problemas gastrointestinais, morreu aos 70 anos, tendo sido sepultado no Panteão de Paris. Sua vasta obra merece ser visitada. Aqui, reunimos conjunto de suas consagradas mensagens como instrumento de reflexão:

“A prosperidade revela os vícios; a adversidade, as virtudes.”

“SER SENSÍVEL É UMA COISA E SENSATO É OUTRA. UMA TEM A VER COM A ALMA, A OUTRA COM A RAZÃO.”

“Uma palavra grosseira, uma expressão bizarra, ensinou-me por vezes mais do que dez belas frases.”

“A IGNORÂNCIA NÃO FICA TÃO DISTANTE DA VERDADE QUANTO O PRECONCEITO.”

“E, quando somos ricos, temos tudo, qual o interesse em termos mérito e virtude?”

“A CÓLERA PREJUDICA O SOSSEGO DA VIDA E A SAÚDE DO CORPO, OFUSCA O JULGAMENTO E CEGA A RAZÃO.”

“Clama-se incessantemente contra as paixões; imputam-se-lhes todos os males do homem, esquecendo que elas são também a fonte de todos os seus prazeres.”

“NÃO EXISTE NADA TÃO RARO COMO UM HOMEM INTEIRAMENTE MAU, A NÃO SER TALVEZ UM HOMEM INTEIRAMENTE BOM.”

“Devem exigir que eu procure a verdade, não que a encontre.”

“AQUELE QUE DE ALGUM MODO CONDENA O SEU SEMELHANTE À FELICIDADE, É FELIZ.”

“Penso que é indispensável fazer um grande mal momentâneo para que venha a ser possível um grande bem duradouro.”

“É TÃO ARRISCADO ACREDITAR EM TUDO COMO NÃO ACREDITAR EM NADA.”

“As coisas de que mais se fala entre os homens são quase sempre aquelas de que menos se sabe.”

“HÁ QUEM MORRA DESCONHECIDO POR NÃO TER TIDO UM TEATRO DIFERENTE.”

“Apenas há um dever, o de sermos felizes.”

“AQUELE QUE SE ANALISOU A SI MESMO, ESTÁ DEVERAS ADIANTADO NO CONHECIMENTO DOS OUTROS.”

“Nem que seja para fazer alfinetes, o entusiasmo é indispensável para sermos bons no nosso ofício.”

“OS ERROS PASSAM, A VERDADE FICA.”



Retrato de Diderot, óleo sobre tela pintado por Louis-Michel van Loo, em 1767

“Em qualquer país em que o talento e a virtude não produzam progresso, o dinheiro será a divindade nacional.”

“ENGOLIMOS DE UM SORVO A MENTIRA QUE NOS ADULA E BEBEMOS GOTA A GOTA A VERDADE QUE NOS AMARGA.”

“De todos os sentidos, a vista é o mais superficial. O ouvido, o mais orgulhoso. O olfato, o mais voluptuoso. O gosto, o mais inconstante. E o tato, o mais profundo.”

“É FÁCIL CRITICAR CORRETAMENTE; E DIFÍCIL EXECUTAR MEDIOCUMENTE.”

O LUGAR DO PROTAGONISMO NA SUPERAÇÃO

FERNANDA NICZ



Eu resumiria assim o substantivo feminino superação: ato de transformar uma situação por meio de alguma mudança. A psicologia vai além e acrescenta à definição a resiliência. Resiliência é a capacidade que cada ser humano tem de mudar diante de adversidades. É necessário resiliência para transformar o que já não é em algo que seja e faça sentido. Sendo assim, a vida é um constante exercício de inevitáveis superações. E não se trata apenas de grandes – difíceis e raros – episódios.

Exemplifico: num casamento no qual Ana abandona João ou numa empresa em que Ana demite João, este (João) tem que, de certa maneira, em algum momento, recompor-se e recomeçar. Entra aí a superação. Mas se, antes de ser abandonado ou despedido, João chega à conclusão, após determinado tempo, de que não há mais afeto no casamento (obviamente depois de várias tentativas) ou que não mais é produtivo no trabalho e resolve assumir o papel, na prática, de protagonista de sua história, que fará? Uma superação que o moverá de um lugar desconfortável, mas cômodo, para um lugar novo com possibilidades de troca e evolução (tanto no exemplo do casamento como no do trabalho).

Não é nada fácil assumir o papel de protagonista e fazer o movimento que promoverá mudanças. Quase sempre é necessário ter ensaiado muitas vezes em situações anteriores semelhantes.

Outros exemplos de protagonismo têm como ponto de virada mudanças de espaço. Há um formato de vida que faz sentido por um período de tempo, depois não mais. E há espaços que combinam com estes formatos de vida. Quando chega o momento em que o *fazer* não mais nos representa, é hora de o *ser* entrar em campo e avaliar o quão produtivo e fértil está, naquela fase, o espaço que se habita. Liberdade é coragem de fazer um movimento quando o espaço já não é suficiente para tudo aquilo em que te transformaste. A evolução é constante. Há o lugar certo para cada fase de cada ser e nestes lugares a vida flui, a sincronidade acontece, a vida sinaliza e se pode ser quem se é agora.

E não falo necessariamente de espaços físicos. Mudar de lugar pode também ser mudar de posição. Em que lugar você se coloca em sua vida? De que lugar você fala e faz escolhas? Sentir que acrescenta na vida de alguém, que faz alguma diferença no espaço em que habita ou que está deixando algum legado com o que faz (profissão/trabalho). Esse é o lugar que deveríamos querer estar. Mas se o que se sente e vê é um vazio de significados há que se superar para ressignificar.

É praticamente impossível descobrir talento pra música num lugar em que não há instrumentos musicais.

Exemplo do professor Clóvis de Barros, que não canso de citar. **1**

Nódulos de Heberden Bouchard.

Mas quem foi Heberden e Bouchard?

DR. VARLEI ANTÔNIO SERRATTO

Estamos aqui descrevendo a origem da reumatologia. O seu princípio que muito se baseia na observação da cena médica. Foi assim que no século XVIII William Heberden começou a fazer. Observando e descrevendo e até criando publicações periódicas para descrever os achados da semiologia médica. Nessas observações, também descreveu a Angina de Peito e pôde fazer correlação clinicoanatomopatológica, correlacionando com sucesso o sintoma ao achado de dissecação.

Nasceu em Londres, em 1710. Os primeiros estudos foram na *St. Savior's Parish School of Grammar*, em Southwark, uma instituição da Rainha Elizabeth que oferecia educação gratuita. Foi no *St. John's College*, em Cambridge (1724), que obteve o grau de Mestre em Artes e com 29 anos o título de Doutor em Medicina (1739).

Em Cambridge ficou por 10 anos e lá esteve praticando, aprendendo e ensinando Medicina. Naquela época, foi responsável pelo curso anual de assuntos médicos e terapêuticos. Voltou para Londres, onde se tornou membro do *Royal College of Physicians* em 1746. Além disso, em 1763, foi um dos fundadores do *Medical Transaction of the Royal College*, o fórum em que os seus membros se reuniam e relatavam as suas observações na forma de apresentação de casos clínicos.

No prefácio de 1782 aos Comentários sobre a história e a cura das doenças, escreveu em latim: “Plutarco diz que a vida de uma Virgem vestal foi dividida em três partes; na primeira delas aprendeu os deveres da sua profissão, na segunda os exerceu e na terceira os ensinou aos outros”. E acrescentou: “Este não é um mau modelo para a vida de um médico; já passei pelos dois primeiros, estou disposto a passar o resto dos meus dias ensinando”.

Uma das suas virtudes era a disciplina.

Como foi o processo de descrição dos nódulos?

Ficou conhecido por descrever as inflamações nodulares na osteoartrite, os “nódulos de Heberden”, dos quais se fala diariamente, em especial pelos reumatologistas.

A descrição clássica foi feita com a denominação latina *digitorum nodi*, que os detalha como “nódulos duros na articulação interfalangeana distal que não se relacionam com a gota e persistem ao longo da vida dos pacientes. Ele os definiu como nódulos duros, do tamanho de uma ervilha, que muitas vezes podem ser vistos acima dos dedos, especialmente a uma curta distância da extremidade e perto da articulação. Eles não estão relacionados à gota, podem ser vistos em pessoas que nunca tiveram; e persistem ao longo da vida, dificilmente sendo acompanhados de dor, ou podendo transformar-se em feridas, são bastante feios, o que incomoda, embora devam ser algum pequeno obstáculo para o livre uso dos dedos”.

Não ficou somente restrito a atividades da semiologia.

Foi também atuante na medicina preventiva, colaborando para a diferenciação da varíola da varicela, na importância de se filtrar a água antes de consumi-la e, com Benjamin Franklin, criou panfletos para serem distribuídos aos pais sobre como vacinar seus filhos contra a varíola nas colônias inglesas.

Por fim, foi considerado o pai da observação clínica do século XVIII e o fundador da reumatologia.

Em 1936, meia dúzia de médicos que trabalhavam na Clínica de Reumatismo da Cruz Vermelha Britânica decidiu fundar a *Heberden Society to Advance Rheumatology*, que depois de 46 anos foi honrosamente absorvida pela *British Society of Rheumatology*.

Heberden morreu aos 91 anos. O seu legado inclui os ingredientes essenciais da Medicina: a arte da observação, as avaliações críticas das observações e, o mais importante, a compaixão pelos seus pacientes. **📌**

Referências bibliográficas

1. Talha Khan Burki. *William Heberden*. The Lancet (2, 4, E20, April 2020). DOI: [https://doi.org/10.1016/S2665-9913\(20\)30062-X](https://doi.org/10.1016/S2665-9913(20)30062-X).
2. Buchanan, W.W., Kean, W.F. *William Heberden the elder (1710-1801): the complete physician and sometime rheumatologist*. Clin Rheumatol 6, 251-263 (1987). DOI: <https://doi.org/10.1007/BF02201032>.
3. T. Y. Lian, K. K. T. Lim, *The legacy of William Heberden the Elder (1710-1801)*. Rheumatology, Volume 43, Issue 5, May 2004, Pages 664-665. DOI: <https://doi.org/10.1093/rheumatology/keg00>.
4. <https://globalrheumpanlar.org/articulo/william-heberden-un-legado-historico-para-la-reumatologia-485?language=pt-br>.

MÃOS DADAS

DRA. LAURA MOELLER
DR. VARLEI ANTÔNIO SERRATTO
DR. EDUARDO ZANCHET



Nas imagens, aspectos da contração de Dupuytren.

CONTRATURA DE DUPUYTREN

A contração de Dupuytren (CD) – também conhecida como doença de Dupuytren - é uma doença fibroblástica lentamente progressiva da fáscia palmar. O espessamento inicial é frequentemente observado como nódulos nas palmas das mãos, que podem ou não ser dolorosos. A rigidez articular e a perda da extensão dos dedos se desenvolve insidiosamente, em período variável de tempo, podendo levar décadas.

A medida que a doença evolui, nódulos progridem com a formação de bandas longitudinais referidas como cordas na fáscia palmar, e os dedos perdem gradualmente a capacidade de extensão.

A CD acomete principalmente homens, a partir dos 45 anos, e é mais frequente em pessoas com histórico de diabetes, epilepsia e alcoolismo. Pode ainda estar associada a outros distúrbios, como no caso da foto em questão, que se trata de paciente com doença de Peronnie. Esta doença se caracteriza por retração da fáscia dentro do pênis, que causa ereções desalinhadas e dolorosas).

Como pode ser observado nas fotos, o quinto dedo da mão esquerda encontra-se flexionados junto a articulação metacarpofalangeana e também, mais discretamente, a articulação interfalangeana proximal.



Síndrome da mãos rígida, ou o "sinal da prece".

SINAL DA PRECE

Síndrome da mão rígida ou quiroartropatia diabética inicia-se como alterações cutâneas ao redor das metacarpofalangianas e interfalangiana proximal do quinto dedo e evolui de maneira a envolver todos os dedos, havendo uma limitação da movimentação articular, com incapacidade de fletir ou estender os dedos. Esses pacientes têm alterações da pele – que fica endurecida e rígida com aspecto céreo, semelhante ao visto em esclerodermia. Tem início no quinto quirodáctilo e acomete progressivamente as outras articulações interfalangeanas e metacarpofalangeanas, configurando uma incapacidade de manter as palmas das mãos unidas sem espaço remanescente entre elas (“sinal da prece”). Sua prevalência aumenta com a duração do DM e está fortemente associada ao mau controle glicêmico. ⓘ

“Luta, a palavra vibrante

Que levanta os fracos

E determina os fortes.”

ASSIM EU VEJO A VIDA

A vida tem duas faces:

Positiva e negativa

O passado foi duro

mas deixou o seu legado

Saber viver é a grande sabedoria

Que eu possa dignificar

Minha condição de mulher,]

Aceitar suas limitações

E me fazer pedra de segurança

dos valores que vão desmoronando.

Nasci em tempos rudes

Aceitei contradições

lutas e pedras

como lições de vida

e delas me sirvo

Aprendi a viver.

CORA CORALINA (1889-1985)

MOTIVAÇÕES BEM ANTES DE CRISTO

DR. RODRIGO BOECHAT

Há 3.000 anos havia um menino batuta que corria e brincava nas ruas de Jerusalém. Rodava pião, quebrava vidraças e chegava pras minas dizendo “um dia vou casar com você”.

Mal sabia o pequeno Salo que iria crescer em saúde, sabedoria e chegando ao trono se tornaria um grande rei. Nesse reinado houve prosperidade, riqueza para o povo, 700 esposas e 300 concubinas. Essa quantidade de companheiras fez confusão na mente de arqueólogos argutos, já que as Minas do Rei Salomão não eram ouro, mas sim as suas mil meninas.

Um dia chegou à idade avançada. Tempo em que resolveu escrever suas memórias. Viajou com soldados e seu médico particular até onde o Sinai encontra o mar. Como era sábio, entendia que a sabedoria e a tristeza habitavam a mesma casa. Ele queria colocar tudo isso nos pergaminhos.

Com o Egito à frente, ditava as palavras de um de seus livros para seu médico confidente. E assim nasceu Qohélet, uma de suas obras. Mirando o crepúsculo na direção de seus ancestrais, o rei incansavelmente repetia que “debaixo do sol, tudo é vaidade e vento que passa”. E então sorriu, lembrando-se de suas corridas e das “minas” que queria desposar.

A sabedoria vive na casa da tristeza.

AINDA A.C.

Num tempo muito antigo antes dos titãs, dos deuses olímpicos e do homem havia apenas o nada. A isso se chamava Caos. E nesse infinito pairavam Gaia (a terra), Tártaro (o espaço escuro) e Urano (o céu). Urano e Gaia geraram Cronos (tempo), que é pai de Zeus. Este último derrotou seu próprio progenitor e assumiu a liderança dos deuses, sentando-se no topo do Olimpo.

Naquela Grécia, cheia de confusões e deuses apaixonados, perambulava a graciosa Melena de Tessalônica. Seduzida por Zeus, a jovem gerou o herói Tereso Priapoulos. O inquieto menino cresceu na praia, pegava onda e comia mariscos. Chegou a namorar *bodyboarders* da Ilha de Lesbos. Era um mundo livre e as questiúnculas dos hu-

manos de hoje simplesmente não importavam. Bastavam-lhe as ondas do mar e seu sonho de superação.

Nas primeiras Olimpíadas já havia competições de *surf*. Vieram atletas do Havaí, alguns Rapa Nui e também as *bodyboarders* da Ilha de Lesbos. E o Mar da Trácia estava pra Tereso; formou-se um tsunâmi e ele surfou na crista. Com um largo sorriso no rosto e louros nas orelhas, atravessou, príapo e feliz, o Estreito de Dardanelos. Ouro garantido na modalidade.

Esta é a Odisseia de Priapoulos, herói e atleta, filho de Zeus e Melena: para ele não interessavam lados, cores ou gêneros. Bastavam as ondas do mar.

MOTIVAÇÕES D.C.

Existe um lugar onde a vida sopra como a brisa, é mais antiga que as árvores e mais jovem que as montanhas. Assim diz a canção que nosso Tereso colocava pra tocar enquanto dirigia seu Ford Bronco 66, alugado na Álamo, conhecendo a Virgínia Ocidental.

Tereso é um tipo comum com TOC; nasceu em meio a dificuldades e conta com uma biografia comentada em outras ocasiões. Como todos, tem vida atribulada. Apesar da longa guerra travada, nosso personagem uma vez por ano encontra tempo e grana pra uma fuga.

Nessa viagem pelo Vale do Rio Shenandoah, Tereso se sentia um privilegiado. A bordo do Ford, mesmo modelo de seu brinquedo de criança, ficava admirado com as cores das folhas vermelhas e amarelas no outono do norte. Lembra-se da inclinação certa da Terra para permitir essa incidência diferente dos raios do sol. Um pouco mais, um pouco menos ou nada de inclinação e talvez o Vale seria inóspito e de outras cores.

Vento, música e contemplação. Era o lugar mais bonito em que já pôde estar. As muitas horas na estrada certamente fazem qualquer um pensar no sentido das coisas. Com sorriso no canto da boca, Tereso repetia para si: a vida é mais antiga que as árvores, mais jovem que as montanhas e não deve ter sentido mesmo. Talvez ela só queira sobreviver. **❶**

A VIDA É MAIS ANTIGA QUE AS ÁRVORES, MAIS JOVEM QUE AS MONTANHAS
E NÃO DEVE TER SENTIDO MESMO. TALVEZ ELA SÓ QUEIRA SOBREVIVER.

STEPHEN HAWKING

O GÊNIO ATEU QUE ENCANTOU E DESAFIOU A CIÊNCIA

O físico inglês Stephen Hawking teve sua movimentação comprometida durante praticamente toda a sua vida adulta. Em 1963, ele tinha apenas 21 anos de idade quando foi diagnosticado com uma forma de início precoce da doença neuronal motora (MND), também conhecida como esclerose lateral amiotrófica (ELA). Os médicos avaliaram, à época, que ele não teria mais do que dois ou três anos de vida. Para o bem da ciência, acabou vivendo mais de meio século ainda, falecendo em março de 2018, aos 76 anos.

Para se manter ativo, evitando a síndrome do encarceramento, o cientista fez uso de cadeiras motorizadas, sintetizadores de voz e outros acessórios e sistemas complexos que permitiam a comunicação. Mais do que o status de um dos mais renomados cientistas da história recente, por produzir algumas teorias fundamentais da física moderna, ele se transformou em celebridade por seu trânsito além da ciência, figurando na política, entretenimento, cultura, música, cinema e literatura. Seu livro, *Uma breve história do tempo*, permaneceu na lista de mais vendidos do *The Sunday Times* durante 237 semanas, sendo que em 2002 ele ficou em 25º lugar na pesquisa da BBC sobre os *100 Maiores Britânicos de todos os tempos*.

Stephen, que teria QI 160, compatível com os grandes gênios da história, ganhou diversos prêmios, entre eles, um dos mais importantes dos Estados Unidos, a Medalha Presidencial da Liberdade. Foi membro da Sociedade Real das Artes e da Pontifícia Academia de Ciências, nomeado pelo próprio Papa João Paulo II. Seu vasto currículo só não absorveu um Nobel de Física, mesmo figurando como candidato desde 1974, quando descobriu que os buracos negros emitem radiação térmica por conta dos efeitos quânticos, teoria batizada com seu sobrenome após a publicação do estudo. Uma corrente garante que a pompa de astro pop fez a Academia olhar com desconfiança para o trabalho do físico.

Um dos filhos do médico e também brilhante cientista Frank Hawking (1905-1986), Stephen Hawking queria estudar matemática. O pai queria vê-lo médico, mas ele acabou optando pela física, já que a *University College*, de Oxford, não oferecia matemática no ano em que ingressou, em 1959. Formou-se em 1962 e, já no ano seguinte, receberia o fatídico diagnóstico, o que o levou a

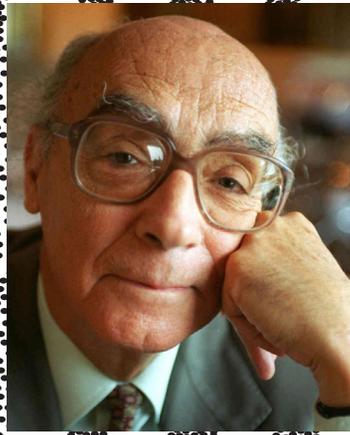


apressar seu casamento com Jane, com quem teve três filhos. O processo degenerativo foi se agravando e, se o “aprisionamento” na cadeira de rodas já era torturante, em 1985 ele teve de passar por traqueostomia depois de ter contraído pneumonia. Desde então, usava sintetizador de voz para se comunicar.

Stephen Hawking sempre declarou que não era religioso no sentido comum e que acreditava ser o universo governado pelas leis da ciência. “Há uma diferença fundamental entre a religião, que se baseia na autoridade, e a ciência, que se baseia na observação e na razão. A ciência vai ganhar porque ela funciona”, sustentou em uma entrevista. Em sua última obra, *Brief Answers to the Big Questions (Breves respostas às grandes perguntas)*, publicada em 2018, o cientista escreve: “Não há Deus. Ninguém dirige o universo. Durante séculos, acreditava-se que pessoas com deficiência como eu estavam vivendo sob uma maldição que foi infligida por Deus. Eu prefiro pensar que tudo pode ser explicado de outra maneira, pelas leis da natureza”.

Longe de tentar prospectar mais na mente brilhante de Hawking, é pacífico que foi um lutador perseverante, que driblou seus próprios conceitos sobre ciência e os limites dos seres humanos. Há quase três décadas, o cientista apareceu na propaganda de uma empresa de seguros, que dizia: “As maiores realizações da humanidade surgiram de conversas, e os maiores fracassos de não se conversar. Isso não precisa ser assim”. A frase inspirou David Gilmour, da banda britânica Pink Floyd, que “sampleou” a voz sintetizada de Hawking na canção *Keep Talking*, do álbum *The Division Bell*. **❶**

O centenário de Saramago, *Nobel de Literatura*



“Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia mais.”

JOSÉ SARAGAMO

Abrimos nossa página de poesia para prestar homenagem a José Saramago, no ano do centenário de seu nascimento. O escritor e poeta português, nascido em novembro de 1922, foi laureado com o Nobel de Literatura de 1998, dentre as inúmeras premiações que recebeu por sua extensa obra, com fulcro realístico e amparo em temática social e crítica política e religiosa.

O primeiro livro publicado foi o romance *Terra do Pecado*, em 1947. Uma de suas obras mais conhecidas é *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), adaptado para o cinema e que chegou às telas em 2008. Outro livro, *O Homem Duplicado* (2002), também virou filme, em 2014. Faleceu em 18 de junho de 2010, aos 87 anos, na ilha espanhola de Lanzarote, nas Canárias, onde passou os últimos anos ao lado da segunda esposa. Três anos antes ele constituiu a Fundação José Saramago, que em 2012 foi aberta ao público na Casa dos Bicos, em Lisboa.

Sua vasta produção literária inclui pelo menos 18 romances, contos, crônicas, peças teatrais, diário e memórias e os livros de poesia *Os Poemas Possíveis* (1966), *Provavelmente Alegria* (1970) e *O Ano de 1993* (1975). Do primeiro extraímos o poema abaixo.

RECORTO A MINHA SOMBRA...

Recorto a minha sombra da parede,
Dou-lhe corda, calor e movimento,
Duas demãos de cor e sofrimento,
Quanto baste de fome, o som, a sede.

Fico de parte a vê-la repetir
Os gestos e palavras que me são,
Figura desdobrada e confusão
De verdade vestida de mentir.

Sobre a vida dos outros se projeta
Este jogo das duas dimensões
Em que nada se prova com razões
Tal um arco puxado sem a seta.

Outra vida virá que me absolve
Da meia humanidade que perdura
Nesta sombra privada de espessura,
Na espessura sem forma que a resolve

CICATRIZES NA ALMA*Domingos Pellegrini*

Igual um prédio todinho pichado
ou corpo coberto de tatuagens
temos na alma toda a amostragem
do nosso sofrimento superado

Como fiapos em roupa puída
ou amassados num bule
ganhamos cicatrizes nesta vida
como medalhas que se acumulam

Aqui foi um amor desesperado
ali foi uma ilusão política
esta era quimera tão raquítica
mal resistiu à verdade dos fatos

Certas cicatrizes costumam coçar
já outras fingem se esconder na pele
mas basta um pouco de sol e de mar
e a velha cicatriz já se revela

Te olha como se você se vendo
pergunta como vai você, feliz?
e a essa indiscrição da cicatriz
você responde só que vai vivendo

Esta foi um desastre: acreditei
em crença tão essencialmente fútil
com que me fiz de inocente útil
cicatriz para se arrepender

São tantas cicatrizes invisíveis
dos arrependimentos e omissões
das paixões e dos maus sentimentos
das desistências do porém possível

Cicatrizes antigas proliferam
por dentro como crosta num navio
sonhos sonhados por anos a fio
transformados em fósseis doutras eras

Aqui a aguda cicatriz da inveja
a fina cicatriz da indiferença
a grossa cicatriz da arrogância
cicatrizes de mágoas em bandeja

A cicatriz do teu gesto impensado
palavra infelizmente mal falada
desconfiança despropositada
ou julgamentos mal ajuizados

Cicatrizam-se os erros colossais
até na forma de alegres lembranças
e então me vejo como uma criança
a cair e a chorar e a brincar mais

E recoberto assim de cicatrizes
agradeço os tais golpes do destino
e os dias de desgraças e de crises:
eles fizeram homem do menino

e os outros dias enfim mais felizes

A RUA*Dr. Lutfalla Farah*

A rua como a vida
Nos leva a algum lugar
Às vezes não tem saída,
Nos obriga a voltar

Paramos, descansamos
Temos tempo de refletir
Que rumo tomamos
E continuamos a seguir

A caminhada é uma luta
Mas não vamos desistir
Mesmo na estrada bruta
Vamos em frente prosseguir

No píncaro da glória
Veremos o resultado
Escreveremos história
Do que temos contado

Uma trajetória de amor à arte da Medicina

*Entrevista com o pediatra Luiz Ernesto Pujol,
Medalha de Lucas de 2022*

NÍVEA TERUMI MIYAKAWA



*“Eu acredito em uma coisa: que apenas uma vida vivida para
os outros é uma vida que vale a pena ser vivida.”*

ALBERT EINSTEIN

Ao longo de sua trajetória de 75 anos de vida, o pediatra curitibano Luiz Ernesto Pujol lidou com diversas intempéries, tanto no plano pessoal como no profissional. E sempre escolheu viver a vida com amor e dedicação àqueles à sua volta, sejam pacientes, familiares ou amigos. No campo profissional, foi meio século de exercício da Medicina e mais de 40 mil pacientes, sendo que a defesa da ética médica, da valorização da profissão e, principalmente, da Medicina humana e do papel social do médico são o ofício que o homenageado com a Medalha de Lucas de 2022 continua a defender diariamente.

A honraria, instituída pelo CRM-PR em 1996 para reverenciar profissionais com destacada atuação em prol de causas sociais e humanitárias, é inspirada no evangelista Lucas, o Patrono Médico. Desde a sua criação, a homenagem já havia alcançado outros 18 médicos paranaenses, todos com relevantes ações em prol da sociedade e que não se intimidaram diante dos muitos obstáculos. A premiação, que visa incentivar exemplos, sempre ocorreu em meio aos festejos do Dia do Médico, no mês de outubro, sendo retomada em 2022 no formato presencial depois de dois anos somente no virtual em decorrência da pandemia.

FORMAÇÃO

Formado na primeira turma do curso de Medicina da Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná – hoje Faculdade Evangélica de Medicina Mackenzie do Paraná – em dezembro de 1973, o Dr. Pujol foi o primeiro integrante de sua família a concluir o curso de Medicina. Filho único, ele lembra que desde a tenra idade já sonhava em ser médico. E demonstra profunda gratidão pelos pais (Ernesto Pujol Filho e Dorcas Foltran Pujol) por lhe terem possibilitado concretizar esse sonho. “Eu me formei em Medicina graças a um empenho extraordinário dos meus pais. Meu pai era um funcionário público muito humilde, mas um homem extremamente honesto, culto e que fez sacrifícios sobrenaturais para pagar uma faculdade de Medicina particular”, ele ressalta.

Dos seis anos dedicados aos estudos médicos, obteve o prêmio de melhor aluno de sua turma, tendo recebido uma caneta de ouro das mãos do então diretor da escola e fundador, o Dr. Daniel Egg. Logo depois de formado, especializou-se em Pediatria no Hospital de Crianças César Pernetta (atualmente Hospital Pequeno Príncipe). Nessa época, já era funcionário público, trabalhando como escrevente datilógrafo do vice-governador do Estado, no Palácio do Governo. “Terminei a residência, fiz a prova da Sociedade de Pediatria, passei e recebi uma oferta do secretário de saúde, que também era pediatra e meu amigo, Dr. Ivan Beira Fontoura, para acompanhá-lo a uma pequena cidade do interior do Paraná chamada Irati, onde iriam inaugurar um hospital. Era o único hospital da cidade, uma Santa Casa, de uma localidade que não tinha pediatra nem serviço de Pediatria”, ele se recorda.

CIDADÃO HONORÁRIO

Embora o plano inicial tenha sido ficar apenas alguns meses para montar e estabelecer o serviço de Pediatria na instituição de saúde, a “estadia” durou profícuos oito anos. “Eu me apaixonei pela cidade, montei o serviço e estava muito bem, profissionalmente e economicamente”, resume. “Eu me envolvi tanto com a Medicina, eu trabalhava tanto, que na verdade eu me esquecia da minha família. Ficava dois, três dias sem ir para casa, mas era o único pediatra que atendia toda aquela região”, reflete sem, no entanto, demonstrar arrependimento. Isso, porque as necessidades de saúde daquela comunidade eram muitas.

Em meados da década de 1970, a epidemia de meningite meningocócica assolava muitas cidades do Brasil. No Carnaval de 1976, com 38 leitos pediátricos disponíveis na Santa Casa, ele se lembra de haver 78 crianças internadas, em um mesmo dia. Todos se recuperaram sem sequelas, à exceção de um, que acabou perdendo

a audição. “Eu me pergunto às vezes por que isso aconteceu; não era a minha capacidade, porque o tratamento medicamentoso era o mesmo em todo o mundo. Acho que o que determinou esse sucesso nosso, meu e da equipe de enfermagem, foi a maneira como tratamos aqueles doentes”, acredita, após ter passado seis dias consecutivos sem sair do hospital, de forma a não deixar seus pacientes sem um pediatra de plantão.

Quarenta anos após sua experiência em Irati, o Dr. Pujol foi agraciado com o recebimento do título de Cidadão Honorário da cidade, comenda oferecida pela Câmara de Vereadores do município. “Esta homenagem é justa e se faz necessária para que possamos mostrar como somos gratos ao Dr. Pujol pelos relevantes serviços prestados a este município e à nossa população, a quem realmente se doou, transformando a realidade da saúde para tantas crianças e adolescentes e suas famílias. Foi o socorro e o amparo de tantas mães e pais, dedicando uma vida inteira ao ofício de cuidar, tratar e curar, realizando sua missão com humanismo, dedicação e amor”, destacou o presidente da Casa, vereador Helio de Melo.

RECOMEÇO EM CURITIBA

Embora estivesse muito bem profissionalmente em Irati, o Dr. Pujol precisou tomar uma difícil decisão: a de voltar para Curitiba em prol de sua família. Um diálogo casual com o primogênito, Gustavo, que tinha cinco anos à época, o fez mudar de planos e recomeçar a carreira na capital paranaense. Sua esposa, Beatriz, já o havia brindado com uma segunda filha, Thaís.

De volta a Curitiba, recebeu convite de seu ex-professor de Pneumologia, Dr. Odair de Floro Martins, que estava assumindo a diretoria do Sanatório do Portão (atual Hospital do Trabalhador), para montar um serviço de tuberculose infantil. Para tanto, realizou um estágio de três meses no Hospital de Manguinhos, no Rio de Janeiro. Além do serviço de tuberculose, o Dr. Pujol foi responsável por montar o serviço de trauma pediátrico do Hospital do Trabalhador, tendo sido, ainda, diretor da instituição.

Também atuou, em conjunto com a pediatra Luci Pfeiffer, homenageada com a Medalha de Lucas em 2021, na idealização e implementação do projeto Dedicada (Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente), que atua na defesa da infância saudável e proteção a crianças e adolescentes em situação de risco. O projeto nasceu no início dos anos 2000 e atualmente funciona com o apoio da Associação dos Amigos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). “Era tudo voluntário, mas a gente nunca entendeu como voluntariado, mas como uma missão”, ele se recorda.



Luiz Ernesto Pujol, a esposa Beatriz e o presidente do CRM-PR, Roberto Yosida, que fez a entrega da Medalha de Lucas de 2022. À direita, quando teve foto na galeria de presidentes, lado de Dr. Wilmar Mendonça Guimarães, seu sucessor em 2017.

Além disso, atendia em seu consultório particular e também participava ativamente de diretorias da Sociedade Paranaense de Pediatria (SPP), onde foi tesoureiro, ouvidor e secretário-geral, e da Associação Médica do Paraná (AMP), na qual foi secretário-geral, segundo tesoureiro e atualmente compõe o Departamento de Defesa Profissional.

No CRM-PR, iniciou em 2003 como conselheiro suplente. Em 2013, foi eleito conselheiro efetivo, tendo assumido o cargo de vice-presidente de outubro de 2013 a maio de 2015 e a presidência da Casa de junho de 2015 a janeiro de 2017, tornando-se o 21º presidente do Conselho do Paraná. Na ocasião de sua posse, destacou a honra e a responsabilidade da nova função: “Tenho ciência de que serão muitos os obstáculos a serem superados para que possamos resgatar a dignidade da Medicina e recuperarmos a merecida qualidade dos serviços de saúde deste País. É chegado o momento no qual cada um dos médicos deve assumir o seu papel e a sua efetiva participação em prol de seus direitos e deveres perante a sociedade.”

Ao longo de sua gestão na direção do CRM-PR, manteve-se fiel aos princípios que sempre o nortearam, destacando o papel do médico em relação aos seus pacientes. “Aos médicos cabe, a cada doente que atendem, acolhê-los com respeito e consideração, oferecer-lhes o que há de melhor tecnicamente com a humildade de ouvi-los e se envolverem na procura da melhor solução para suas queixas, mesmo aquelas que lhe pareçam sem muito valor, mas que ao doente muito angustia”, frisou em entrevista à Revista Ampla logo após assumir o novo cargo.

DEDICAÇÃO AOS PACIENTES

“Tudo o que fiz e conquistei foi com muita dedicação, mas principalmente pelos meus doentes, até hoje”, pondera o pediatra. Entre os mais de 40 mil pacientes, um deles é também conselheiro do CRM-PR na atual gestão, o oftalmologista Fernando Cesar Abib, que é natural de

Irati: “Em 1977 como paciente, em 1983 como calouro de medicina, em 1989 como médico, em 1998 como professor e em 2013 como conselheiro... em todas estas fases da minha vida Dr. Pujol sempre demonstrou o melhor do ser humano! Mas não somente para mim, vive para a medicina, vive para auxiliar quem necessite... na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, tal qual professamos em um voluntário enlace. Dr. Pujol em uma palavra... Exemplo!”

Tendo atendido diferentes gerações, o Dr. Pujol conquistou o respeito e admiração dos colegas por sempre ter atendido seus pacientes, a despeito da remuneração. “Nunca perguntei para doente nenhum se poderia pagar a consulta. Se pudesse, ele pagava para minha secretária”, ele conta. “Não fiz da Medicina um comércio, o que me orgulho. Não acho que fiz um sacerdócio, mas uma missão: era o que eu queria fazer, eu queria ser esse médico.”

Fazendo um retrospecto de sua trajetória, o pediatra demonstra satisfação pelo caminho percorrido, tanto do ponto de vista profissional quanto do pessoal. “Eu tenho muita sorte na vida”, ele reflete, enumerando a sua fortuna por ter tido pais dedicados, uma esposa companheira, excelentes filhos e um trabalho bem-sucedido em seu consultório e como médico do Estado.

Há cerca de quatro anos, após cuidar de tantos pacientes, ele recebeu o diagnóstico de um câncer em fase bastante avançada, em metástase. “Fizeram todos os exames e me disseram que eu teria seis meses de vida. Mas havia um medicamento que poderia me manter vivo, apesar de não curar”, ele explica. Toda essa situação, no entanto, não o impediu de continuar atuando ativamente no Conselho e demais atividades de seu cotidiano, mesmo diante da eclosão da pandemia e de todas as incertezas trazidas com ela. “Isso não me faz parar de querer continuar a estudar, de ler, de tentar ajudar os outros”, ele frisa, acrescentando: “Nasci para ser esse médico, que se dedica ao doente, e faria tudo novamente.” **❶**

OS CONDECORADOS

A Medalha de Lucas – Tributo ao Mérito Médico – já foi conferida aos seguintes profissionais:



- 1996 **Dr. Hélio Brandão.** Fundador do Clube da Soda. Faleceu em 2017.
- 1997 **Dr. José Raul Matte, o Padre Raul.** Pediatra, dedicou-se por quase meio século em prol dos ribeirinhos da Amazônia. Faleceu em 2021.
- 2000 **Dra. Zilda Arns Neumann.** Pediatra, fundadora da Pastoral da Criança. Faleceu em 2010.
- 2002 **Dr. Júlio Raphael Gomel,** Urologista, fundador do Lar Bom Caminho, em Curitiba. Faleceu em 2016.
- 2003 **Dr. Júpiter Viloz Silveira.** Um dos fundadores da Casa do Caminho, de Londrina.
- 2007 **Dr. José Maria de Araújo Perpétuo.** Pioneiro em Palmas (PR) e envolvido em vários projetos sociais e de voluntariado. Faleceu em 2009.
- 2007 **Dr. José Justino Filgueiras Alves Pereira.** Fundador de várias APAEs, incluindo de Curitiba e Ibiporã. Faleceu em 2012.
- 2007 **Dr. Ivan Beira Fontoura.** Pediatra, com histórico de vida dedicada ao trabalho voluntário, especialmente no litoral.
- 2010 **Dr. João Manuel Cardoso Martins.** Especialista em Clínica Médica e Professor da PUCPR durante 40 anos. Propagador da ética e humanismo. Faleceu em 2014.
- 2011 **Dr. Frank Ogatta.** Gineco-obstetra, foi idealizador de projeto médico de atendimento preventivo itinerante aos idosos da comunidade nipônica do Paraná. Faleceu em 2019.
- 2011 **Dr. Ehrenfried Othmar Wittig.** Neurologista e professor da UFPR, foi pioneiro e introdutor no Paraná de programa de triagem neonatal, o “Teste do Pezinho”.
- 2013 **Dr. Antonio Lucio Duarte.** Oftalmologista, fundador de várias APAEs, entre elas a Escola Mundo Colorido, em Francisco Beltrão.
- 2017 **Dr. Luiz Carlos Sobania.** Ortopedista e professor da UFPR, foi um dos idealizadores do projeto do Siate, pioneiro no Brasil.
- 2017 **Dr. João Henrique Steffen Júnior.** Gineco-obstetra, foi um dos fundadores do Curso de Medicina da UEL, do Hospital Evangélico de Londrina e do Rotary Club Londrina Norte. Faleceu em 2018.
- 2019 **Dra. Helen Anne Butler Muralha.** Gineco-obstetra responsável por milhares de nascimentos, tendo especial dedicação a projetos sociais e culturais.
- 2019 **Dr. Nobuaki Hasegawa.** Oftalmologista fundador do Hospital de Olhos de Londrina e responsável por vários projetos sociais e filantrópicos em seu campo de atuação.
- 2020 **Dra. Mariângela Batista Galvão Simão.** Pediatra, dedica-se à saúde pública há 40 anos, ajudou a idealizar o Mãe Curitiba e outros projetos assistenciais. Atua hoje na OMS.
- 2021 **Dra. Luci Yara Batista Pfeiffer (CRM-PR 4.646).** Pediatra que se dedicou à defesa das crianças em situação de risco e fundou o projeto Dedicar.

Franklin Delano Roosevelt

O legado no combate à poliomielite

Paralisia não inibiu trajetória de um dos maiores líderes mundiais da história; foi o único presidente americano com deficiência



“ELE SE LEVANTOU DE UMA CADEIRA DE RODAS PARA LEVANTAR A NAÇÃO AJOELHADA”.

DECLARAÇÃO DADA EM 2007 POR JEAN EDWARD SMITH, BIÓGRAFO DE ROOSEVELT.

Considerado um dos grandes estadistas norte-americanos, Franklin Delano Roosevelt (FDR), o 32º presidente dos Estados Unidos, colecionou feitos ao longo de sua vida e de seus quatro mandatos à frente da Casa Branca. Nascido em uma rica família nova-iorquina e casado com Eleanor Roosevelt, sua prima de 5º grau e sobrinha do presidente Theodore Roosevelt (1901-1909), graduou-se pela Universidade de Harvard e frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Columbia. Aos 28 anos de idade, em 1910, FDR elegeu-se senador pelo Estado de Nova York, sendo posteriormente nomeado secretário-adjunto da Marinha pelo então presidente Woodrow Wilson, no período da Primeira Guerra Mundial. Em 1920, concorreu ao cargo de vice-presidente pelo Partido Democrata, em uma preparação para se tornar o candidato natural à principal vaga em um futuro próximo.

No ano seguinte, sua trajetória poderia ter atingido o que as narrativas literárias e cinematográficas chamam de ponto de virada, momento em que um acontecimento traz modificações que mudarão o curso do herói em sua jornada. Aos 39 anos, em plena ascensão política, uma doença paralisou seus membros inferiores de forma permanente. O diagnóstico oficial era de que o político que seria responsável pela condução de um dos maiores planos de recuperação econômica já vistos no mundo contemporâneo – o chamado *New Deal*, que tirou os Estados Unidos da Grande Depressão – fora acometido pela poliomielite, doença infectocontagiosa viral muito comum até então. Apesar disso, contra todas as expectativas, a limitação física não o impediu de continuar conquistando objetivos cada vez mais altos.

Em uma época em que deficiências eram tidas como vergonhosas e incapacitantes por grande parte da sociedade e em que pautas sobre inclusão e acessibilidade seriam debatidas somente muitos anos mais tarde, FDR foi hábil em manter sua paralisia longe dos holofotes, de forma a não interferir em sua profícua vida política. Assim como outros presidentes americanos – Wilson, em uma situação limítrofe, omitiu por quase dois anos as sequelas de um grave Acidente Vascular Cerebral (AVC), permanecendo no cargo até o término de seu segundo mandato –, Roosevelt nunca admitiu sua real condição de saúde publicamente, utilizando-se de artifícios como o apoio constante de ajudantes e equipamentos para manter-se em pé em público ou outras formas de disfarçar a sua condição, como uma grande cadeira de vime dotada de discretas rodas.

Assim, FDR logrou êxito em manter o curso ascendente de sua carreira. Sete anos após ter sido acometido pela doença, elegeu-se governador do Estado de Nova York. Tornou-se presidente dos EUA logo depois, em 1932, assumindo o primeiro de quatro mandatos consecutivos e permanecendo à frente dos EUA até 1945, pouco antes do final da 2ª Guerra. Ao assumir a presidência do país, moralmente abalado pela grave crise financeira, ajudou os americanos a recuperarem a autoconfiança, transformando-os na maior potência econômica mundial do século XX, posição que, a despeito dos abalos dos últimos anos, mantém até os dias atuais. “A única coisa da qual devemos ter medo é do medo em si”, asseverou.

Anos mais tarde, já com a saúde bastante debilitada, vislumbrou o que futuramente se tornaria a Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de resolver os conflitos internacionais de forma pacífica. Sua esposa, Eleanor, conduziu a formulação da Declaração Universal dos Direitos do Homem – documento fundamental na história dos Direitos Humanos – como representante de seu país nas Nações Unidas, alguns anos após a morte do marido, em 1945, por um AVC hemorrágico, aos 63 anos.

PESQUISA E INSPIRAÇÃO

Embora não tenha assumido a paralisia publicamente, Franklin Delano Roosevelt colaborou de forma decisiva na pesquisa e tratamento da poliomielite. Após o seu diagnóstico (o qual, atualmente, aventa-se ser mais compatível com a *Síndrome de Guillain-Barré*), fundou um centro de reabilitação no Estado da Geórgia, que frequentou periodicamente até sua morte, em abril de 1945. Utilizando grande parte de sua herança, adquiriu a propriedade *Meriwether Inn*, cujas águas termais eram utilizadas para atividades de hidroterapia. Atualmente, o centro é denominado *Roosevelt Warm Springs Institute for Rehabilitation* e é administrado pelo governo da Geórgia.

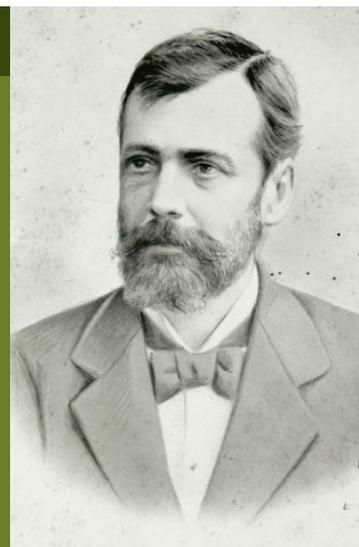
Além disso, em 1938, FDR criou a Fundação Nacional para a Paralisia Infantil (*March of Dimes*), que atuou no desenvolvimento da vacina contra a poliomielite, erradicando a doença nos EUA. Em atividade até os dias atuais, a entidade trabalha em prol da saúde de gestantes e bebês por meio de pesquisas, campanhas educativas e *advocacy*. **i**

Antologia

*“Podemos ser amigos simplesmente,
coisas do amor nunca mais...”*

FERNANDO LOBO (1915/1996).

Embora brilhante, por ser uma síntese do desejo de sentimentos falidos, e uma postura madura de convivência, raramente dá certo. Qualquer que seja a nobreza dos grãos, depois de requentado todo café é igual. Como no complemento poético de Chuvas do Verão, “amores do passado, no presente, repetem velhos temas tão banais”.



A PERSEVERANTE TRAJETÓRIA DE UMA **NOBEL DA PAZ**

Jane Addams deixou de ser médica por causa da saúde frágil, mas levou adiante ideais que a consagraram como líder pacifista e a “mãe do trabalho social”.

Conhecida como “a mãe do trabalho social”, Jane Addams foi a segunda mulher laureada com o Nobel da Paz, em reconhecimento aos seus esforços em problemas maternos, como as necessidades das crianças pequenas, saúde pública e acessível e a paz mundial. Foi uma pioneira ativista, assistente social, socióloga, filósofa, pacifista, feminista e reformadora estadunidense. Foi fundadora, em 1889, da *Hull House*, casa de abrigo e atividades culturais que abriu suas portas para os imigrantes recém-chegados aos Estados Unidos. Na década de 1920 chegou a ter quase 500 espaços de abrigo.

Jane recebeu o Prêmio Nobel em 1931, juntamente com o educador e diplomata Nicholas Murray Butler, este por promover o Pacto Briand-Kellogg, ou Pacto de Paris, tratado internacional estipulando a renúncia à guerra como instrumento de política nacional. Jane tinha 71 anos quando foi distinguida com a honraria e morreria quatro anos depois. Antes dela, em 1905, a pacifista e escritora Bertha von Suttner tinha sido a primeira mulher a receber o Nobel, por ter contribuído para a criação do prêmio e por ter escrito a obra *Abaixo as Armas*.

Embora descendente de próspera família de ancestralidade inglesa, enfrentou muitas adversidades. A mais nova entre oito irmãos, teve três deles mortos ainda na infância e outro aos 16. A mãe, Sarah, faleceu quando ela tinha apenas dois anos. Aos quatro, teve tuberculose vertebral, o chamado Mal de Pott, que causaria curvatura em



sua coluna, e uma vida marcada por problemas de saúde. Mesmo expondo sua timidez no convívio com outras crianças, por causa do defeito físico (corcunda), era inteligente e decidida. Já aos 10 anos expressava o desejo de fazer algo benéfico à população carente, seguindo o pensamento da mãe generosa com os pobres.

O sonho de Jane era tornar-se médica para levar adiante seus sonhos, e, embora encorajada pelo pai a seguir para o curso superior, ele não a queria distante, o que a fez optar num primeiro

momento por um curso de curta duração. A morte repentina do pai, de apendicite aguda, mudaria os planos da família, fazendo com que Jane mudasse para Filadélfia com a irmã Alice, cujo marido, Harry, já começava a praticar a medicina. Jane e Alice ingressaram no curso médico do *Woman's Medical College of Philadelphia*. Os problemas de saúde, uma cirurgia na coluna e um colapso nervoso impediram Jane de colar grau. O cunhado Harry fez nova cirurgia na coluna dela, na esperança de tentar endireitá-la. Sem êxito, aconselhou-a a deixar os estudos e viajar. Depois de dois anos na Europa, decidiu que não precisava ser médica para ajudar as pessoas carentes.

Jane era devoradora de livros e se inspirava muito no que lia. Foi assim que teve a ideia de criar uma casa de acolhida, indo visitar a primeira criada no mundo, a *Toynbee Hall*, em Londres. Assim ela descreveu o que viu: “(...) uma comunidade de universitários vive ali, tendo seus clubes de recreação e associação com todo o tipo de pes-

*Jane Addams,
visionária e
altruísta. Seu nome
está inserido no
National Women's
Hall of Fame.*



soa carente, ainda que vivendo em seu próprio círculo. É tão libertador 'o de fazer o bem de maneira profissional', tão incrivelmente sincero e tão produtivo com bons resultados em suas classes e bibliotecas que parece perfeitamente ideal."

Mais tarde, Jane se associaria à amiga Ellen Gates Starr para levar adiante seu sonho de tornar realidade a casa de acolhida, que tivesse função de esforço sem fim estimular a cultura e fazer as coisas conjuntamente. O esforço sem fim de Jane era a história de sua vida, revigorando a própria cultura ao se reconectar com a diversidade e expor a necessidade de uma reforma social. Jane e Ellen desenvolveram três princípios éticos para suas obras sociais: ensinar pelo exemplo, praticar a cooperação e praticar a democracia social. A *Hull House* surgiu em 1889 e foi ganhando destaque pelos efeitos altamente positivos em questões como desenvolvimento e proteção infantil, bem-estar social, aculturação e saúde preventiva, passando pela discussão de outras, como racismo, exploração de menores, abuso de drogas e prostituição. Esse tema foi tratado em seu livro *A New Conscience and Ancient Evil*,

publicado em 1912, período de intenso tráfico de pessoas.

Em janeiro de 1915, Jane foi uma das fundadoras e presidente da Liga Internacional de Mulheres pela Paz e Liberdade, que desempenhou importante papel para o fim da Primeira Guerra, e ainda em 1920 seria cofundadora da União Americana pelas Liberdades Civis. Primeira mulher a receber um doutorado honorário da Universidade Yale, era requisitada conferencista nas Américas, Europa e Ásia sobre temas humanitários, de pacificação e em defesa do desarmamento das grandes potências mundiais. Após sofrer infarto em 1926, não se recuperou totalmente. No mesmo dia em que o Nobel lhe foi conferido em Oslo, ela foi internada em hospital de Baltimore. Faleceu em 21 de maio de 1935, três dias depois de uma cirurgia revelar um câncer não diagnosticado. Seu funeral foi no jardim da *Hull House* e o corpo, sepultado na cidade natal Cedarville, Illinois.

O nome de Jane foi inserido no *National Women's Hall of Fame*, em 1973, ano inaugural do primeiro grupo de personalidades homenageadas e que incluiu Helen Adams Keller, também presente nesta edição do *Iátrico*. **❶**

Epigrama

O editor de livros é uma espécie de obstetra. Mas, por mais competente que seja, ajuda dar à luz muitos prematuros e malformados.

Superando desafios: **As vivências de uma queimadura corporal.** *O que podemos aprender com a dor?*

DRA. KÁTIA SHEYLLA MALTA PURIM

“Não importa quanto a vida possa ser ruim, sempre existe algo que você pode fazer, e triunfar. Enquanto há vida, há esperança”.

STEPHEN HAWKING

Muito embora na maioria das vezes a superação seja atrelada a grandes feitos heroicos e inspirativos de cunho sociocultural, profissional, econômico, cognitivo ou esportivo, pode ser entendida também como um percurso de enfrentamento das dificuldades com mais coragem, determinação e vontade de vencer. Superação é o processo de adotar novos hábitos e comportamentos que resultam em crescimento pessoal. Pequenas atitudes podem promover grandes resultados!

Cada um tem sua maneira de lidar com as adversidades, com os traumas, com os preconceitos, com as doenças, com o estresse e exigências do cotidiano. Circunstâncias boas e ruins em diferentes contextos, cenários, ambientes e dimensões podem treinar nosso olhar para além do sofrimento e para escolhas de caminhos que possibilitem melhor qualidade de vida.

Assim como muitas pessoas, já passei por situações desagradáveis, como eventos infecciosos (rubéola, sarampo, varicela, coqueluche, covid etc.), quedas com fraturas, asfixia/afogamento no mar, capotagem de carro em um viaduto, entre outros riscos de vida. Porém, uma condição que me marcou profundamente foi uma queimadura extensa em hemitorço direito sofrida na infância.

Esse acidente gerou muitas bolhas, restrição da mobilidade e feridas dolorosas com necessidade de desbridamentos e

trocadas diárias de curativos até a completa e longa recuperação!

Vivenciar a dor, o desconforto, as dificuldades do tratamento diário, a presença de feridas abertas pelo corpo, as limitações da autonomia e o medo das consequências desta queimadura foi minimizado pela assistência médica recebida. Fui atendida por profissionais de saúde comprometidos com sua missão. Também meus pais me auxiliaram a superar os obstáculos com mais força, paciência e ânimo.

Mais tarde, durante a trajetória no curso de medicina e no exercício da profissão, convivendo com pacientes portadores de feridas extensas no corpo por diferentes causas, pude ressignificar a experiência traumática da queimadura através de outra perspectiva: a gratidão por estar viva, sadia e sem sequelas.

Cada novo dia traz novas oportunidades de aprender melhor a valorizar minha família e amigos, a respeitar as pessoas, a encarar as adversidades como desafios, a entender o erro como chance de crescimento, a lidar com as frustrações, a exercitar a fé e a esperança, a desenvolver novas habilidades e manter o foco para cumprir o meu propósito – ser parte da solução!

Enfim, as vivências da queimadura contribuíram para gerar sementes de resiliência! Tecendo os fios da história, percebo que isso influenciou no meu desenvolvimento e escolha profissional. **❶**

Terreno fértil para cultivar a resiliência

Desenvolver leque de habilidades positivas é o que pode nos ajudar a lidar melhor com os desafios, recuperar mais rapidamente das situações de estresse ou, pelo menos, fazer a escolha de um caminho mais promissor à mudança. Sempre é possível aprender maneiras saudáveis de superar obstáculos, que se avultaram com o advento da pandemia e que alcançou a todos.



- 1. Aprenda a se divertir e a relaxar.** *Quando o corpo está são, a mente também fica. Fazer atividades que você gosta e cuidar de si ajuda a manter a mente e o corpo prontos para situações que exigem resiliência.*
- 2. Prepare-se para o melhor cenário.** *Vale mais a pena se alimentar de esperança do que de medo. Tente visualizar o que você quer em vez de se preocupar com o que teme.*
- 3. Compreenda que tudo é uma questão de perspectiva.** *Tempestades não cabem em um copo d'água. Tente ver a situação estressante em um contexto mais amplo e mantenha uma perspectiva de longo prazo.*
- 4. Veja a si mesmo de forma positiva.** *Só você tem o poder de resolver todos os seus problemas. Desenvolver confiança em suas capacidades e seguir os seus instintos ajuda a criar resiliência.*
- 5. Procure meios de autodesenvolvimento.** *Pessoas mais fortes são aquelas que realmente treinam para vencer. Mesmo em contratempos, procure aprender algo a cada dia para continuar crescendo de alguma forma.*
- 6. Tome decisões em vez de fugir.** *Procrastinar só aumenta o estresse. Então, realizar medidas é melhor do que ignorar problemas ou simplesmente desejar que eles desapareçam.*
- 7. Lute por seus objetivos.** *Meta realista é a que pode ser cultivada de imediato. Crie objetivos realizáveis e faça algo todos os dias para que você chegue mais perto deles, mesmo que a conquista pareça pequena.*
- 8. Aceite que a mudança faz parte da vida.** *Dê menos murros em ponta de faca. Deixe de lado as circunstâncias que você não pode mudar e concentre-se naquilo que você sabe que consegue alterar.*
- 9. Evite o pensamento catastrófico.** *Lembre-se que as crises são passageiras. Procure olhar além do presente e pense que, no futuro, as coisas vão melhorar.*
- 10. Conecte-se com outras pessoas.** *O apoio e a gratidão compensam. Por isso, é importante construir bons relacionamentos com familiares, amigos e outras pessoas importantes em sua vida. ⓘ*

Com excertos da American Psychological Association (APA).



DR. JOSÉ CLEMENTE LINHARES

A comida e a superação

Quando o tema da revista ficou definido como “superação”, fiquei pensando onde uma coluna de culinária se enquadraria.

Sempre vi a oportunidade de uma refeição ser muito mais que a simples satisfação de uma necessidade fisiológica. Ela permite profundas interações sociais, reúne famílias, comemora vitórias, é fonte de solidariedade, é reconfortante e tantas outras coisas.

Mas quando se fala em superação vinculada à comida, temos inúmeros exemplos em diferentes épocas e situações.

Chamou-me atenção quando li um artigo sobre a criação do macarrão instantâneo no Japão, um prato que lá se tornou popular após a Segunda Guerra Mundial por ser barato (água, farinha e sal). Foi criado em 1958 por Momofuku Ando, fundador da *Nissin Food Products Co. Ltd.* É a base do *lamen*, basicamente o macarrão que fica pronto em três minutos em algum tipo de caldo.

Curiosamente, com o Japão se expandindo rapidamente, os trabalhadores não tinham mais de 20 minutos para se alimentar, o que transformou o macarrão instantâneo na opção ideal para uma refeição com tempo contado.

Em nossas terras tivemos outro exemplo de superação ligado à gastronomia, desta vez protagonizada pela Oktoberfest, em Blumenau (SC). Após a trágica inundação provocada pela enchente do Rio Itajaí-Açu, em 1984, foi criado o maior festival de tradições germânicas do Brasil, com proporções carnavalescas e 18 dias de duração com o objetivo de recuperar a economia e levantar a moral dos habitantes da cidade. Desde sua primeira edição, a festa tem sido um sucesso, atraindo cerca de 700 mil participantes por ano. Quem conhece a Vila Germânica, em Blumenau, pode ter ideia da dimensão da importância dessa festa na economia da cidade.

Não é só nos restaurantes e festas que o alimento se destaca. A organização internacional humanitária Médicos

Sem Fronteiras (MSF) comprovou que o uso do modelo de atenção nutricional ambulatoria no combate à desnutrição é muito mais eficaz do que o método tradicional, constituindo um grande avanço médico. A aplicação dessa técnica foi possível graças à utilização de alimentos terapêuticos preparados (em inglês, *Ready to Use Therapeutic Food* ou *RUTF*), que em geral consistem em uma pasta à base de amendoim rica em micro e macronutrientes, cuja apresentação em doses individuais permite que sejam ingeridos diretamente, sem a necessidade de serem misturados com água em outros recipientes. Eles também não precisam de condições especiais de conservação. Isso permite tratar crianças com desnutrição aguda severa sem ter que hospitalizá-las.

A atenção ambulatoria, associada a um acompanhamento médico menor e a um tratamento realizado em casa, com garantias suficientes de higiene e segurança, permite tratar 10 vezes mais crianças que os centros nutricionais tradicionais. Através desse método, o MSF pôde, por exemplo, tratar mais de 63 mil crianças desnutridas em várias regiões do Níger em um ano.

É evidente que o interesse por esse tipo de tratamento vai muito mais além do que no Níger. Em todo o mundo, a cada ano morrem 11 milhões de crianças menores de cinco anos por doenças que podem ser controladas e prevenidas em países em desenvolvimento.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) vai distribuir, entre o final deste ano e julho de 2023, alimentos terapêuticos para salvar mais de 12.600 crianças menores de cinco anos afetadas pela desnutrição, no sul de Angola.

Com os fundos disponibilizados, vão ser adquiridas e distribuídas cerca de 12.600 caixas de alimento terapêutico e realizada a formação de profissionais de saúde para o aumento de conhecimento sobre o Protocolo Nacional de Gestão Integrada da Desnutrição Aguda nessas províncias. **❶**



LAMEN (OU RAMEN)

INGREDIENTES

- 200 g de macarrão oriental para *yakissoba*;
- 2 xícaras (chá) de caldo de peixe;
- 1 colher (sopa) de azeite;
- 2 colheres (sopa) de gengibre ralado;
- ½ cenoura ralada;
- ½ pepino ralado;
- ½ xícara (chá) de broto de bambu;
- 1 xícara (chá) de *kani-kama* desfiado;
- ¼ de xícara (chá) de cebolinha fatiada.

Seja também um protagonista desta superação. Para as duas últimas iniciativas é possível doar a partir dos seguintes endereços:

doe.msf.org.br

doe.unicef.org.br

brasil.unicef.org.br

MODO DE PREPARO

1. Leve uma panela com o caldo de peixe ao fogo alto. Quando ferver, coloque o macarrão e deixe cozinhar conforme as instruções da embalagem. Se preferir, use macarrão instantâneo. Enquanto isso, prepare o refogado.
2. Numa frigideira, aqueça o azeite no fogo médio. Quando esquentar, coloque o gengibre e deixe dourar por 1 minuto. Acrescente a cenoura e o pepino e refogue por 3 minutos. Junte o broto de bambu e o *kani-kama*. Mexa bem e desligue o fogo.
3. Em duas tigelas, divida o macarrão, coloque o caldo bem quente e o refogado. Salpique com a cebolinha e sirva a seguir.



O Sol em diferentes formas de nascer

Luca Vanzella, astrônomo canadense, passou um ano registrando o nascer do Sol em todos os meses, de dezembro de 2020 a dezembro de 2021. A sequência de imagens, publicada pela Nasa, mostra como a direção do astro-rei claramente muda com o passar do tempo. Embora sempre nasça a leste e se ponha a oeste, a posição de nascimento muda perto dos solstícios, que marcam as estações. O Sol, em nosso sistema solar, é fonte de luz e de vida. Tem suas peculiaridades tal qual cada um de nós. Independência, força de vontade e atitude nos diferenciam e nos permitem mais ou menos brilho.



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br